

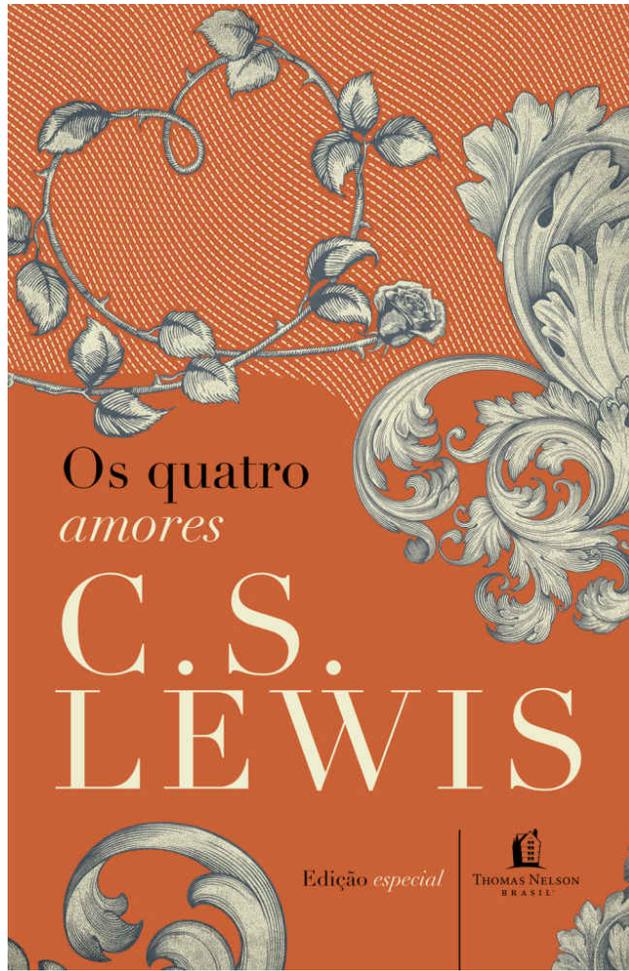


Os quatro
amores

C. S.
LEWIS

Edição *especial*


THOMAS NELSON
BRASIL



Os quatro
amores

C.S.
LEWIS

Edição *especial*


THOMAS NELSON
BRASIL

Os quatro
amores

C.S.
LEWIS

Edição *especial*



THOMAS NELSON
BRASIL



Título original: *The Four Loves*

Copyright © C. S. Lewis Pte Ltd 1960

Edição original por HarperCollins *Publishers*. Todos os direitos reservados.

Copyright de tradução © Vida Melhor Editora S.A., 2017.

Todos os direitos desta publicação são reservados por Vida Melhor Editora, S.A.

As citações bíblicas são da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblia, Inc., a menos que seja especificada outra versão da Bíblia Sagrada.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

Publisher *Omar de Souza*
Gerente editorial *Samuel Coto*
Editor *André Lodos Tangerino*
Assistente editorial *Bruna Gomes*
Copidesque *Magno Paganelli*
Revisão *Jean Carlos Xavier e Giuliana Castorino Fernanda*
Projeto gráfico e diagramação *Sonia Peticov*
Capa *Rafael Brum*
Conversão para e-book *Abreu's System*

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

L652q

Lewis, C. S.

Os quatro amores / C. S. Lewis; traduzido por Estevan Kirschner. 1ª ed. — Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

Tradução de: *The Four Loves*

ISBN 9788578601607

1. Casamento 2. Amor I. Kirschner, Estevan II. Título.

17-43541

CDD: 646.78

CDU: 329.3

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora, S. A.

Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora S.A.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro

Rio de Janeiro – RJ – CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.thomasnelson.com.br

SUMÁRIO

[Introdução](#)

[Capítulo 1 | *O gostar e o amar em relação aos sub-humanos*](#)

[Capítulo 2 | *Afeição*](#)

[Capítulo 3 | *Amizade*](#)

[Capítulo 4 | *Eros*](#)

[Capítulo 5 | *Caridade*](#)

Os quatro *amores*

Clive Staples Lewis (1898-1963) foi um dos gigantes intelectuais do século XX e provavelmente o escritor mais influente de seu tempo. Era professor e tutor de literatura inglesa na Universidade de Oxford até 1954, quando foi unanimemente eleito para a cadeira de Inglês Medieval e Renascentista na Universidade de Cambridge, posição que manteve até a aposentadoria. Lewis escreveu mais de 30 livros que lhe permitiram alcançar um vasto público, e suas obras continuam a atrair milhares de novos leitores a cada ano.

“Que nossos afetos não nos matem nem morram.”

DONNE

INTRODUÇÃO

“Deus é amor”, diz o apóstolo João. No princípio, quando pensei em escrever este livro, imaginava que essa máxima me mostraria um caminho sem quaisquer percalços ao abordar o assunto. Pensava que seria capaz de dizer que os amores humanos mereciam somente ser chamados de amores pelo fato de terem alguma semelhança com o Amor que é Deus. A primeira distinção que fiz, portanto, foi entre aquilo que denominei amor-Dádiva e amor- -Necessidade. Um exemplo típico do amor-Dádiva seria o amor que move um homem a trabalhar, planejar e guardar dinheiro para o futuro bem-estar de sua família, que ele morrerá sem ver ou desfrutar. Um exemplo do segundo amor é aquele que impulsiona uma criança sozinha ou assustada para os braços de sua mãe.

Não havia dúvida sobre qual era mais parecido com o Amor que é próprio de Deus. O Amor divino é o amor--Dádiva. O Pai dá tudo que é e tem ao Filho. O Filho dá a si mesmo de volta ao Pai, e dá a si mesmo ao mundo, e pelo mundo ao Pai, e assim dá o mundo (em si mesmo) de volta ao Pai também.

Por outro lado, o que pode ser menos parecido com qualquer coisa que cremos a respeito da vida de Deus que o amor-Necessidade? Ele não tem falta de nada, mas o nosso amor-Necessidade, como viu Platão, “é o filho da Pobreza”. Em nossa conscientização, é o reflexo exato da própria real natureza. Nascemos desamparados. Logo que estamos totalmente conscientes, descobrimos a solidão. Precisamos dos outros física, emocional e intelectualmente; precisamos dos outros se queremos saber qualquer coisa, até de nós mesmos.

Eu esperava escrever elogios fáceis para o primeiro tipo de amor e depreciações para o segundo. E muito daquilo que pretendia dizer

ainda me parece ser verdadeiro. Ainda penso que se tudo que exprimimos por nosso amor é um desejo de ser amado, então estamos num estado bem deplorável. No entanto, (assim como meu mestre, MacDonald)¹ não diria que, se queremos exprimir apenas essa aspiração, estamos confundindo com amor algo que não é amor de maneira nenhuma. Não posso negar agora o nome *amor* para o amor-Necessidade. Todas as vezes que tentei imaginar isso com base nessas premissas acabei diante de enigmas e contradições. A realidade é mais complicada do que eu presumia.

Em primeiro lugar, violentamos a maior parte das línguas, incluindo a nossa própria, se não chamarmos amor-Necessidade de “amor”. É verdade que a língua não é um guia infalível, mas, apesar de todos os seus defeitos, ela contém um bom estoque de percepção e experiência. Se começarmos a menosprezá-la, ela terá como se vingar mais tarde. É melhor não seguir Humpty Dumpty², fazendo com que as palavras signifiquem qualquer coisa que quisermos.

Em segundo lugar, devemos ser cautelosos quanto a chamar o “mero egoísmo” de amor-Necessidade, uma vez que *mero* é sempre uma palavra perigosa. Não há dúvida de que amor-Necessidade, assim como todos os nossos impulsos, pode ser egoisticamente satisfeito. Uma demanda tirânica e voraz por afeição pode ser horrível. Entretanto, na vida diária, ninguém chama uma criança de egoísta só porque ela busca conforto em sua mãe, ou um adulto “companhia” em seu par. Normalmente, crianças ou adultos que menos o fazem não são os mais desprendidos. Onde o amor-Necessidade é sentido, poderá haver razões para negá-lo ou mortificá-lo completamente; mas não sentir esse amor é, em geral, a marca do egoísta frio. Tendo em vista que, na verdade, precisamos uns dos outros (“Não é bom o homem estar só”), a falha de essa necessidade surgir como amor-Necessidade no consciente — em outras palavras, o sentimento ilusório de que é bom para nós estarmos sós — é um sintoma espiritual ruim; assim como a falta de apetite é um sintoma médico ruim porque nós realmente precisamos de comida.

Mas, em terceiro lugar, chegamos a algo muito mais importante. Todo cristão concordaria que a saúde espiritual de uma pessoa é

exatamente proporcional ao seu amor por Deus. Contudo, o amor de uma pessoa por Deus, a partir da própria natureza do caso, deverá ser sempre em grande medida e muito frequentemente um amor-Necessidade em sua totalidade. Isso é evidente quando imploramos pelo perdão de nossos pecados ou por sustento em nossas tribulações. No longo prazo, porém, isso se torna talvez ainda mais aparente em nossa crescente consciência — e ela deve ser crescente — de que todo nosso ser é uma vasta necessidade por sua própria natureza; incompleta, preparatória, vazia ainda que desordenada, que clama por Ele, que é capaz de desatar aquilo que está com um amontoado de nós e de atar as coisas que ainda estejam desconectadas. Não digo que o ser humano nunca trará a Deus nenhuma coisa que não seja absoluto amor-Necessidade. Almas mais elevadas poderão falar em alcançar um patamar que esteja além disso, mas acredito que elas também seriam as primeiras a nos dizer que esses patamares deixariam de ser verdadeiras Graças, tornar-se-iam neoplatônicos ou, definitivamente, ilusões diabólicas no momento em que um homem se atrevera a pensar que pode viver a partir delas e, depois disso, eliminar o elemento de necessidade. “O mais elevado”, diz a *Imitação de Cristo*, “não existe sem o apoio do inferior.” Seria uma criatura ousada e tola aquela que vem diante de seu Criador ostentando-se: “Não sou pedinte. Eu o amo desinteressadamente”. Aqueles que se aproximam mais de um amor-Dádiva por Deus no momento seguinte, ou até naquele mesmo momento, estarão batendo no peito com o publicano, admitindo sua indigência diante do único e verdadeiro Doador. E Deus desejará que isso seja assim. Ele fala de nosso amor-Necessidade: “Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados”, ou, no Antigo Testamento, “Abra a sua boca, e eu o alimentarei”.

Assim, um amor-Necessidade, o maior de todos, ou coincide com ou ao menos faz um ingrediente principal na mais elevada, saudável e realista condição espiritual humana. Uma inferência muito estranha vem em seguida. O ser humano se aproxima mais de Deus quando estiver de certo modo menos semelhante a ele, pois o que pode ser mais contrastante que plenitude e necessidade, soberania e humildade, retidão e penitência, poder ilimitado e um grito por

socorro? Esse paradoxo me deixou perplexo quando o encontrei pela primeira vez; também arruinou todas as minhas tentativas anteriores de escrever sobre o amor. Quando o enfrentamos, algo assim parece ser o resultado.

Precisamos distinguir entre duas coisas que poderiam ser possivelmente chamadas de “proximidade de Deus”. Uma é a semelhança de Deus, o qual imprimiu algum tipo de semelhança consigo, suponho, em tudo o que fez. Espaço e tempo, à sua própria maneira, refletem sua grandeza; toda vida, sua fecundidade; a vida animal, sua atividade. Por ser racional, o ser humano possui uma semelhança mais importante que os animais. Os anjos, acreditamos, têm uma semelhança que o ser humano não tem; imortalidade e conhecimento intuitivo. Desse modo, todos os seres humanos, bons ou maus, todos os anjos, inclusive os que caíram, são mais semelhantes a Deus do que os animais. Suas naturezas são, nesse sentido, “mais próximas” à natureza divina, mas, em segundo lugar, existe aquilo que poderíamos denominar proximidade de abordagem. Se isso é o que queremos dizer, os estados em que um ser humano está “mais próximo” de Deus são aqueles nos quais ele mais certa e rapidamente se aproxima de uma união final com ele, da visão dele e da satisfação nele. E tão logo distinguimos entre proximidade e semelhança e entre proximidade e abordagem, vemos que essas duas não necessariamente coincidem. Poderão ou não coincidir.

Talvez uma analogia possa ajudar. Suponha que estejamos em uma caminhada pelas montanhas até a cidadezinha onde moramos. Ao meio-dia, chegamos ao topo de uma colina onde estaremos, em termos absolutos de distância, muito próximos de nossa cidade, que fica logo abaixo de nós. Poderíamos jogar uma pedra que a alcançaríamos, mas, por não sermos alpinistas, não conseguimos descer até ela. Temos de percorrer um longo caminho ao redor; talvez uns sete quilômetros. Durante essa volta, poderemos estar, em termos absolutos, mais distantes da cidadezinha do que estávamos quando nos sentamos acima do paredão de rochas. Mas apenas em termos absolutos. Em termos de progresso, estaremos muito mais “perto” de nossos banhos e chás.

Uma vez que Deus é bendito, onipotente, soberano e criativo, existe obviamente um sentido em que felicidade, força, liberdade e fertilidade (seja da mente ou do corpo), sempre que aparecerem na vida humana, constituem a semelhança e, desse modo, as proximidades de Deus. Entretanto, ninguém supõe que possuir essas dádivas tenha qualquer conexão necessária com a nossa santificação. Nenhum tipo de riqueza é um passaporte para o Reino dos Céus.

No alto do paredão estamos próximos de nossa cidade, mas, independentemente de quanto tempo estivermos sentados ali, nunca estaremos mais próximos de nossos banhos e chás. Assim, a semelhança, e neste sentido a proximidade de Deus, que ele conferiu a certas criaturas e a certos estados dessas criaturas, é algo completo, embutido nelas. Aquilo que estiver próximo de Deus em razão da semelhança de Deus nunca estará, unicamente por essa razão, mais próximo de Deus. Mas a proximidade por abordagem é, por definição, aproximação ampliada, e sempre que a semelhança nos é concedida — pode ser recebida com ou sem gratidão, ser usada ou abusada —, a abordagem a Deus, mesmo tendo sido iniciada e apoiada pela graça, é algo que precisamos fazer. As criaturas são feitas à imagem de Deus, de modos variáveis, sem sua própria colaboração ou seu consentimento. Não é que elas se tornam filhos de Deus. A semelhança que recebem por meio da filiação não é aquela das imagens ou dos retratos. De certa forma, é mais do que semelhança, por ser uníssona ou unida com Deus na vontade; e isso é coerente com todas as diferenças que temos considerado até aqui. Portanto, como um melhor escritor do que eu já disse, nossa imitação de Deus nesta vida — ou seja, nossa imitação deliberada, que é distinta de nossa semelhança que Deus imprimiu sobre nossas naturezas e nossos estados — deve ser uma imitação do Deus encarnado. Nosso modelo é o Jesus não apenas do Calvário, mas da carpintaria, das estradas, das multidões, das demandas estridentes e das oposições ásperas, da falta de toda tranquilidade e privacidade, e das interrupções constantes. Pois isso, tão estranhamente distinto de qualquer coisa que possamos atribuir à vida Divina em si, é aparentemente não

apenas como, mas é a própria vida Divina operando sob condições humanas.

Preciso explicar agora a razão de achar essa distinção necessária para qualquer tratamento de nossos amores. Há muito tempo, a declaração de João de que Deus é amor tem sido equilibrada em minha mente com a observação de um autor moderno (M. Denis de Rougemont) quando afirma que “o amor deixa de ser um demônio somente quando deixa de ser um deus”. Isso, é claro, pode ser afirmado de outra maneira: “o amor torna-se um demônio no momento em que se torna um deus”. Esse equilíbrio parece-me uma salvaguarda indispensável. Se o ignorarmos, a verdade de que Deus é amor poderá traiçoeiramente vir a significar para nós o inverso, isto é, que o amor é Deus.

Imagino que todos que tenham pensado no assunto compreenderão o que M. de Rougemont quis dizer. Todo amor humano, em sua condição mais elevada, tem a tendência de reivindicar uma autoridade divina para si, e sua voz tende a soar como se fosse a própria vontade de Deus. Ele não nos diz que devemos contabilizar o custo, mas exige de nós um compromisso total, tenta transcender todas as outras reivindicações e insinua que qualquer ação feita de forma sincera, “por causa do amor”, é, portanto, lícita e meritória. Algo que geralmente se percebe é a tentativa do amor erótico e do amor pela pátria “se tornarem deuses”. As afeições familiares podem fazer a mesma coisa, assim como a amizade, mas de uma forma diferente. Não vou aqui elaborar esse assunto, pois vamos nos deparar com ele diversas vezes nos capítulos posteriores.

De qualquer forma, deve-se observar que os amores naturais tornam essa reivindicação blasfema não quando estão em seu ponto mais baixo, mas quando estão em sua melhor e mais natural condição; quando são aquilo que os nossos avós chamavam de “puro” ou “nobre”. Isso se torna particularmente óbvio na esfera do erótico. Uma paixão fiel e genuinamente sacrificial de si mesma falará a nós com aquilo que parece ser a voz de Deus. A luxúria meramente animal ou frívola não fará isso. Ela corromperá aquele que nela está viciado de diversas maneiras, mas não desse modo. Uma pessoa pode agir a partir desse tipo de sentimentos, mas não

poderá reverenciá-lo mais do que alguém que se coça venha a reverenciar a coceira. A complacência temporária que uma mulher tola dispensa a uma criança mimada, que na realidade é complacência própria — sua boneca viva enquanto isso durar —, tem muito menos chance de “se tornar um deus” do que a profunda e estreita devoção de uma mulher que (na realidade) “vive para seu filho”. Também tendo a pensar que o tipo de amor que um homem tem por seu país, que é exercitado com muita cerveja e cantoria patriótica, não o levará a fazer muito estrago (ou bem) à sua pátria. Esse patriotismo estaria plenamente satisfeito quando se pedisse outra cerveja e se unisse ao coro dos que homenageiam a pátria.

E isso, claro, é o que se esperaria. Nosso amor não faz nenhuma reivindicação à divindade até que essa reivindicação se torne plausível. E ela não se tornará plausível até que haja uma semelhança real com Deus, com o próprio Amor. É importante não cometer erro nenhum neste ponto. Nossos amores-Dádivas são verdadeiramente semelhantes a Deus e entre eles — aqueles que são mais generosos e dispostos a dar são os mais semelhantes a Deus. Tudo que os poetas dizem sobre eles é verdadeiro. Sua alegria, sua energia, sua paciência, sua disposição em perdoar, seu desejo pelo bem da pessoa amada — enfim, tudo isso é real e nada mais é do que a adorável imagem da vida Divina. Em sua presença, somos justificados ao agradecer a Deus, aquele “que deu tal autoridade aos homens”. Podemos dizer, de maneira honesta e inteligível, que aqueles que amam de forma grandiosa estão mais próximos de Deus. Mas, claro, isso é “proximidade por semelhança”. Isso não produzirá “proximidade de abordagem”. A semelhança nos foi concedida, e ela não possui nenhuma conexão necessária com aquela abordagem lenta e dolorosa que deve constituir a nossa própria tarefa (embora nunca sem assistência). Enquanto isso, porém, a semelhança é um esplendor. É por isso que poderíamos confundir Semelhança com Igualdade. Poderíamos dar aos nossos amores humanos uma aliança incondicional do tipo que devemos somente a Deus. Então, nossos amores se tornariam deuses e, por consequência, demônios. Depois nos destruiriam e, também, a si mesmos, pois amores naturais que têm a pretensão de se tornar deuses não permanecem como amores. Eles são ainda assim

chamados, mas podem se tornar, de fato, formas complicadas de ódio.

Nossos amores-Necessidades podem até ser gananciosos e severos, mas não foram feitos para ser deuses. Não estão próximos o suficiente (por semelhança) de Deus para tentar isso.

Como consequência, tem sido dito que não devemos nos associar aos ídólatras nem aos “detratores” do amor humano. A idolatria, tanto do amor erótico como das “afeições domésticas”, foi o grande erro da literatura do século XIX. Autores como Browning, Kingsley e Patmore falam, às vezes, como se imaginassem que se apaixonar fosse a mesma coisa que santificação. Normalmente, romancistas contrapõem o lar “ao Mundo”, e não o Reino dos Céus. Vivemos num momento em que há uma reação contra isso. Os detratores do amor estigmatizam como emotividade e sentimentalismo muito daquilo que seus antepassados afirmavam como exaltação do amor. Estão sempre arrancando e expondo as raízes sujas de nossos amores naturais. No entanto, entendo que não devemos dar ouvidos “ao gigante demasiadamente sábio nem ao excessivamente tolo”³. O mais elevado não existe sem o apoio do inferior. Uma planta necessita ter as raízes na parte de baixo tanto quanto os raios do sol na parte de cima, e as raízes precisam estar em contato com a sujeira. Muito da sujeira é, de fato, sujeira pura se você a deixar no jardim e não tentar limpá-la na escrivaninha da biblioteca. Os amores humanos podem ser imagens gloriosas do Amor Divino. Nada menos nem mais do que isso: aproximações da semelhança que, em determinado momento, poderão ajudar e, em outro, atrapalhar a aproximação por abordagem.

¹ George MacDonald (1824–1905), pensador e escritor escocês, autor de romances de fantasia e conto de fadas. Lewis o considerava seu mentor espiritual, e foi por meio de suas obras que ele diz ter tido uma conversão de sua imaginação. [N. E.]

² Personagem que se originou em cantigas enigmáticas infantis, mais tarde popularizado em diversas obras literárias, principalmente pelo autor Lewis Carroll. [N. E.]

³ John Keats (1795-1821), *Hyperion: A Fragment* (1820), v. 2, p. 309-10. [N. C.]

o gostar e o amar em relação aos sub-humanos

A maioria das pessoas de minha geração foi repreendida quando criança por dizer que “amava” morangos. Algumas pessoas se sentem orgulhosas pelo fato de a língua inglesa possuir os dois verbos: *amar* e *gostar*, ao passo que o francês tem de se virar com o verbo *aimer* para ambos. Mas o francês tem muitas outras línguas do seu lado. De fato, com frequência, tem o próprio inglês. Quase todas as pessoas, mesmo as mais pedantes ou as mais piedosas, usam a expressão “amar” para uma comida, um jogo, ou mesmo um hobby. E existe mesmo certa continuidade entre as nossas preferências mais elementares pelas coisas e os nossos amores por pessoas. Uma vez que “o mais sublime não existe sem o mais inferior”, devemos começar com o que é inferior em nosso gostar; e desde que “gostar” de algo signifique ter algum tipo de prazer, precisamos começar pelo prazer.

Já se descobriu há muito tempo que os prazeres podem ser divididos em dois tipos: aqueles que não seriam prazeres propriamente ditos, a não ser que sejam precedidos pelo desejo; e aqueles que são prazeres em si e não necessitam de qualquer preparação.

Um exemplo do primeiro tipo seria um gole de água. Isso seria considerado um prazer se você estivesse com sede, e um grande prazer se estivesse sedento. Contudo, é bem provável que não haja ninguém no mundo, exceto em obediência à sede ou às ordens do médico, que tenha enchido um copo de água para beber apenas pelo prazer que isso lhe dá. Um exemplo do segundo tipo seria os prazeres inesperados e surpreendentes do olfato — o suave aroma

de campos floridos ou de plantações de ervilhas que lhe acometem em sua caminhada matinal pelo campo. Antes disso, você não tinha necessidade de nada, estava completamente satisfeito. O prazer desses perfumes não foi solicitado, pelo contrário, foi uma dádiva adicional. Para efeito de clareza, estou usando exemplos bastante simples, mas, é claro, existem muitas complicações. Por exemplo, se lhe derem um copo de café ou de cerveja quando você esperava receber água (que lhe deixaria plenamente satisfeito), então, é claro, você obteve um prazer do primeiro tipo (a satisfação da sua sede) ao mesmo tempo que obteve um prazer do segundo tipo (algo gostoso). De igual modo, um vício poderá transformar aquilo que era um prazer do segundo tipo em um prazer do primeiro tipo. Para uma pessoa sóbria, tomar um copo de vinho de vez em quando pode ser considerado algo especial — assim como sentir o perfume de um campo de flores —, mas para um alcoólatra, cujos paladar e digestão já foram há muito tempo destruídos, nenhuma bebida alcoólica causará qualquer prazer exceto o do alívio de uma ânsia incontrolável. Se essa pessoa ainda for capaz de discernir sabores, ela não gostará disso; mas, ainda assim, será melhor do que a infelicidade de permanecer sóbria. Dessa forma, em meio a trocas e combinações, a distinção entre os dois tipos de prazeres permanecerá razoavelmente clara. Poderíamos denominá-los prazeres-Necessidade e prazeres de Apreciação.

A semelhança entre esses prazeres-Necessidade e os “amores-Necessidade” da introdução será percebida por todos. Mas você deve lembrar que confessei ter de resistir à tendência de desprezar os amores-Necessidade e de dizer, até mesmo, que não eram amores de maneira nenhuma. Para a maioria das pessoas, a tendência pode ser oposta. Costuma ser muito fácil estender os elogios aos prazeres-Necessidade e rejeitar os de Apreciação: o primeiro é tão natural (uma palavra sujeita a arroubos da imaginação), tão necessário, tão protegido dos excessos, dada a sua própria naturalidade; o outro é desnecessário e se abre para todo tipo de luxúria e vício. Se tivéssemos dificuldade em encontrar conteúdo sobre o tema, bastaria entrar em contato e examinar as obras dos estoicos que teríamos assunto de sobra, algo como uma banheira cheia. No entanto, ao longo deste estudo nunca

deveríamos adotar uma atitude prematuramente moral ou avaliadora. De modo geral, a mente humana está muito mais propensa a louvar e depreciar do que a descrever e definir. Deseja fazer de toda a distinção uma distinção de valor. É assim que agem, por exemplo, aqueles críticos fatais que nunca são capazes de apontar a qualidade distintiva entre dois poetas sem colocá-los numa ordem de preferência, como se fossem candidatos a algum prêmio. Não deveríamos fazer nada disso com relação aos prazeres. A realidade é muito complicada. Já fomos advertidos pelo fato de que o prazer-Necessidade é o estado em que acabam os prazeres de Apreciação quando as coisas vão mal (por vício).

De qualquer modo, para nós, a importância dos dois tipos de prazer está na extensão em que prenunciam características em nossos “amores” (assim propriamente chamados).

A pessoa sedenta, mas que acabou de beber uma grande quantidade de água, poderá dizer: “Poxa vida, era isso o que eu *queria*”. Assim também o alcoólatra depois de beber uma “dose”. A pessoa que passa pela plantação de ervilhas em sua caminhada matinal está mais propensa a dizer: “Este perfume é maravilhoso”. Após o primeiro gole de um famoso vinho tinto, o especialista poderá dizer: “Este é um grande vinho”. Quando prazeres-Necessidade estão em evidência, tendemos a fazer afirmações a respeito de nós mesmos no tempo passado; quando prazeres de Apreciação estão em evidência, inclinamo-nos a fazer afirmações sobre o objeto no tempo presente. É fácil perceber a razão disso.

Shakespeare descreve a satisfação de um desejo tirânico como alguma coisa

*Perdida a razão, e logo esquecida,
Odiada razão*

Mas os mais inocentes e necessários prazeres-Necessidade têm a seu respeito algo do mesmo caráter — apenas algo, é claro. Eles não são odiados depois que os tivermos, mas certamente “morrem em nós” de forma extraordinariamente abrupta e completa. A torneira da pia e o copo cheio são mesmo muito atraentes quando entramos em casa com sede depois de cortar a grama do jardim; mas seis segundos depois se tornam vazios de qualquer interesse.

O cheiro de comida sendo feita é muito diferente antes e depois do café da manhã. E, perdoem-me por citar o exemplo mais extremo de todos. Será que nunca aconteceu de desfrutarmos momentos de alegria, digna de celebração em versos, quando (numa cidade desconhecida) lemos a palavra *homens* na placa de uma porta?

Os prazeres de Apreciação são muito diferentes. Fazem--nos sentir que algo não apenas satisfaz nossos sentidos, mas reivindicou nossa apreciação por direito. O especialista em vinhos não apreciou seu vinho tinto da mesma forma com que teria ficado satisfeito em esquentar seus pés quando estivessem frios. Ele sente que aqui está um vinho que merece toda a sua atenção; que justifica toda a tradição e a habilidade envolvidas em sua produção, e também todos os anos de treinamento que fizeram seu paladar se tornar apto para julgá-lo. Há, inclusive, uma pitada de despreendimento em sua atitude. Ele deseja que o vinho seja preservado e mantido em boa condição, não inteiramente por razões pessoais. Mesmo se ele estivesse em seu leito de morte e nunca mais fosse beber vinho de novo, ficaria horrorizado com a ideia de que esse vinho especial fosse derramado ou estragado, ou mesmo bebido por pessoas não sofisticadas (como eu), incapazes de diferenciar entre um bom e um mau vinho tinto. Assim acontece também com a pessoa que passa pela plantação de ervilhas. Essa pessoa não apenas aprecia como também sente que aquela fragrância, de alguma forma, merece ser apreciada. Iria culpar-se caso passasse pelo campo sem dar atenção ou sem se contentar. Isso seria estúpido, insensível. Seria uma pena que uma coisa tão preciosa tivesse sido desperdiçada com ele. Ele se lembrará desse momento delicioso daqui a muitos anos. Ele se lamentará quando ouvir que aquele jardim, pelo qual passou um dia em sua caminhada, foi agora engolido por cinemas, garagens e por um novo viaduto.

Do ponto de vista científico, ambos os prazeres são, sem dúvida, relativos aos nossos organismos, no entanto, os prazeres-Necessidade anunciam, de forma ruidosa, sua relatividade não apenas à nossa constituição humana, mas à sua condição passageira, e fora desta relação não possuem significado ou interesse para nós. Os objetos que produzem prazeres de

Apreciação oferecem o sentimento — irracional ou não — de que devem, de algum modo, receber atenção, ser degustados e louvados. “Seria um pecado apresentar um vinho como esse ao Lewis”, diz o especialista em vinhos tintos. “Como você pode passar por esse jardim sem sentir o seu perfume?”, perguntamos. Contudo, jamais deveríamos sentir algo parecido com relação a um prazer-Necessidade: nunca deveríamos nos culpar, ou culpar os outros, por não sentir sede e, portanto, passar pelo poço sem beber um gole de água.

Parece bastante óbvio o modo pelo qual os prazeres-Necessidade prenunciam os nossos amores-Necessidade. Neste último, a pessoa amada é vista em relação às nossas próprias necessidades do mesmo modo que a torneira da pia é percebida pelo homem sedento ou o copo de conhaque pelo alcoólatra. Assim o amor-Necessidade, bem como o prazer-Necessidade, não durará mais do que a necessidade. Felizmente, isso não significa que todas as afeições que começam pelo amor-Necessidade sejam transitórias, uma vez que a necessidade em si pode ser permanente ou recorrente. Outro tipo de amor pode estar incluído no amor-Necessidade. Princípios morais (fidelidade conjugal, devoção filial, gratidão e coisas semelhantes) poderão preservar o relacionamento por toda a vida. Porém, quando o amor-Necessidade não é assessorado, dificilmente poderíamos esperar que ele não “morresse em nós” quando a necessidade desaparecesse. É por isso que o mundo está repercutindo as queixas de mães negligenciadas por seus filhos adultos e de amantes abandonadas por homens cujo amor era pura necessidade — que elas tinham satisfeito. Nosso amor-Necessidade por Deus está numa posição diferente, pois nossa necessidade dele nunca acaba nem neste mundo nem em qualquer outro. Mas a nossa consciência dessa necessidade pode desvanecer e, então, o nosso amor-Necessidade também se esvai. “O diabo, doente, quis ser monge, mas, assim que sarou, voltou a ser o diabo.” Não existe razão para descrever como hipócrita a devoção passageira daqueles cuja religião desaparece quando emergem de uma situação de “perigo, necessidade ou tribulação”. Por que não seriam eles sinceros? Estavam desesperados e clamaram por socorro. Por que não fariam isso?

Aquilo que o prazer de Apreciação prefigura não pode ser descrito de maneira breve.

Em primeiro lugar, é o ponto de partida para toda nossa experiência da beleza. É impossível traçar uma linha abaixo da qual se colocam os prazeres “sensuais” e acima da qual estejam os que são “estéticos”. As experiências do especialista em vinhos tintos já contêm elementos de discernimento, de concentração, de julgamento e de disciplina que não são sensuais; contudo, as experiências do músico ainda contêm elementos sensuais. Não existem fronteiras — mas sim uma continuidade sem emendas — entre o prazer sensual dos perfumes do jardim e a satisfação com o campo (ou com sua “beleza”) como um todo, ou mesmo da nossa satisfação com pintores ou poetas que tratam dele.

Como já vimos, nesses prazeres existe, desde o início, uma sombra, uma ponta, ou um convite ao desinteresse. É claro que, de certa forma, podemos estar desinteressados ou desprendidos dos prazeres-Necessidade da maneira mais heroica possível: é um copo de água que o ferido Sidney sacrifica ao soldado prestes a morrer. Mas não é desse tipo de desinteresse que falo. Sidney ama seu próximo. Nos prazeres de Apreciação, porém, mesmo em seu ponto mais baixo, e cada vez que se desenvolve mais a apreciação pela beleza, o resultado não é algo que possamos facilmente chamar de *amor*, e dificilmente o chamaríamos de *desinteresse* com relação ao objeto em si. É o sentimento que impediria uma pessoa de arruinar uma pintura mesmo que fosse o último homem vivo e estivesse prestes a morrer; que nos deixa contentes por causa de florestas intocadas pelo ser humano que nunca serão vistas; ou que nos deixa preocupados se o jardim ou o campo florido continuará a existir. Não é que simplesmente gostemos das coisas; nós pronunciamos um “muito bom” momentâneo bastante parecido com o que fez o Deus Criador.

É aqui que nosso princípio de iniciar com o mais inferior — sem o qual “o mais elevado não existe” — começa a render dividendos. Esse princípio revelou que existe uma deficiência em nossa classificação prévia de amores, entre aqueles que são Necessidade e aqueles que são Dádiva. Há um terceiro elemento no amor, não menos importante do que esses, que é renunciado por nossos

prazeres de Apreciação. Essa avaliação de que o objeto é muito bom, essa atenção (quase homenagem) a ele oferecida como se fosse uma dívida, esse desejo de que seja e continue a ser aquilo que é, embora nunca possamos desfrutar dele, estende-se não somente às coisas, mas também às pessoas. Quando isso é oferecido a uma mulher, chamamos admiração; quando é oferecido a um homem, chamamos admiração do herói; quando o fazemos com relação a Deus, é simplesmente adoração.

O amor-Necessidade clama a Deus a partir de nossa pobreza. O amor-Dádiva deseja servir ou mesmo sofrer por Deus. O amor Apreciativo diz: “Damos graças a ti por tua grande glória”. O amor-Necessidade diz acerca de uma mulher: “Não posso viver sem ela”. O amor-Dádiva aspira dar a ela felicidade, conforto, proteção e, se possível, riqueza. O amor Apreciativo contempla, suspira e fica em silêncio, alegra-se que essa maravilha existe, ainda que não para si, e não se sentirá totalmente desanimado ao perdê-la, se contenta com a situação mais do que se não a tivesse visto na vida.

Matamos a fim de dissecar. Na vida real, graças a Deus, os três elementos do amor se misturam e sucedem um ao outro, de momento a momento. Talvez nenhum deles, exceto o amor-Necessidade, exista isoladamente, em pureza “química”, por mais do que alguns segundos. E talvez seja assim porque nada a nosso respeito, com exceção de nossa necessidade, seja permanente nesta vida.

Dois tipos de amor, que tratam daquilo que não é pessoal, demandam tratamento especial.

Para algumas pessoas, talvez de forma especial para os ingleses e os russos, aquilo que denominamos “amor da natureza” é um sentimento permanente e sério. Quero dizer com isso que o amor da natureza não pode ser adequadamente classificado como simplesmente um exemplo de nosso amor pela beleza. É claro que muitos objetos naturais — árvores, flores e animais — são belos, mas os amantes da natureza que eu tenho em mente não estão muito preocupados com objetos específicos de beleza desse tipo. A pessoa que tiver essa preocupação irá distraí-los. Um botânico entusiasmado será para eles um terrível companheiro de caminhada, pois vai parar a cada momento para chamar sua

atenção sobre coisas específicas. Mas eles também não estão buscando “panoramas” e paisagens. Wordsworth, seu porta-voz, deplora esse tipo de coisa de forma veemente. Isso leva à “comparação de cena com cena”, e faz você “paparicar” a si mesmo com “escassas matizes de cor e proporção”. Enquanto estiver ocupado com essa atividade crítica e refinada, você perderá de vista aquilo que realmente importa: as “nuances do tempo e da estação”, o espírito do lugar. Claro que Wordsworth está certo. É por isso que, se você ama a natureza dessa maneira, um pintor de paisagens é (do lado de fora) um companheiro pior que o botânico.

São as “nuances” ou o “espírito” que importam. Os amantes da natureza desejam perceber, da forma mais plena possível, aquilo que a natureza está dizendo, de certa forma, em cada momento e lugar específicos. A óbvia riqueza, graça e harmonia de algumas cenas não é mais preciosa para eles do que severidade, desolação, terror, monotonia ou “tédio visionário” de outras cenas. A própria falta de marcas distintivas produz neles uma reação voluntária. É mais uma palavra pronunciada pela natureza. Os amantes da natureza abrem-se completamente à qualidade inerente de cada ambiente no campo a cada hora do dia e desejam absorver isso para si, querem se deixar colorir totalmente por ela.

Essa experiência, como muitas outras, depois de ser elevada aos mais altos céus no século XIX, foi rejeitada pelos modernos. E é necessário admitir aos que a rejeitam que Wordsworth disse muitas coisas tolas não quando comunicava isso como poeta, mas quando simplesmente falava disso como um filósofo (ou filósofo charlatão). É tolo, a não ser que você tenha encontrado alguma evidência, acreditar que as flores têm prazer no ar que respiram, e ainda mais tolo não acrescentar que, se esse for o caso, as flores sem dúvida também teriam de experimentar dores, assim como prazeres. Também não são muitas as pessoas que aprenderam filosofia moral por meio de um “impulso advindo de uma floresta primaveril”.

Se tivessem, não seria necessariamente o tipo de filosofia moral que Wordsworth aprovaria. Poderia ter sido aquela da competição impiedosa. Para algumas pessoas modernas, eu acredito que seja. Amam a natureza desde que, para elas, invoque “os deuses tenebrosos no sangue”⁴; não apesar de, mas por que é ali que o

sexo, a fome e o poder em estado bruto operam sem piedade ou vergonha.

Se você tiver a natureza por mestre, ela vai ensinar--lhe exatamente as lições que você decidiu previamente aprender; isso é somente outra maneira de dizer que a natureza não ensina. A tendência de tomá-la por mestre está evidentemente impregnada de modo muito simples na experiência que chamamos “amor à natureza”. Mas isso é apenas algo implantado. Enquanto estivermos de fato sujeitos às “nuances” e aos “espíritos” da natureza, eles não apontarão nenhuma moral. Exuberância avassaladora, majestade intolerável e desolação sombria são arremessadas em sua direção. Faça disso o que puder, se puder fazê-lo. O único imperativo que a natureza pronuncia é: “Veja. Ouça. Envolve-se.”

O fato de esse imperativo ser tão frequentemente mal interpretado e impelir as pessoas a fazer teologias, “panteologias” e antiteologias não alcança, na realidade, a experiência central em si. Todas elas podem ser desacreditadas. Aquilo que os amantes da natureza ganham é uma iconografia, uma linguagem das imagens — sejam eles seguidores de Wordsworth ou pessoas com “deuses tenebrosos no sangue”. Não quero dizer com isso simplesmente imagens visuais. As imagens são as próprias “nuances” ou os “espíritos” — a exposição poderosa de terror, escuridão, alegria, crueldade, luxúria, inocência, pureza, nas quais cada homem pode vestir sua própria crença. Devemos aprender a nossa teologia ou filosofia em outro lugar (não é de surpreender que seja frequente aprendê-las de teólogos e filósofos).

Quando, porém, falo de “vestir” nossa crença com tais imagens, não estou sugerindo usar a natureza para símiles ou metáforas, como fazem os poetas. De fato, eu poderia ter dito “preencher” ou “encarnar” em vez de “vestir”. Muitas pessoas — eu inclusive — jamais teriam algum conteúdo para colocar em palavras e confessar sua fé a não ser o que a natureza nos trouxe. A natureza nunca me ensinou que existe um Deus de glória e de majestade infinita. Tive de aprender isso de outras maneiras. Mas a natureza fez com que a palavra *glória* tivesse significado para mim, e eu ainda não sei onde mais poderia tê-lo encontrado. Não sei como o “temor” de Deus poderia ter significado alguma coisa para mim que não os esforços

mais primitivos por segurança se nunca tivesse visto precipícios ameaçadores e penhascos inacessíveis. Até onde posso ver, se a natureza nunca tivesse despertado em mim certas aspirações, creio que grandes áreas daquilo que agora eu chamo de “amor” de Deus jamais existiriam.

Claro que o fato de um cristão ser capaz de usar a natureza dessa maneira não constitui nem mesmo o princípio de uma prova de que o cristianismo é verdadeiro. Aqueles que sofrem com os “deuses sombrios” podem igualmente usar a natureza (suponho eu) para o seu credo. E é exatamente esse o problema. A natureza nada ensina. A verdadeira filosofia poderá, às vezes, validar uma experiência da natureza, mas uma experiência da natureza não pode validar uma filosofia. A natureza não verificará uma proposição teológica ou metafísica (pelo menos não da forma que agora consideramos), mas ela ajudará a mostrar o que isso significa.

Segundo as premissas cristãs, isso não acontece por mero acidente. Da glória criada se poderão esperar indícios do que é incriado; pois um é derivado do outro e, de certo modo, o reflete. De certo modo, mas talvez não da forma tão direta e simples que se poderia inicialmente supor. Pois, é claro, todos os fatos enfatizados pelos amantes da natureza da outra escola também são fatos; existem vermes no estômago tanto quanto prímulas na floresta. Tente reconciliá-los, ou mostrar que realmente não necessitam de reconciliação, e você estará deixando a experiência direta com a natureza — nosso assunto no momento — e voltando-se para a metafísica ou teodiceia, ou algo parecido. Isso pode até ser uma coisa sensata; mas penso que deveria ser mantida distinta ao amor à natureza. Enquanto ainda estivermos nesse nível de reivindicar falar do que a natureza diretamente nos “diz”, deveríamos manter essa distinção. Vimos uma imagem de glória. Não deveríamos tentar encontrar, no meio disso, um caminho direto, e além, para um conhecimento mais desenvolvido de Deus. O caminho desaparece quase imediatamente. Terrores e mistérios, toda a profundidade dos pensamentos de Deus e toda a confusão da história do universo sufocam-no. Não conseguimos avançar; não por esse caminho. Precisamos fazer um *desvio* — sair das montanhas e matas, e voltar para os nossos escritórios, para a igreja, para nossas Bíblias, ficar

de joelhos. Do contrário, o amor à natureza começa a se tornar uma religião natural. Mais adiante, ainda que isso não nos leve aos “deuses sombrios”, nos conduzirá a uma grande quantidade de absurdos.

No entanto, não precisamos entregar o amor à natureza aos que o desacreditam, ainda que ele seja algo castigado e limitado, como acabei de sugerir. A natureza é incapaz de satisfazer os desejos que ela mesma estimula e de responder questões ou de nos santificar. Nossa verdadeira jornada em direção a Deus envolve constantemente deixá-la para trás. É como passar por campos iluminados pelo nascer do sol e se dirigir a pequena igreja rural, ou (poderia ser) ir trabalhar no bairro londrino de East End. Mas o amor pela natureza tem se mostrado valioso e, para algumas pessoas, uma iniciação indispensável.

Não é preciso dizer que “tem se mostrado”, pois, de fato, aqueles que não permitem nada além do que o amor à natureza aparentemente são os que o retêm. É isso mesmo que se deveria esperar. Quando esse amor se estabelece como uma religião, começa a se tornar um deus — um demônio, portanto. E os demônios nunca cumprem suas promessas. A natureza “morre” para aqueles que tentam viver pelo amor à natureza. Coleridge acabou se tornando insensível a ela; Wordsworth, lamentou que sua glória tivesse se esvaído. Se, quando jovem, você fizer suas orações num jardim, resoluto em não se deixar afetar pelo orvalho, os pássaros e as flores, sairá dali inebriado por seu frescor e alegria. Mas, se você for ao jardim com o propósito de ser afetado por ele, é muito mais provável que, depois de uma certa idade, quase nada lhe aconteça.

Agora, volto minha atenção ao amor patriótico. Aqui não é necessário elaborar a máxima de M. de Rougemont; todos já sabemos que esse amor passa a ser um demônio quando se torna um deus. Alguns até mesmo começam a suspeitar de que ele nunca foi nada além de um demônio. Contudo, se assim pensam, precisam então rejeitar metade da poesia de alta qualidade e dos atos heroicos que a raça humana produziu. Não é possível sequer conservar a lamentação de Cristo sobre Jerusalém. Ele também mostra amor por seu país.

Temos, portanto, de limitar nosso escopo. Não é necessário discorrer a respeito de ética internacional. Quando esse amor se torna demoníaco, produzirá ações perversas. Pessoas mais especializadas, porém, podem melhor diferenciar quais atos entre as nações são, de fato, perversas. Estamos apenas considerando aqui o sentimento em si, na esperança de sermos capazes de distinguir sua condição inocente daquela demoníaca, uma vez que nenhuma das duas é a causa eficiente do comportamento nacional. Rigorosamente falando, são os governantes, e não as nações, que demonstram algum tipo de comportamento no âmbito internacional. Se houver um patriotismo demoníaco da parte de seus cidadãos — eu escrevo somente para cidadãos —, torna-se mais fácil aos governantes agirem de maneira perversa. Contudo, um patriotismo que seja saudável fará com que isso se torne difícil. Se os governantes forem perversos, poderão usar a propaganda para encorajar uma condição demoníaca em nossos sentimentos a fim de assegurar nossa concordância com sua maldade. Se, porém, forem bons, poderão fazer o oposto. Essa é uma das razões por que nós, pessoas comuns, deveríamos manter um olhar cauteloso quanto à saúde ou à doença de nosso amor patriótico. E é sobre isso que escrevo aqui.

A questão envolvendo a ambivalência do patriotismo pode ser medida pelo fato de não existirem dois autores que expressaram isso com mais afinco do que Kipling e Chesterton. Se houvesse um denominador comum sobre o assunto, seria que nenhum desses dois homens poderia louvá-lo. Na verdade, ele contém muitos ingredientes com os quais diferentes misturas são possíveis.

Primeiramente, existe o amor pelo nosso lar, pelo lugar ou, quem sabe, pelos muitos lugares em que crescemos e que foram nossos lares. Também haverá o amor pelos lugares mais próximos ou parecidos com os nossos lares; o amor por velhos conhecidos, por lugares familiares, sons e aromas. Observe que, em sua dimensão mais ampla, isto equivale ao amor que sentimos pela Inglaterra, pelo País de Gales, pela Escócia ou pela Irlanda. Somente estrangeiros e políticos falam da Grã-Bretanha. A frase de Kipling, “Eu não amo os inimigos do meu império”, soa absurdamente falsa. *Meu* império! Juntamente desse amor pelo lugar vem o amor pelo estilo de vida;

pela cerveja, por chá e por fogueiras, por trens de carga, pela força policial que trabalha desarmada e todo o restante; pelo dialeto local e (com menos intensidade) pela nossa língua nativa. Como diz Chesterton, as razões para uma pessoa não desejar que estrangeiros governem seu país é muito semelhante às razões pelas quais não quer que sua casa seja incendiada; pois ele “seria incapaz de começar” a enumerar as coisas das quais sentiria falta.

Seria difícil encontrar alguma justificativa legítima para condenar esse sentimento. Assim como a família nos oferece os primeiros passos para além do amor-próprio, ele também nos oferece os primeiros passos para além da preferência familiar. Claro que isso não é caridade pura; envolve o amor pelos nossos vizinhos locais, não pelo nosso Próximo no sentido igrejeiro. Mas aqueles que não amam os membros de sua própria comunidade ou os seus concidadãos vistos com frequência, provavelmente não irão muito longe em seu amor pela “pessoa” desconhecida. Todas as afeições naturais, inclusive essa, podem tornar-se rivais do amor espiritual: mas podem ser também imitações preparatórias, treinamento (por assim dizer) dos músculos espirituais que a Graça, mais tarde, colocará num serviço superior; assim como as mulheres cuidam de bonecas quando crianças e, mais tarde, cuidam de seus próprios filhos. Haverá ocasião em que será necessário renunciar a esse amor, arrancar o olho direito. Mas você precisa primeiro de um olho; para uma criatura sem olhos — que tiver somente um campo de percepção “fotossensível” —, seria bem difícil meditar sobre o severo texto em que Jesus fala de “arrancar o olho direito”.

Claro que o patriotismo desse tipo não é nem um pouco agressivo. Ele pede apenas para ser deixado em paz. Torna-se militante somente para proteger aquilo que ama. Em qualquer mente com um pouco de imaginação, ele produzirá uma boa atitude com relação aos estrangeiros. Como posso amar meu lar sem concluir que outras pessoas também têm o direito de amar o seu próprio lar? Uma vez que tenha compreendido que o francês gosta do *café complet*, assim como nós gostamos de bacon e ovos, então, boa sorte para eles e que sigam com isso. A última coisa que desejaríamos seria fazer de todo lugar exatamente aquilo que é o nosso próprio lar. Não seria o lar se não fosse diferente.

O segundo ingrediente é uma atitude específica sobre o passado do país. Eu me refiro ao passado que vive no imaginário popular; os grandes feitos de nossos antepassados. Algo como lembrar-se de Maratona, lembrar-se de Waterloo. “Como na linguagem dita por aqueles como Shakespeare, devemos ser livres ou morrer.” Esse passado é lembrado tanto com a finalidade de impor uma obrigação quanto para dar algum tipo de garantia; não devemos nos colocar abaixo dos padrões que nossos pais estabeleceram e, por sermos seus filhos, existe uma razoável esperança de que não o faremos.

Esse sentimento não exhibe credenciais tão boas quanto as do puro amor pelo lar. A verdadeira história de cada país está repleta de coisas deploráveis e até mesmo vergonhosas. Se as histórias heroicas forem tomadas como típicas, darão uma falsa impressão de si mesmas e estarão, com frequência, sujeitas à crítica histórica. Assim, o patriotismo que se baseia em nosso passado glorioso será campo fértil para os detratores. À medida que o conhecimento cresce, é possível que “a ficha caia” e que seja adotada uma postura de cínico desencantamento, ou que se prefira “fechar os olhos” para a verdade. No entanto, quem condenará aquilo que claramente faz com que as pessoas, em muitos momentos importantes, se comportem bem melhor do que se comportariam sem essa ajuda da história?

Entendo que é possível obter força a partir da imagem do passado sem, contudo, se deixar enganar ou se tornar arrogante. A imagem se torna perigosa na mesma proporção em que é confundida com ou substituída pelo estudo histórico sistemático. As histórias têm seu ponto alto quando são passadas adiante e recebidas como histórias. Não digo com isso que devam ser passadas adiante como mera ficção (algumas delas são mesmo verdadeiras), mas o destaque deve estar no relato em si, na figura que desperta a imaginação, no exemplo que fortalece a vontade. O estudante que as ouve — embora, é claro, não possa colocar isso em palavras — deveria de modo tênue sentir como se estivesse escutando uma *saga*. Que fique ele empolgado — preferencialmente “fora da escola” — com os “Feitos que conquistaram o Império”, mas quanto menos nós misturarmos isso com suas “lições de história” ou confundirmos com uma análise séria — ou, pior ainda, com uma justificativa — da

política imperial, melhor será. Quando criança, eu tinha um livro cheio de figuras coloridas chamado *Our Island Story* [História de nossa ilha]. O título sempre me pareceu apropriado. O livro também não se parecia em nada com um livro-texto. O que realmente me parece tóxico é a grave doutrinação de jovens acerca da história que sabemos ser falsa ou parcial — a lenda heroica precariamente disfarçada de fato tirada de um livro-texto. Caso permaneça, é isso que gera um tipo de patriotismo pernicioso, embora aparentemente não seja algo que perdure por muito tempo na mente de um adulto bem-educado. Também surge a pressuposição subentendida de que outras nações não possuem igualmente heróis; talvez até mesmo a crença de que possamos literalmente “herdar” uma tradição. E, claro, isso seria biologicamente muito ruim. Esse tipo de coisas leva quase inevitavelmente a um terceiro ingrediente, às vezes, denominado patriotismo.

O terceiro ingrediente não se trata de um sentimento, mas de uma crença; uma firme convicção, ainda que prosaica, de que a nossa nação há muito tempo é, e continua sendo, marcadamente superior às demais. Certa vez, aventurei-me em dizer o seguinte a um velho ministro da igreja que proclamava esse tipo de patriotismo: “Mas, meu senhor, não nos dizem que *cada* povo considera os seus próprios homens os mais corajosos e as suas mulheres as mais belas do mundo?” Ele replicou com um tom bem grave — aliás, o tom não poderia ser mais grave mesmo se ele estivesse declamando o *Credo* no altar —, “Sim, mas na Inglaterra isso é verdade”. Com certeza, essa convicção não tornou meu amigo (que Deus o tenha!) um vilão; apenas um querido e velho burro. No entanto, isso pode produzir burros que dão coices e mordem. Na orla lunática, pode produzir um racismo popular que tanto o cristianismo quanto a ciência proíbem.

Isso nos leva ao quarto ingrediente. Se nossa nação é de fato tão melhor assim que as demais, seria possível argumentar que ela possui tanto os deveres como os direitos de um ser superior quando comparada às demais. No século XIX, os ingleses se conscientizaram muito bem desses deveres: o “fardo/reponsabilidade do homem branco”. Aqueles a quem chamávamos de *nativos* eram nossos pupilos, e nós, seus

guardiões autoindicados. O que não é totalmente hipócrita, visto que fizemos algum bem a eles. Mas nosso hábito de falar que é totalmente altruísta o motivo pelo qual a Inglaterra construiu um império (ou as razões de algum jovem procurar emprego no Serviço Civil Indiano) causava repulsa no mundo. Mas isso mostrava o senso de superioridade em plena ação. Algumas nações que também tinham esse sentimento enfatizavam os direitos, não os deveres. Para algumas nações, certos estrangeiros eram tão maus que isso lhes assegurava o direito de exterminá-los. Outros eram considerados afeitos apenas para carregar lenha e água para o povo escolhido, e seria melhor que continuassem cumprindo sua vocação. “Cães, saibam quem são seus donos”. Não quero sugerir, de forma nenhuma, que as duas atitudes estão no mesmo nível. Ambas são fatais e exigem que a área em que atuam cresça “mais e mais amplamente”. E ambas têm ao redor de si essa marca indelével do mal: somente sendo terríveis, eles evitam ser cômicos. Se não houvesse tratados que foram quebrados com os índios, se não tivesse acontecido o extermínio do povo da Tasmânia, se não houvesse câmaras de gás e o campo de extermínio de Belsen, se não houvesse Amritsar, negros e pardos ou o *Apartheid*, a pomposidade de ambos seria uma farsa retumbante.

Por fim, chegamos ao ponto em que o patriotismo em sua forma demoníaca nega a si mesmo inconscientemente. Chesterton pinçou duas linhas de Kipling como o exemplo perfeito. Foi injusto com Kipling, que sabia, de modo tão maravilhoso, o que o amor pelo lar pode significar para um homem sem lar como ele, mas essas duas linhas isoladamente podem ser tomadas como súplica de tudo isso. Aqui estão:

*Se a Inglaterra fosse aquilo que a Inglaterra parece
Quão depressa desistiríamos dela. Mas ela não é!*

O amor nunca falou desse modo. Seria a mesma coisa que amar seus filhos somente “se forem bonzinhos”, sua esposa somente enquanto for bela, seu marido apenas enquanto for famoso e bem-sucedido. “Nenhum homem”, disse um dos gregos, “ama sua cidade porque ela é grande, mas por que ela é a sua cidade”. Uma pessoa que realmente ama seu país o amará em sua ruína e degeneração

— “Inglaterra, com todas as tuas falhas, eu continuo te amando”. Ela será para ele “algo pobre, mas seu”. Ele poderá considerá-la boa e grande, mesmo que não seja, porque a ama; até certo ponto, o engano pode ser perdoável. Mas o soldado de Kipling reverte isso; ele a ama porque pensa que a pátria é boa e grande — ele a ama por causa de seus méritos. A pátria é uma preocupação permanente e satisfaz seu orgulho de nela estar. O que acontecerá se ela deixar de ser isso para ele? A resposta é dada de maneira muito clara: “Quão depressa desistiríamos dela”. Quando o navio começa a afundar, ele o abandona. Assim, esse tipo de patriotismo que inicia com a grande pompa do rufo de tambores e o agito de bandeiras na verdade vai pelo caminho que conduz à traição. E esse é um fenômeno com o qual vamos nos deparar novamente. Quando os amores naturais se tornam algo sem lei, eles não apenas fazem mal aos outros amores; eles próprios cessam de ser os amores que um dia foram — cessam de ser amor.

Portanto, o patriotismo tem diversas faces. Aqueles que o rejeitariam completamente parecem não considerar aquilo que ocuparia — ou já está começando a ocupar — seu lugar. Por um longo período de tempo ainda ou, talvez para sempre, as nações viverão sob perigo. Governantes precisam persuadir, de alguma forma, seus governados a defendê-las ou, pelo menos, a preparar-se para defendê-las. Quando esse sentimento de patriotismo é destruído, isso somente poderá ser feito ao se apresentar cada conflito internacional sob uma luz puramente ética. Se as pessoas não darão seu sangue ou suor por seu “país”, deverão ser convencidos de que o fazem pela justiça, pela civilização ou pela humanidade. Esse é um passo para trás, não para frente. O sentimento patriótico não precisa desconsiderar a ética, é claro. Boas pessoas precisam ser convencidas de que a causa de seu país era justa; mas era a causa de seu país, não a causa da justiça como tal. Essa diferença me parece importante. Posso pensar, sem medo de autojustiça e hipocrisia, que defender minha casa usando a força contra um ladrão é algo correto. Mas se eu começar a fingir que dei ao ladrão um “olho roxo” apenas por motivos morais — totalmente indiferente ao fato de que a casa era minha —, me tornarei intolerável. Seria igualmente uma alegação espúria, caso

fosse a única razão, dizer que, quando a causa da Inglaterra é justa, estaremos do lado dela — como faria um Dom Quixote neutro. A insensatez puxa o mal com ela. Se a causa de nosso país for a causa de Deus, as guerras seriam de aniquilação. Uma falsa transcendência é dada a coisas que são completamente deste mundo.

A glória do antigo sentimento era que, embora pudesse blindar homens para a tarefa mais sublime, ainda assim sabia ser um sentimento. As guerras podiam ser heroicas sem serem guerras santas. A morte do herói não era confundida com a morte do mártir. E (felizmente) o mesmo sentimento que poderia ser tão sério como numa ação da retaguarda de um exército, também poderia tomar a si mesmo como algo leve, do modo em que amores alegres frequentemente fazem. Nossas canções patrióticas antigas não podem ser entoadas sem um brilho nos olhos; as mais contemporâneas soam mais como hinos. A canção *The British Grenadiers* [A infantaria britânica] (com seu *trá-la-lá-lá*) poderia ser cantada a qualquer dia em lugar da canção moderna *Land of Hope and Glory* [Terra de esperança e glória].

É possível notar que o tipo de amor aqui descrito e todos os seus ingredientes poderia ser dedicado a alguma outra coisa além do país: a uma escola, um regimento, uma grande família ou uma turma do colégio. As mesmas críticas se aplicariam. Também poderia ser um sentimento por organismos que reivindicam uma afeição além do natural: por uma igreja ou, talvez, por uma facção na igreja, ou por uma ordem religiosa. Esse assunto terrível precisaria de um livro dedicado somente a ele. Neste momento, bastaria afirmar que a Sociedade Celestial é também uma sociedade terrena. Nosso patriotismo (meramente natural) com relação à última pode, muito facilmente, emprestar alegações transcendentais da primeira e usá-las a fim de justificar os atos mais abomináveis. Se um dia o livro que não escreverei for escrito, ele deveria conter uma confissão completa da cristandade a respeito da contribuição específica desta para a totalidade da crueldade e do caráter traiçoeiro da humanidade. Uma grande parte “do mundo” não nos ouvirá até termos repudiado publicamente muito do nosso

passado. Por que deveriam nos ouvir? Gritamos o nome de Cristo, mas cultuamos o falso deus Moloque.

Pode-se achar que eu não deveria encerrar este capítulo sem uma palavra acerca de nosso amor pelos animais, mas esse assunto se encaixará melhor no próximo. Ainda que não saibamos definir se os animais são de fato sub-humanos ou não, eles jamais são amados como se fossem. O fato ou a ilusão da personalidade está sempre presente, de modo que o amor por eles é realmente um exemplo daquela Afeição que é o tema do próximo capítulo.

[4](#) Lewis usa a expressão indicando que devemos lutar contra a tentação de ceder aos desejos naturais. [N. C.]

afeição

Começo pelo mais humilde e mais amplamente difuso dos amores, o amor no qual nossa experiência parece diferir minimamente da experiência dos animais. Deixe-me logo acrescentar que não o valorizo menos por isso, pois nada no ser humano é pior ou melhor por ser compartilhado com os animais. Quando acusamos alguém de ser um “mero animal”, isso não significa que essa pessoa exibe características animais (todos o fazemos), mas que exibe essas características, e somente essas, em ocasiões nas quais aquilo que é específico do ser humano era o exigido (quando chamamos alguém de “bruto”, normalmente queremos dizer que essa pessoa comete crueldades que seriam impossíveis à maioria dos que são realmente brutos; eles não são espertos o bastante).

Os gregos denominavam esse amor *storge* (duas sílabas e um “g” com pronúncia forte). Eu o chamarei aqui simplesmente de Afeição. Meu dicionário grego define *storge* como “afeição, especialmente de pais em relação a filhos”, mas também de filhos em relação aos pais. Essa é, não tenho dúvida, a forma original do termo, bem como o sentido principal da palavra. A imagem com a qual devemos começar é a de uma mãe cuidando de seu bebê, uma cadela ou gata cuidando de sua ninhada de cãezinhos ou gatinhos; todos latindo ou ronronando, empilhando-se carinhosamente juntos; com lambidas, miados, leite, calor e o cheiro de nova vida.

A importância dessa imagem é que ela nos apresenta, desde o início, certo paradoxo. A carência e o amor-Necessidade dos filhotes são óbvios; assim também o amor-Dádiva da mãe. Ela dá à luz, amamenta, protege. E ela precisa dar à luz ou morrerá. Ela necessita dar de mamar ou sofrerá. Desse modo, sua Afeição também é amor-Necessidade. Temos aqui um paradoxo. Embora

seja amor-Necessidade, aquilo de que tem necessidade é dar. É um amor-Dádiva, mas aquilo de que necessita é ser necessário. Voltaremos a esse assunto mais tarde.

Até mesmo na vida animal, e ainda mais em nossas próprias vidas, a Afeição se estende para muito além do relacionamento entre mãe e filhos. Esse aconchego caloroso, essa satisfação de estar juntos, toma todo tipo de objetos. Existem mulheres sobre as quais se pode prever que não haverá muitos interessados e homens que provavelmente terão poucos amigos. Não têm nada a oferecer. Contudo, quase todos poderão se tornar alvos de Afeição: os feios, os tolos, até mesmo os irritantes. Aparentemente, não é necessário que haja nenhum tipo de nivelamento entre os que são unidos pela Afeição. Já vi um imbecil ser alvo da Afeição, não apenas de seus pais, mas de seus irmãos. A Afeição não considera as barreiras de idade, sexo, classe social e educação. Pode ocorrer entre um jovem inteligente de uma universidade e uma enfermeira de mais idade, embora suas mentes habitem mundos diferentes. Ela ignora inclusive as diferenças entre espécies. Vemos acontecer não somente entre um cão e um ser humano, mas até, e surpreendentemente, entre um cão e um gato. Gilbert White diz ter descoberto Afeição entre um cavalo e uma galinha.

Alguns romancistas conseguiram capturar isso muito bem. No romance *Tristram Shandy*, “meu pai” e o tio Toby estão longe de serem unidos por qualquer tipo de interesse ou ideias comuns; não conseguem conversar por dez minutos sem choques de assuntos desconexos; entretanto, somos levados a sentir sua Afeição mútua. Assim acontece também com Dom Quixote e Sancho Pança, Pickwick e Sam Weller, Dick Swiveller e os Marchioneses. O mesmo ocorre em *O vento nos salgueiros*, apesar de o autor provavelmente não ter intenção consciente disso; o quarteto composto pela Toupeira, pelo Rato, pelo Texugo e pelo Sapo sugere a diversidade possível entre aqueles que estão ligados pela Afeição.

Mas a Afeição tem seus próprios critérios. Seus alvos precisam ter familiaridade. Às vezes, é possível indicar o dia e a hora exatos em que nos apaixonamos ou em que começamos uma nova amizade. Duvido que consigamos capturar o momento exato em que a Afeição se inicia. Estar consciente da Afeição é tomar consciência

de que ela já se instalou há algum tempo. É significativo o uso de “velho amigo” ou “amigão” como termos de Afeição. O cachorro late para estranhos que nunca lhe fizeram mal e balança o rabo de alegria ao ver velhos conhecidos, mesmo que estes jamais lhe tenham feito algum bem. A criança amará o velho e áspero jardineiro, que pouca atenção lhe dá, e tentará se esconder do visitante, que faz várias tentativas para ganhar sua atenção. No entanto, será no *velho* jardineiro — naquele que “sempre” está lá — que se achará o breve, mas aparentemente imemorável, “sempre” da infância.

A Afeição, como já disse, é o amor mais humilde, pois não procura impressionar. As pessoas podem se orgulhar de estar amando ou de alguma amizade. A afeição é modesta — até mesmo discreta e envergonhada. Certa vez, quando comentei a respeito da Afeição frequentemente encontrada entre um gato e um cachorro, meu amigo respondeu: “Sim. Mas eu aposto que o cachorro nunca confessaria isso a outros cachorros”. Essa é uma boa caricatura de grande parte da afeição humana. Comus diz: “Que as faces caseiras permaneçam em casa”. É verdade que a Afeição tem uma face bem caseira. Assim são muitos aqueles por quem sentimos Afeição. Amá-los não é nenhuma prova de nosso refinamento ou perspicácia; nem que eles nos amem. Aquilo que denomino amor-Apreciação não constitui elemento básico na Afeição. Normalmente, é necessária ausência ou sofrimento para que comecemos a valorizar aqueles a quem somente a Afeição nos une. Nós os damos por certos; e esse dar por certo, inconcebível no amor erótico, aqui é correto e apropriado até certo ponto. Encaixa-se com a natureza confortável e sossegada do sentimento. Afeição não seria Afeição se fosse expressada de forma ruidosa e frequente; expressá-la em público seria o mesmo que tirar a mobília da casa para a mudança. Enquanto estava em seu lugar, funcionava bem, mas, quando foi colocada do lado de fora da casa, parecia surrada, barata e grotesca. A Afeição quase desaparece e se esgueira ao longo de nossas vidas. Vive com coisas humildes e despojadas: pantufas e roupas velhas, piadas antigas, o batuque do rabo do cachorro dormindo no chão da cozinha, o som de uma máquina de costura, uma boneca esquecida no gramado.

No entanto, preciso me corrigir. Falo da Afeição como ela é quando existe separada dos outros amores. Muitas vezes, ela está nessa condição, outras, não. Assim como o gim é uma bebida em si, embora também seja a base para muitos outros drinques, da mesma maneira comporta-se a Afeição. Além de ser amor em seu próprio mérito, poderá associar-se aos outros amores, dar-lhes uma cor e tornar-se o próprio meio pelo qual operam no dia a dia. Talvez até nem funcionem muito bem sem a Afeição. Fazer amigos não é a mesma coisa que sentir Afeição, mas, quando seu amigo se torna um velho amigo, todas as coisas sobre ele, que originalmente nada tinham a ver com a amizade, tornam-se familiares, e uma familiaridade querida. Quanto ao amor erótico, não consigo imaginar nada mais desagradável do que experimentá-lo por mais que um breve período sem essa cobertura íntima e caseira da Afeição. Isso seria uma situação das mais difíceis: ou seria muito angelical ou muito animal, ou as duas condições se alternariam; nunca seria algo sublime o suficiente ou insignificante para o ser humano. De fato, existe um charme peculiar nesses momentos, tanto na amizade como no Eros, quando o amor da Apreciação está presente. É como se estivesse dormindo todo enrolado, e a mera tranquilidade e simplicidade do relacionamento (livre, como se fosse solitário, mas sem estar sozinho) nos envolvesse. Não há necessidade de falar. Não há necessidade de fazer amor. Não existem quaisquer necessidades exceto, talvez, a de agitar o fogo da lareira.

Essa mistura e essa sobreposição de amores são claramente mantidas diante de nós pelo fato de, em quase todo tempo e lugar, os três terem em comum o beijo como expressão. A amizade moderna inglesa não usa mais isso, mas a Afeição e o Eros, sim. O beijo pertence tão profundamente a ambos que não temos como saber quem copiou de quem, ou se houve mesmo algum tipo de cópia. É verdade, você poderá dizer que o beijo da Afeição é diferente do beijo do Eros. Sim; mas nem todos os beijos entre pessoas que se amam são beijos apaixonados. Mais uma vez, ambos os amores tendem a usar uma linguagem simples ou a linguagem infantil, e isso não é característica exclusiva da espécie humana. O professor Lorenz nos diz que, quando a gralha está no período de acasalamento, seu chamado “consiste principalmente de

ruídos infantis reservados às gralhas adultas para essas ocasiões” (*King Solomon’s Ring* [O anel do Rei Salomão], p. 158). Nós e os pássaros temos as mesmas desculpas. Formas distintas de ternura são ternura, e a linguagem da ternura que conhecemos mais cedo na vida é lembrada e convocada para essa nova forma.

Um dos subprodutos mais impressionantes da Afeição ainda não foi mencionado. Eu já disse que não é basicamente um amor de Apreciação. Não é discriminatório. Pode se expressar até mesmo na maior parte das pessoas descompromissadas. Ainda assim, por mais estranho que pareça, esse mesmo fato significa que, no fim das contas, poderá possibilitar apreciações que, não fosse por ele, jamais teriam existido. Poderíamos dizer, e sem medo de errar, que escolhemos nossos amigos e a mulher a quem amamos por suas várias qualidades: beleza, franqueza, bondade de coração, humor, inteligência ou qualquer outra coisa. Mas precisa ser o tipo específico de humor, ou de beleza, ou de bondade de que gostamos, pois temos nossas preferências pessoais quanto a essas coisas. É por isso que amigos e amantes sentem que “foram feitos um para o outro”. O aspecto glorioso da Afeição é que pode unir aqueles que mais enfaticamente não estão unidos, e isso pode acontecer, até de modo cômico, com pessoas que, se o acaso não tivesse colocado na mesma família ou comunidade, jamais teriam qualquer tipo de relação na vida. Se a Afeição se originar desse tipo de situação — e é claro que muitas vezes isso não acontece —, seus olhos começam a se abrir. Depois de simpatizar com “fulano de tal”, a princípio porque ele simplesmente está ali, começo a perceber que realmente “existe algo cativante nessa pessoa”. Um momento libertador acontece quando alguém diz pela primeira vez, e com esse significado, que apesar de ele não ser o “meu tipo”, é um homem muito bom “do jeito que ele é”. Pode não se sentir isso; poderemos nos sentir apenas tolerantes e generosos. Mas, de fato, cruzamos uma fronteira. Esse “do jeito que ele é” significa que estamos ultrapassando nossas próprias idiossincrasias. Estamos aprendendo a apreciar a bondade e a inteligência em si, e não meramente a bondade e a inteligência temperadas e servidas ao nosso próprio gosto.

“Cães e gatos deveriam ser sempre aproximados uns dos outros”, alguém diz, “isso amplia muito suas mentes”. A Afeição amplia a nossa mente. De todos os amores naturais, esse é o mais universal, o menos melindroso, o mais amplo. As pessoas com as quais você acaba tendo de conviver na família, na faculdade, no refeitório, no navio, na igreja, desse ponto de vista, são um círculo mais amplo de amigos, ainda que numeroso, que você mesmo faz no mundo exterior. Possuir um grande número de amigos não significa que eu provo ter uma ampla apreciação pela excelência humana. Você também poderia dizer que eu provo a abrangência de meu gosto literário ao ser capaz de desfrutar de todos os livros de minha biblioteca. A resposta é a mesma para ambos os casos: “Você escolheu esses livros. Você escolheu esses amigos. E, é claro, eles se encaixam com você”. O verdadeiro gosto abrangente pela leitura é aquele que o capacita a achar alguma coisa que atenda suas necessidades na bandeja de livros em liquidação do lado de fora do sebo. O verdadeiro gosto abrangente em se tratando de pessoas também encontrará algo apreciável naqueles com quem se deve interagir a cada dia. Na minha experiência, é a Afeição que cria esse gosto, primeiro nos ensinando a perceber, depois a suportar, a sorrir para, a “curtir” e finalmente a apreciar as pessoas “que estão aí”. Foram elas feitas para nós? Não, graças a Deus. Elas são mais estranhas do que você poderia supor e muito mais dignas do que você poderia imaginar.

Chegamos agora bem perto de uma questão difícil. A Afeição, como já disse, não é arrogante. O amor-Caridade não se orgulha, já disse o apóstolo Paulo. A Afeição é capaz de amar os repulsivos: Deus e os seus amam os que não são dignos de amor. A Afeição “não tem muitas expectativas”, ignora as falhas e recupera-se facilmente depois de discussões; assim, também, o amor-Caridade é paciente, bondoso e perdoador. A Afeição abre nossos olhos para a bondade que não víamos antes, ou que não poderia ser apreciada sem ela. Da mesma forma, a santidade humilde. Se ficássemos exclusivamente nesses paralelos, seríamos levados a crer que essa Afeição não é simplesmente um dos amores naturais, mas é o Amor em Si (Deus), trabalhando em nossos corações e cumprindo a lei. Será que no fim das contas os romancistas vitorianos estavam

certos? Será que o amor (desse tipo) é realmente suficiente? Será que as “afeições domésticas”, quando estão no seu melhor e plenamente desenvolvidas, representam a mesma coisa que a vida cristã? A resposta a todas essas perguntas, eu proponho, é certamente Não.

Não quero dizer com isso que esses romancistas às vezes escreviam como se nunca tivessem ouvido sobre “detestar” a esposa, a mãe e a própria vida. É claro que ouviram. A rivalidade entre o amor natural e o amor de Deus é algo que o cristão não deve ousar esquecer. Deus é o grande Rival, o objeto definitivo do ciúme humano; aquela beleza, terrível como a da Medusa, que a qualquer momento poderá me roubar — ou parecer que rouba — o coração da esposa, do marido ou da filha. A amargura de certa descrença, embora disfarçada até mesmo daqueles que a sentem como anticlericalismo ou ódio à superstição, é realmente consequência disso. Contudo, no momento não estou pensando nessa rivalidade; lidaremos com isso em outro capítulo. Por ora, nosso assunto é bem mais “pés no chão”.

Quantos desses “lares felizes” realmente existem? Pior ainda: será que os lares infelizes o são por falta da Afeição? Acredito que não. A Afeição poderá estar presente e causar a infelicidade. Quase todas as características desse amor são ambivalentes. Poderão trabalhar tanto para o mal como para o bem. Por si mesmo, deixado para simplesmente seguir sua própria inclinação, ele poderá manchar e denegrir a vida humana. Os detratores e antissentimentalistas não falaram toda a verdade sobre isso, mas tudo que disseram é verdadeiro.

Um sintoma disso, talvez, seja o sentimento de repulsa gerado por quase todas as canções sentimentais e os poemas açucarados nos quais a arte popular expressa a Afeição. São repulsivos por causa de sua falsidade e representam, como receita pronta para a felicidade (e até para a bondade), aquilo que, de fato, é apenas uma oportunidade. Não há qualquer sugestão de que devemos fazer alguma coisa: é só deixar que a Afeição se derrame sobre nós como uma ducha quente, e tudo mais está implícito, ficará bem.

A Afeição, como já vimos, inclui tanto o amor-Necessidade como o amor-Dádiva. Começo pela Necessidade — nosso anseio pela

Afeição de outros.

De fato, há uma razão muito clara pela qual esse anseio, de todos os anseios por amor, se torna muito facilmente o mais irracional. Já disse que quase todos podem ser objeto da Afeição. Sim; e quase todos esperam ser. O ilustre Sr. Pontifex, em *Tentação da carne*, fica furioso quando descobre que seu filho não o ama; “não é natural” que um menino não ame seu próprio pai. Jamais lhe ocorreu perguntar se, desde o primeiro dia que o menino é capaz de se lembrar, ele fez algo, em alguma ocasião, que pudesse despertar amor. De igual modo, no início da peça *Rei Lear*, o herói é apresentado como um velho antipático devorado por um apetite voraz pela Afeição. Sou propenso a dar exemplos literários porque o leitor e eu não vivemos na mesma vizinhança; se vivêssemos, não haveria dificuldade em substituí-los por exemplos da vida real. Esse tipo de coisa acontece todos os dias. E a razão é que todos nós sabemos que precisamos fazer alguma coisa para, senão conquistar, pelo menos atrair o amor erótico ou a amizade. Mas frequentemente se presume que a Afeição é fornecida pela natureza de forma pré-fabricada; “embutida”; “preparada”, “disponível”. Temos o direito de esperar isso. Se os outros não mostram Afeição, estarão agindo contra a natureza.

Essa pressuposição, não há dúvida, é uma distorção da verdade. Muita coisa está “embutida” em nós. Por sermos mamíferos, o instinto fornece pelo menos algum grau de amor maternal, frequentemente um grau elevado. Por sermos uma espécie social, a associação familiar fornecerá o ambiente no qual, se tudo correr bem, a Afeição surgirá e crescerá de forma intensa, sem demandar nenhuma qualidade ilustre de seus objetos. Se ela nos for dada, não será necessariamente em razão de nossos méritos; poderemos recebê-la sem muitos problemas. A partir de uma percepção obscura da verdade (muitos são amados com Afeição muito além de seus méritos), o Sr. Pontifex chega à conclusão absurda: “Portanto, eu, sem mérito, tenho direito a isso”. Se argumentássemos num plano mais elevado, seria o mesmo que raciocinar: se, por mérito, nenhum homem tem direito à Graça de Deus, eu, como não tenho mérito nenhum, estou qualificado a recebê-la. Nos dois casos, não é uma questão de direitos. O que temos aqui não é “a expectativa de

algum direito”, mas uma “expectativa razoável” de ser amado por aqueles que estão próximos, isto é, se nós e eles formos pessoas mais ou menos normais. Podemos ser insuportáveis. Nesse caso, a “natureza” trabalhará contra nós. As mesmíssimas condições de intimidade que tornam a Afeição possível também possibilitam — e de forma bem natural — uma aversão incurável. Essa aversão será um ódio imemorável, constante, não enfático, por vezes, quase inconsciente, assim como a forma correspondente de amor. Na ópera, Siegfried é incapaz de se lembrar de um tempo antes do qual cada manipulação, resmungo e impaciência de seu pai (anão) adotivo não tenha se tornado algo odioso. Nunca conseguimos perceber esse tipo de ódio, assim como a Afeição, no momento em que começa, mas ela sempre esteve presente. Observe que palavra *velho* pode ser usada para expressar tanto ódio como amabilidade: “seus velhos truques”, “seu jeito velho”, “a mesma coisa velha”.

Seria absurdo dizer que Lear tem falta de Afeição. No que diz respeito à afeição ser amor-Necessidade, ele está meio doido com isso. A não ser que ele ame suas filhas, claro que à sua maneira, não estaria tão desesperadamente desejoso de seu amor. O pai (ou filho) mais repulsivo poderá estar cheio desse amor voraz, mas isso somente trabalhará para a sua própria tristeza e a de todos os outros. A situação se torna sufocante. Pessoas já consideradas repulsivas poderão continuamente reivindicar (como um direito) ser amadas, e essa exigência será percebida em seu manifesto sentimento de mágoa e em suas repreensões, audíveis e ruidosas, ou meramente implícitas em cada olhar e gesto de ressentimento autopiedoso. Isso produzirá em nós um sentimento de culpa (proposital) por alguma falha que não pudemos evitar e que não poderemos deixar de cometer. Assim, acabam por lacrar a própria fonte da qual anseiam beber. Se, em algum momento favorável, qualquer gérmen de Afeição por elas nos mover, sua demanda por mais e mais Afeição nos endurecerá de novo. E, claro, esse tipo de pessoa sempre desejará a mesma prova de nosso amor; deveremos tomar o seu lado, ouvir e compartilhar de sua queixa contra alguma outra pessoa. Se meu filho realmente me amasse, ele veria o quanto seu pai é egoísta... Se meu irmão me amasse, ele tomaria

meu partido contra minha irmã... Se você me amasse, não deixaria que eu fosse tratado dessa maneira ...

Enquanto isso, eles permanecem inconscientes do caminho real. “Se quer ser amado, seja amável”, disse Ovídio. Esse malandro reprovável quis apenas dizer que: “Se você quiser atrair as garotas, precisa ser atraente”, mas sua máxima tem uma aplicação mais abrangente. O namorado era mais sábio em sua geração do que o Sr. Pontifex ou o rei Lear.

O surpreendente não é que essas exigências insaciáveis feitas por pessoas repulsivas às vezes sejam em vão, mas o fato de serem frequentemente atendidas. Por vezes, se vê uma mulher gastar sua juventude, os melhores anos de sua mocidade e de sua vida madura até chegar à velhice, cuidando, obedecendo, afagando e talvez sustentando um vampiro materno que jamais sentirá que foi afagado ou obedecido o bastante. O sacrifício — mas há duas opiniões a respeito disso — pode parecer belo; mas a velha mulher que o faz, não.

O caráter “embutido” ou não meritório da Afeição convida, portanto, para uma horrorosa interpretação equivocada, assim como também o fazem sua facilidade e informalidade.

Ouvimos muita coisa acerca da aspereza da nova geração em formação. Eu mesmo já sou um velho, e seria natural que aderisse ao partido dos mais velhos. Mas, de fato, tenho me impressionado muito mais com os maus modos dos pais em relação a seus filhos do que o contrário. Quem já não passou pelo constrangimento, como convidado para uma refeição em família, de testemunhar o filho adulto ser destrutado pelo pai, ou pela mãe, com uma descortesia tal que, se fosse com qualquer outro jovem, teria precipitado o fim da amizade? Atitudes como: afirmações dogmáticas a respeito de assuntos que os filhos compreendem e os pais, não, interrupções grosseiras, contradições evidentes, zombaria de coisas que os jovens levam a sério — até em termos de religião —, referências ofensivas aos amigos, tudo isso oferece respostas claras a questões como: Por que eles estão sempre fora? Por que preferem outras casas mais do que a sua própria? Quem não prefere civilidade em vez de barbarismo?

Se perguntar a essas pessoas insuportáveis — nem todas elas são pais, é claro — por que se comportam desse modo em seus lares, responderão: “Calma aí, a gente vai para casa para relaxar. Não é possível manter sempre o melhor comportamento. Se um homem não puder ser ele mesmo em sua própria casa, onde então poderá? Não queremos a ‘patrulha das boas maneiras’ em nossa casa. Somos uma família feliz. Podemos dizer *qualquer coisa* uns aos outros aqui. Ninguém se importa. Todos entendemos”.

Mais uma vez, isso está tão perto da verdade, mas é fatalmente errado. A Afeição é um assunto que envolve roupas velhas, tranquilidade de um momento fortuito e liberdades que seriam totalmente inadequadas se fossem tomadas com estranhos. No entanto, velhas roupas são uma coisa; usar a mesma camisa até cheirar mal é outra. Existem roupas apropriadas para uma festa no jardim, mas as roupas que usamos em casa também devem ser apropriadas, porém de uma maneira diferente. De igual modo, existe uma distinção entre a cortesia pública e a doméstica. O princípio básico das duas é o mesmo: “que ninguém tenha preferência por si mesmo”. Contudo, quanto mais pública a ocasião, ainda mais controlada ou formalizada deverá ser nossa obediência a esse princípio. Existem “regras” de boas maneiras. Quanto mais íntima a ocasião, menos formalidade haverá, mas nunca menos necessidade de cortesia. Ao contrário, a Afeição em seu estado mais puro pratica uma cortesia que é incomparavelmente mais sutil, sensível e profunda que a do tipo público. No espaço público, um cerimonial dará conta. Em casa, esse cerimonial deve de fato existir, do contrário, será necessário lidar com os apelos ensurdecadores de um egoísta. Você realmente não deve dar nenhum tipo de preferência a si mesmo; numa festa será suficiente ocultar a preferência. Por isso, existe o velho provérbio, “venha morar comigo e você saberá quem eu sou”. Assim, os modos domésticos de uma pessoa revelam primeiramente o verdadeiro valor de sua “Companhia” ou etiqueta “de Festa” (que frase detestável!). Aqueles que deixam as boas maneiras para trás quando chegam em casa do baile, ou do coquetel, também não tinham nenhuma real cortesia na festa. Estavam meramente imitando aqueles que a tinham.

“Podemos dizer *qualquer coisa* uns aos outros”. A verdade por trás dessa frase é que a Afeição em seu estado puro pode dizer qualquer coisa que deseje, sem considerar as regras de cortesia pública, pois a Afeição em seu estado puro não deseja nem ferir, nem humilhar, nem dominar. Você poderá chamar sua esposa querida de “Glutona!” quando, sem perceber, ela bebe o seu drinque e o dela. Poderá esbravejar ao ouvir mais uma vez a história que seu pai não para de contar. Poderá provocar, fazer brincadeiras e ridicularizar. Poderá dizer: “Cala a boca. Estou lendo” ou qualquer coisa no tom apropriado e no momento adequado — o tom e o momento que não tem a finalidade de machucar e que, de fato, não machucam. Quanto melhor for a Afeição, mais claramente ela reconhecerá o que essas coisas realmente são (cada amor tem a *sua arte de amar*). No entanto, o homem abrutalhado quer dizer algo completamente diferente quando reivindica a liberdade de dizer “qualquer coisa” em seu lar. Uma vez que ele mesmo tem uma forma imperfeita de Afeição, ou talvez nenhuma naquele momento, apropria-se das belas liberdades que somente a Afeição plena tem o direito de reivindicar ou sabe como administrar. Ele, então, usa essas liberdades de modo rancoroso em obediência a seus ressentimentos; ou de forma rude em obediência a seu egoísmo; ou de maneira estúpida, sem arte. Ele poderá ter uma consciência limpa o tempo todo e sabe que a Afeição toma liberdades. E ele toma liberdades. Portanto (conclui), ele está usando de afeto. Se você se sentir magoado por alguma coisa, ele dirá que o defeito do amor é de sua parte, não dele. Ele fica ressentido, pois foi mal compreendido.

Às vezes, ele se vingava assumindo pose de fidalgo, torna-se pedantemente “cortês”. A alegação, claro, é: “Ó! Então não devemos ser achegados? Devemos nos comportar como pessoas que se conhecem a distância? Eu tinha esperança, mas não se preocupe. Que seja como você quiser”. Isso ilustra muito bem a diferença entre cortesia doméstica e formal. Aquilo que precisamente se adequaria a um pode se tornar a ruptura do outro. Tomar liberdades e ser brincalhão ao ser apresentado a uma pessoa totalmente estranha não é considerado boas maneiras; praticar a cortesia formal e cerimonial em casa (“rostos conhecidos em lugares

desconhecidos”) é — e sempre será — impróprio. Há um exemplo delicioso de boa etiqueta doméstica no romance *Tristram Shandy*. Num momento singular, bastante inadequado, o tio Toby estava argumentando a respeito de seu tema favorito, fortificação. “Meu pai”, perdendo imediatamente a paciência, o interrompe de forma violenta. Então, vê o rosto de seu irmão, Toby, que não esboça qualquer retaliação, parecer profundamente ferido, tomando, de alguma forma, o insulto contra si, como insulto à nobre arte — ele nunca pensaria dessa maneira. “Meu pai” imediatamente se arrepende. Há um pedido de desculpas, completa reconciliação. O tio Toby, mostrando que perdoara totalmente e que não vira ofensa à sua dignidade, continua a falar sobre fortificação.

Mas ainda não mexemos com o assunto do ciúme. Suponho que ninguém mais creia que o ciúme está ligado de forma especial ao amor erótico. Se estiver, o comportamento de crianças, empregados e animais domésticos deveria logo lhe informar de seu equívoco. Todo tipo de amor, e quase todo tipo de relacionamento, está sujeito ao ciúme. O ciúme da Afeição está relacionado muito de perto com sua dependência daquilo que é velho e familiar, bem como ao que denomino amor--Apreciação, mesmo que isso seja total ou relativamente insignificante para a Afeição. Não queremos que “rostos velhos e familiares” tornem-se mais vivos ou mais bonitos, que os velhos jeitos sejam mudados até mesmo para melhor, que as velhas piadas e os velhos interesses sejam substituídos por novidades fascinantes. A mudança é uma ameaça para a Afeição.

Até certa idade, um irmão e uma irmã, ou dois irmãos — sexo aqui é irrelevante —, compartilham todas as coisas. Leem os mesmos gibis, sobem as mesmas árvores, brincam juntos de piratas ou de astronautas, começam e desistem de colecionar selos ao mesmo tempo. Então uma coisa horrível acontece. Um deles avança para descobrir a poesia ou a ciência, a música séria ou, talvez, passe por uma conversão religiosa. Sua vida é inundada por novos interesses. Eles não conseguem compartilhar isso; o outro irmão ficará para trás. Duvido que até mesmo a infidelidade de uma esposa ou de um marido gere um sentimento mais triste de abandono, ou um ciúme mais intenso, do que isso pode às vezes provocar. Nem é, ainda, ciúme das novas amizades que o irmão desertor logo irá fazer. Isso

virá. Primeiro vem o ciúme da coisa em si: dessa ciência, dessa música, de Deus (sempre chamado de “religião” ou “dessa religião” em tais contextos). O ciúme será provavelmente expressado pelo ridículo. O novo interesse é “tudo bobagem”, expressão briguenta de criança (ou expressão briguenta de gente adulta) ou, quem sabe, o desertor nem está realmente interessado nisso. Ele está só se mostrando, ostentando; é tudo fingimento. Em breve os livros serão escondidos, as amostras científicas serão destruídas, a sintonia do rádio será tirada das emissoras com programas de música clássica, pois a Afeição é o mais instintivo dos amores; nesse sentido, o mais animal. Seu ciúme é proporcionalmente intenso. Range e mostra os dentes, como um cachorro que teve a comida levada embora. E por que isso não seria assim? Alguma coisa ou alguém retirou da criança que estou retratando aqui seu alimento para a vida, seu segundo eu. Seu mundo está em ruínas.

Mas não são somente as crianças que reagem dessa forma. Poucas coisas, no dia a dia pacífico de um país civilizado, serão mais cruéis do que o rancor com que toda uma família descrente tratará um de seus membros que tenha se tornado cristão. Ou uma família inculta que se volta contra um de seus membros que dá sinais de que se tornará um intelectual. Isso não é, como já pensei, simplesmente o ódio inato e indiferente das trevas com a luz. Uma família que frequenta a igreja não terá um comportamento muito melhor, caso um de seus membros se torne ateu. É a reação a uma deserção, até mesmo a um roubo. Alguém ou alguma coisa roubou “nosso” menino (ou menina). Ele, que era um de Nós, agora virou um Deles. Com que direito fazem isso? Ele é *nosso*. Agora que começou essa mudança, quem sabe onde isso acabará? (e nós todos estávamos felizes e confortáveis antes, não fazíamos mal a ninguém!).

Às vezes, um curioso caso de duplo ciúme acontece ou, quem sabe, dois ciúmes que perseguem um ao outro na mente do sofredor. De um lado, ele diz: “Isso tudo é tolice, total insensatez erudita, uma farsa hipócrita”. Diz, por outro lado: “Suponha que haja — claro que não há e nem pode haver — algo verdadeiro nisso tudo”. Suponha que realmente exista alguma coisa na literatura ou no cristianismo. E se o desertor entrou, de fato, num novo mundo

que o resto de nós nunca suspeitou existir? E se entrou, que injustiça! Por que ele? Por que isso nunca se abriu para nós? Essa menininha — ou esse menino mequetrefe —, como viu coisas que estão ocultas a seus pais? E, uma vez que isso tudo é claramente incrível e efêmero, o ciúme volta à hipótese: “É tudo bobagem”.

Nesse estado de coisas, os pais estão situados muito mais confortavelmente que os irmãos e irmãs. Seu passado é desconhecido para os filhos. Qualquer que seja o novo mundo no qual o desertor esteja, afirmam que eles mesmos passaram por isso e que seguiram em frente. “É uma fase”, dizem, “logo passará”. Nada poderia ser mais satisfatório. Não é algo que pode ser dito e logo refutado, pois é uma afirmação sobre o futuro. É dolorida, mas — dito de maneira complacente — dificilmente provoca ressentimento. Melhor ainda, os pais podem até mesmo acreditar nisso realmente. O melhor de tudo é que isso pode, por fim, se mostrar verdadeiro. Não será falha dos pais se não for.

“Meu rapaz, esses cursos doidos que você faz vão partir o coração de sua mãe”. Esse apelo vitoriano com frequência pode ter sido verdadeiro. A Afeição ficava amargamente ferida quando um membro da família caía do *ethos* familiar para algo pior: apostas, bebida ou o namoro com uma dançarina. Infelizmente, é também quase possível partir o coração de uma mãe quando você sobe além do *ethos* familiar. A tenacidade conservadora da Afeição anda pelos dois caminhos. Pode ser vista como correspondente ao tipo de educação nacionalmente suicida, que deixa para trás a criança com futuro promissor. Os preguiçosos e tolos poderiam se sentir “feridos”, caso ela fosse transferida para uma classe superior de maneira não democrática.

Todas essas distorções da Afeição estão conectadas principalmente com a Afeição como amor-Necessidade. Mas a Afeição como amor-Dádiva também tem suas distorções.

Penso na Sra. Fidget, que morreu há poucos meses. É impressionante como sua família está feliz. Seu marido não mais exhibe um rosto fechado; ele começa a sorrir. O menino mais novo, que eu sempre achei uma pequena e irritável criatura amargurada, parece bem humano agora. O mais velho, que quase nunca estava em casa a não ser em sua cama, agora está sempre presente e

começou a organizar o jardim. A menina, que supúnhamos ser “delicada” (embora eu nunca tenha descoberto qual era exatamente seu problema), faz agora aulas de equitação — o que antes estava fora de questão —, dança todas as noites, e muitas vezes joga tênis. Até mesmo o cachorro da família, que nunca saía sem ser conduzido por alguém, é agora um membro bem conhecido do Clube do Poste de Luz em sua rua.

A Sra. Fidget disse muitas vezes que vivia para sua família, e isso não era mentira. Todos na vizinhança sabiam disso. “Ela vive para sua família”, diziam. “Que esposa e mãe exemplar!” Ela lavava toda a roupa; não fazia um bom trabalho, e eles poderiam tranquilamente usar uma lavanderia. Por isso, com frequência, imploravam que ela não lavasse a roupa. Mas ela o fazia. Sempre havia um almoço preparado para quem estivesse em casa e um jantar quente à noite (mesmo no meio do verão). Suplicavam também a ela que não fizesse isso. Eles protestavam, quase com lágrimas nos olhos (dizendo a verdade), que preferiam comer sanduíches. Mas isso não fazia qualquer diferença. Ela vivia para sua família. Ela sempre se sentava para dar boas-vindas a quem chegasse tarde da noite. Fosse às duas ou três da madrugada, não importava. Você sempre encontraria um rosto abatido, pálido e cansado esperando por você, como uma acusação silenciosa. Isso significava, claro, que você nunca poderia, com alguma decência, sair à noite muitas vezes. Ela também estava sempre fazendo coisas; em sua própria avaliação (não posso julgar isso), se considerava uma excelente costureira amadora e alguém que tricotava muito bem. E, é claro, a não ser que você fosse muito sem coração, teria de usar essas roupas (o pastor me informou que, desde sua morte, as contribuições somente daquela família para o bazar da igreja ultrapassaram as de todos os outros membros da igreja juntos). Havia, ainda, o cuidado dela pela saúde da família! Ela carregou sozinha todo o fardo da situação “delicada” da filha. O médico — um velho amigo, pois isso não estava sendo feito pelo Sistema Nacional de Saúde — nunca teve permissão para discutir a questão médica com seus pacientes. Depois de um breve exame, a mãe levou o médico para outro quarto. A menina não deveria ter preocupações ou responsabilidade por sua própria saúde. As únicas coisas necessárias eram: carinho,

comida especial, tônicos horríveis e café da manhã na cama. A Sra. Fidget, como com frequência dizia, trabalharia “até o osso” por sua família. Eles não eram capazes de impedi-la. Também não podiam simplesmente sentar e assistir o que ela fazia — pois eram pessoas decentes. Tinham de ajudar. Na realidade, eles sempre precisavam ajudar. Ou seja, faziam coisas para ela a fim de ajudá-la a fazer coisas que eles não queriam que fossem feitas. Quanto ao coitado do cachorro, ela dizia ser “como um de seus filhos”. De fato, fazia o máximo para que fosse assim, mas, como ele não tinha escrúpulos, vivia melhor do que os filhos. E, apesar de desfrutar dos cuidados do veterinário, com dieta apropriada e sendo muito bem vigiado, muitas vezes conseguia chegar até a lata de lixo ou ao cachorro do vizinho.

O pastor disse que a Sra. Fidget está agora descansando. Esperamos que sim. A realidade é que sua família já está.

É fácil perceber como esse estado de coisas é, por assim dizer, inerente ao instinto maternal. Como já vimos, esse é um amor-Dádiva, mas também um amor que necessita dar; portanto, precisa ser necessário. Mas o apropriado no ato de dar é colocar a pessoa recipiente num estado em que ela não mais necessita de nossa dádiva. Alimentamos as crianças para que elas possam logo ser capazes de se alimentar; nós as ensinamos para que logo não tenham necessidade de nosso ensino. Portanto, por trás do amor-Dádiva há uma tarefa pesada. Ele precisa trabalhar sua própria abdicação. Precisamos ter como objetivo ser supérfluos. A hora em que somos capazes de dizer, “Eles não precisam mais de mim”, deveria ser nossa recompensa. Mas o instinto, deixado à sua própria natureza, não tem qualquer poder para cumprir essa lei. O instinto deseja o bem de seu objeto, mas não simplesmente isso; somente o bem que ele mesmo pode dar. Um amor muito mais elevado — um amor que deseja o bem do objeto como tal, qualquer que seja a fonte desse bem —, precisa entrar e ajudar ou domesticar o instinto antes que ele seja capaz de abdicar. E, é claro, ele frequentemente o faz. Mas onde ele não o faz, a necessidade voraz de ser necessário se satisfará, seja por manter seus objetos sob necessidade, seja por inventar necessidades imaginárias para eles, e fará isso de forma ainda mais impiedosa, pois pensa ser

(corretamente, num sentido) um amor-Dádiva e, portanto, considera-se “generoso.”

Não são apenas as mães que podem fazer esse tipo de coisa. Todas aquelas outras Afeições que, seja por derivação do instinto paternal ou por similaridade de função, precisam ser necessárias, poderão cair na mesma armadilha. A Afeição do patrono por seu *protégé* é um exemplo. No romance de Jane Austen, Emma almeja que Harriet Smith tenha uma vida de felicidade, mas somente o tipo de felicidade que planejou para ela. Minha própria profissão — a de professor universitário — corre o mesmo perigo. Se tivermos alguma virtude, devemos sempre trabalhar para que nossos alunos sejam capazes de se tornar nossos críticos e rivais. Deveríamos exultar quando esse momento chega, assim como o mestre de esgrima se alegra quando seu aluno consegue acertá-lo com a espada e desarmá-lo. E muitos fazem isso.

Mas nem todos. Por causa de minha idade, ainda posso lembrar do triste caso do Dr. Quartz. Nenhuma universidade tinha um professor mais eficiente ou dedicado. Ele doou-se inteiramente a seus alunos e imprimiu em quase todos uma marca indelével. Foi objeto de uma bem-merecida veneração de herói. De modo natural e animado, os alunos continuavam a visitá-lo depois de a relação orientador-orientando terminar — iam à sua casa de noite e tinham as famosas discussões. Mas o curioso é que isso não durava muito tempo. Cedo ou tarde — e isso poderia acontecer num período de alguns meses ou de até algumas semanas — chegava a noite fatal, quando batiam à porta e lhes era dito que o Doutor estava ocupado. Depois disso, ele sempre estaria ocupado. Tinham sido banidos para sempre de sua vida, e isso acontecia porque no último encontro eles tinham se rebelado. Havia afirmado sua independência; tinham divergido do mestre e sustentado seu próprio ponto de vista, talvez até com sucesso. O Dr. Quartz não podia suportar essa independência que ele havia trabalhado para produzir, e que era seu dever produzir, se pudesse. Wotan havia trabalhado para criar o Siegfried livre⁵, mas quando este lhe foi apresentado, ficou furioso. O Dr. Quartz era um homem infeliz.

Essa terrível necessidade de ser necessário com frequência encontra sua expressão no tratamento excessivamente indulgente

de um animal. Saber que alguém “gosta de animais” nos diz muito pouco até conhecermos de que forma isso acontece. E há duas formas. Na primeira, um animal mais elevado e domesticado é, por assim dizer, uma “ponte” entre nós e o restante da natureza. Todos nós sentimos algumas vezes nosso doloroso isolamento humano em relação ao mundo sub-humano, e isso se expressa na atrofia dos instintos que nossa inteligência impõe, em nossa excessiva autoconsciência, nas inúmeras complexidades de nossa situação e na nossa inabilidade de viver no presente. Se ao menos pudéssemos nos livrar de tudo isso! Entretanto, nós não devemos — e não podemos — nos tornar animais, mas podemos estar *com* um animal. Isso é pessoal o bastante para dar um sentido real à palavra *com*. Contudo, a coisa ainda permanece, em grande medida, como um pequeno pacote inconsciente de impulsos biológicos. Possui três pernas no mundo da natureza e uma no nosso. É uma conexão, um embaixador. Quem não desejaria “ter um representante na corte de Pan”? — como Bosanquet expressou isso. O homem com um cão fecha uma lacuna no universo, mas, é claro, os animais são muitas vezes usados da pior maneira possível. Se você precisa ser necessário, e se sua família, muito apropriadamente, declina precisar de você, um animal de estimação será o substituto óbvio. Você poderá mantê-lo por toda sua vida precisando de você. Você poderá mantê-lo permanentemente infantilizado, reduzi-lo à condição de um inválido permanente, isolá-lo de todo genuíno bem-estar animal e compensar tudo isso ao criar necessidades para incontáveis pequenas indulgências que somente você poderá suprir. Então, a infeliz criatura se torna útil para o restante de sua família: fará o papel de reservatório ou de ralo — você estará muito ocupado mimando a vida de um cão para mimar a deles. Cachorros são os que cumprem melhor esse papel do que gatos. Dizem que o macaco é o melhor de todos, pois ele também é mais parecido conosco. De fato, isso é muito ruim para o animal, mas ele não poderá reconhecer totalmente o mal que você lhe fez. Melhor ainda, você nunca saberá. O mais oprimido dos seres humanos, se for levado ao ponto máximo, poderá algum dia se voltar e dizer impulsivamente uma terrível verdade, já os animais não podem falar.

Os que dizem: “Quanto mais eu vejo dos homens, mais eu gosto de cães” — aqueles que encontram nos animais um *alívio* para as exigências do companheirismo humano — são advertidos a verificar suas reais razões.

Espero não ser mal-entendido. Se este capítulo levar alguém a duvidar que a falta da “afeição natural” é uma depravação extrema, eu não terei sido bem-sucedido. Também não questiono, por um momento sequer, que a Afeição é responsável por noventa por cento da felicidade sólida e duradoura que existe em nosso mundo natural. Portanto, terei certa simpatia por aqueles cujos comentários sobre as últimas páginas tomarem a seguinte forma: “Claro. Claro. Essas coisas acontecem. Pessoas egoístas ou neuróticas são capazes de distorcer qualquer coisa, até o amor, em algum tipo de infelicidade ou exploração. Mas por que destacar esses casos marginais? Um pouco de bom senso, um pouco de dar e receber, previne a ocorrência dessas coisas entre pessoas decentes”. No entanto, acredito eu que esse tipo de comentário também precisa de um comentário.

Em primeiro lugar, vem a questão do *neurótico*. Não creio que sejamos capazes de ver as coisas de maneira mais clara por classificar todos esses estados maléficos da Afeição como patológicos. Não há dúvida de que realmente existem condições patológicas que fazem com que certas pessoas tenham uma dificuldade descomunal de resistir a esses estados maléficos — ou até mesmo que lhes seja impossível. Por favor, mandem essas pessoas para os médicos. Contudo, creio que se cada um for honesto consigo admitirá que já sentiu essas tentações. Senti-las não é uma doença; mas se fosse, seria chamada de Ser uma Pessoa Sujeita às Consequências da Queda. Em pessoas normais, ceder às tentações — e quem não cede de vez em quando? — não é uma doença, mas um pecado. Direcionamento espiritual nos ajudará aqui muito mais do que tratamento médico. A medicina trabalha para restaurar a estrutura “natural” ou a função “normal” do organismo, mas ganância, egoísmo, autoengano e autocomiseração não são não naturais ou anormais no mesmo sentido do astigmatismo ou de uma doença nos rins. Quem, em sã consciência, descreveria como natural ou normal um homem em

que essas falhas estejam totalmente ausentes? “Natural”, se preferir, num sentido inteiramente diferente: supernatural, não caído. Vimos somente um Homem assim, e ele não era nada parecido com o retrato psicológico do cidadão integrado, equilibrado, ajustado, bem casado, empregado e popular. Você não estará realmente bem “ajustado” a seu mundo se ele disser que você “tem um demônio” e se o pregar nu sobre um poste de madeira.

Em segundo lugar, em sua própria linguagem, o comentário (anterior) admite exatamente aquilo que estou tentando dizer. A afeição produz felicidade se — e somente se — houver bom senso, um dar e receber e “decência”. Em outras palavras, isso acontecerá somente se mais alguma coisa diferente de Afeição for adicionada, pois o mero sentimento não será suficiente. Você precisa de “bom senso”, isto é, da razão. Você precisa “dar e receber”; isto é, você precisa de justiça, continuamente estimulando a mera Afeição quando ela esvanece e restringindo-a quando ela esquece ou desafia a *arte* do amor. Você precisa de “decência”. Não há como disfarçar aqui o fato de que isso significa bondade; paciência, autonegação, humildade e a intervenção contínua de um tipo muito superior de amor, que a Afeição em si não consegue ser. Aqui está a lição principal: se tentarmos viver somente pela Afeição, ela “nos deixará na mão”.

Até que ponto isso acontece, creio que dificilmente reconhecemos. Será que a Sra. Fidget realmente não percebia as inúmeras frustrações e a infelicidade que produziu em sua família? É difícil acreditar que não. Ela sabia, claro que sabia. Sabia que estragaria sua noite você saber que, ao voltar para casa, ela estaria sentada, inerte, esperando-o com uma atitude acusadora. Ela continuou com todas essas práticas porque, se deixasse de fazê-lo, teria de enfrentar o que estava determinada a não ver: que não era mais necessária. Esse é o primeiro motivo. Depois, também, a própria ideia de estar atarefada com sua vida silenciou suas dúvidas secretas quanto à qualidade de seu amor. Quanto mais seus pés ardiavam e suas costas doíam, melhor, pois essa dor sussurrava em seu ouvido: “Quanto devo amá-los se faço tudo isso!” Esse é o segundo motivo. Acredito, porém, que existe algo mais profundo. A falta de apreciação dos outros, aquelas terríveis palavras que a

feriam — tudo será capaz de “ferir” uma Sra. Fidget: quando pediam que ela mandasse a roupa para a lavanderia, isso fazia com que se sentisse imprestável e, assim, que sentisse mágoa continuamente, que sentisse os prazeres do ressentimento. Se alguém disser que desconhece esses prazeres ou é um mentiroso ou um santo. É verdade que são prazeres somente para aqueles que sentem ódio, no entanto, um amor como o da Sra. Fidget contém uma grande dose de ódio. Sim, era sobre o amor erótico que o poeta romano afirmou “eu amo e odeio”, mas todos os outros tipos de amor admitem a mesma mistura. Carregam consigo as sementes do ódio. Se a Afeição se tornar o soberano absoluto de uma vida humana, as sementes germinarão. Quando o amor se torna um deus, vira demônio.

[5](#) Personagens da ópera de Richard Wagner em *O anel do Nibelungo*. [N. T.]

amizade

Quando a Afeição ou o Eros é o lema da vida de uma pessoa, tem-se uma audiência cativa. A importância e a beleza de ambos têm sido enfatizadas, vez após vez, até o ponto do exagero. Mesmo aqueles que tentam desacreditá-los estão numa reação consciente contra essa tradição louvável e, até certo ponto, foram por ela influenciados. Mas poucas pessoas modernas pensam que Amizade é um amor de valor comparável ou mesmo que seja um amor. Não consigo me lembrar se algum poema, desde *In Memoriam*, ou algum romance o tenha celebrado. Tristão e Isolda, Marco Antônio e Cleópatra, Romeu e Julieta, todos esses têm inúmeros paralelos na literatura moderna; Davi e Jônatas, Pílades e Orestes, Rolando e Oliveros, Amis e Amile não têm. Para os antigos, a Amizade parecia ser o mais feliz e o mais completamente humano de todos os amores, a coroa da vida e a escola da virtude. Em comparação, o mundo moderno a ignora. Admitimos, é claro, que além da esposa e da família, um homem precisa de alguns “amigos”, mas o próprio tom dessa admissão, e o tipo de companheiros que têm aqueles que chamam isso de “amizades”, demonstra claramente que o assunto de que estão falando tem muito pouco a ver com a *Philia*, que Aristóteles classificou entre as virtudes, ou aquela *Amicitia*, a respeito da qual Cícero escreveu um livro. É uma coisa à margem, não um prato principal no banquete da vida; uma diversão; e algo que preenche as lacunas de tempo na vida de uma pessoa. Como isso surgiu?

A primeira e mais óbvia resposta é que poucos a valorizam porque poucos a experimentam. E a possibilidade de passar pela vida toda sem essa experiência está alicerçada no fato que separa a Amizade tão claramente de outros tipos de amores. Num sentido, de forma

alguma desrespeitoso, a Amizade é o menos *natural* dos amores; o menos instintivo, orgânico, biológico, gregário e necessário. Ela possui menos interação com os nossos nervos; não tem uma voz sensual; nada que faça acelerar os batimentos cardíacos ou que faça você ficar corado ou pálido. Acontece essencialmente entre indivíduos; no momento em que duas pessoas se tornam amigas, de certa forma elas se afastam juntas do resto do rebanho. Sem o Eros nenhum de nós teria sido procriado, e sem a Afeição nenhum de nós seria criado; no entanto, podemos viver e procriar sem a Amizade. Biologicamente falando, a espécie humana não tem necessidade dela. O grupo ou rebanho — a comunidade — talvez até nem goste ou confie nela. Seus líderes, muito frequentemente, não confiam. Diretores de escola e líderes de comunidades religiosas, coronéis e capitães de navios, podem se sentir inquietos quando brotam amizades fortes e achegadas entre pequenos grupos de seus comandados.

Essa (assim chamada) qualidade “não natural” da amizade esclarece por que era tão exaltada em tempos antigos e medievais, e por que se tornou algo menos importante em nosso tempo. O pensamento mais profundo e permanente daqueles tempos era o ascetismo e a renúncia do mundo. A natureza, a emoção e o corpo eram temidos como perigosos para a alma, ou desprezados como degradação da nossa condição humana. Inevitavelmente, esse tipo de amor era mais apreciado, pois parecia mais independente e até mais desafiador da mera natureza. A Afeição e o Eros estavam muito obviamente ligados aos nossos nervos, compartilhando coisas demais com os brutos. Você poderia sentir essas emoções contorcendo as entranhas e distendendo o diafragma. Mas, na Amizade — nesse mundo luminoso, tranquilo e racional de relacionamentos livremente escolhidos —, você fugia de tudo isso. Somente esse, de todos os amores, parecia elevá-lo ao nível dos deuses ou dos anjos.

Então chegou o Romantismo, a “comédia trágica”, o “retorno à natureza” e a exaltação do Sentimento. E, na trilha de tudo isso, veio o grande mergulho na emoção que, apesar de muito criticado, dura desde então. Finalmente, apareceu a exaltação do instinto, os deuses tenebrosos no sangue, cujos sacerdotes são incapazes de

ter amizades masculinas. Sob essa nova dispensação, tudo que antes recomendava esse amor agora começava a trabalhar contra ele. Não tinha sorrisos misturados com lágrimas, ou lembranças, ou fala mansa de criança para agradar os sentimentais, mas também não havia sangue e entranhas o bastante para atrair os primitivistas. Parecia ralo e abatido; um tipo de prato vegetariano para substituir os amores mais orgânicos.

Outras causas também contribuíram. Aqueles que veem a vida humana simplesmente como desenvolvimento e complicação da vida animal — e que são maioria na atualidade — colocam sob suspeição todas as formas de comportamento que não apresentarem certificados de origem animal e de utilidade para a sobrevivência. Os certificados da Amizade não são muito satisfatórios. De novo, essa perspectiva que valoriza o coletivo acima do individual despreza a Amizade; é uma relação entre homens em seu mais alto nível de individualidade. Ela retira pessoas do “agrupamento” coletivo tanto quanto a própria solidão pode fazer; e, mais perigosamente, os retira em duplas ou trios. Algumas formas de sentimento democrático são naturalmente hostis à Amizade, porque é seletiva e importa a poucos. Quando se diz “Estes são meus amigos”, a implicação é que “Estes outros não são”. Por todas essas razões, se alguém acreditar (como eu) que a velha descrição da amizade estava correta, ele dificilmente poderia escrever um capítulo a respeito, exceto como reabilitação do conceito.

Desde o começo, isso impõe a mim uma tarefa muito trabalhosa da demolição. Em nosso tempo, tornou-se necessário responder à teoria de que toda amizade séria e permanente é, de fato, homossexual. A perigosa expressão “de fato” é aqui importante. Seria, obviamente, falso dizer que toda amizade é consciente e explicitamente homossexual; os sabe-tudo escondem-se na acusação menos palpável de que é *de fato* — inconsciente, oculto, em algum sentido pickwickiano — homossexual. Embora isso não possa ser provado, nunca, é claro, poderá ser refutado. Não haver evidência positiva de homossexualidade a ser descoberta no comportamento de dois Amigos não atrapalha no mínimo os sabe-tudo: “Isso é exatamente o que devemos esperar”, dizem eles em

tom grave. A própria falta de evidência é, então, tratada como evidência; a ausência de fumaça prova que o fogo está cuidadosamente oculto. Sim, se existir mesmo. Mas primeiro temos de provar a sua existência. De outra forma, nossa alegação seria similar a de um homem que diz: “Se houvesse um gato invisível naquela cadeira, ela pareceria vazia. Mas a cadeira parece vazia; portanto, existe um gato invisível nela”.

Acreditar em gatos invisíveis não pode ser despovoado pela lógica, mas nos diz muito a respeito daqueles que acreditam nisso. Aqueles que não concebem a Amizade como amor substantivo, mas apenas como um disfarce ou elaboração do Eros, deixam transparecer que nunca tiveram um Amigo. O restante de nós sabe que, embora possamos ter amor erótico e amizade pela mesma pessoa, ainda assim, de alguma maneira, nada é menos parecido com a Amizade do que um caso amoroso. Amantes estão sempre dizendo um ao outro algo sobre seu amor; Amigos quase nunca falam acerca de sua Amizade. Amantes estão, normalmente, face a face, envolvidos um com o outro; Amigos estão lado a lado, envolvidos com algum interesse comum. Acima de tudo, Eros (enquanto dura) ocorre entre duas pessoas somente. Mas, longe de ser o número necessário para amizade, dois nem mesmo é o melhor número. E a razão disso é importante.

O escritor Lamb disse em algum lugar que: se de três amigos (A, B e C), A morrer, então B perde não apenas A, mas a parte de A em C, enquanto C perde não somente A, mas parte de A em B. Em cada um dos meus amigos há algo que somente outro amigo pode revelar. Sozinho, não sou grande o suficiente para externar em atividade o homem que sou por inteiro; quero outras luzes, além de minha própria, para mostrar todas as suas facetas. Agora que o Charles se foi, nunca mais verei a reação do Ronald a alguma piada sobre a Caroline. Em vez de ter mais do Ronald, não mais precisando dividi-lo com o Charles, na verdade tenho menos. Assim, a amizade verdadeira é o menos ciumento dos amores. Dois amigos se alegram quando um terceiro se junta, e três quando um quarto se une a eles, desde que o recém-chegado esteja qualificado para se tornar um amigo verdadeiro. Então eles poderão dizer, como dizem as almas abençoadas em Dante: “Aí vem aquele que vai aumentar

nossos amores”. Para esse amor, “compartilhar não é o mesmo que retirar”. É claro que a falta de almas gêmeas — sem mencionar considerações práticas sobre o tamanho das salas e a possibilidade de ouvir conversas — impõe limites à ampliação do círculo de amizades. Mas dentro desses limites, à mesma medida que cresce o número daqueles com quem o compartilhamos, não diminui a posse que temos de cada amigo. Ao contrário, ela aumenta. Dessa forma, a Amizade mostra uma gloriosa “proximidade de semelhança” ao próprio Paraíso, onde a multidão dos santos (que nenhum homem pode contar) aumenta o contentamento que cada um tem de Deus. Pois cada alma, vendo Deus à sua própria maneira, sem dúvida comunica essa visão singular a todas as outras. Por isso, diz um velho autor, os serafins da visão de Isaías proclamam “Santo, Santo, Santo” *uns aos outros* (Isaías 6:3). Assim, quanto mais compartilharmos o Pão Celestial entre nós, mais dele todos teremos.

Portanto, a teoria homossexual não me parece mesmo plausível. Isso não quer dizer que a Amizade e o Eros anormal nunca tenham se combinado. Certas culturas, em certos períodos, parecem ter fomentado a contaminação. Em sociedades propensas à guerra, acredito ser provável que isso se infiltre no relacionamento entre o guerreiro maduro e o seu escudeiro ou assistente. Sem dúvida, a ausência de mulheres, enquanto você está no combate, tinha algo a ver com isso. Para decidir onde isso se infiltrou ou não, se achamos que precisamos ou podemos decidir, devemos certamente ser guiados pela evidência (quando houver alguma), e não por uma teoria *a priori*. Beijos, lágrimas e abraços não são por si evidência de homossexualidade. As implicações seriam, se nada mais, muito cômicas. Hrothgar abraçando Beowulf, Johnson abraçando Boswell (uma dupla claramente heterossexual), além de todos aqueles velhos centuriões, valentões e peludos, em Tácito, segurando um ao outro, implorando pelo último beijo quando a Legião está sendo desbaratada... São todos eles efeminados? Se acreditar nisso, você poderá acreditar em qualquer coisa. Numa perspectiva histórica mais abrangente, o que pede explicação não são os gestos aparentes de Amizade entre nossos ancestrais, mas a ausência de

tais gestos em nossa sociedade. Não são eles, mas somos nós que estamos fora de compasso.

Já disse que a Amizade é o menos biológico de nossos amores. Tanto o indivíduo como a comunidade podem sobreviver sem ela, mas existe algo além disso, muitas vezes confundido com Amizade, que a comunidade realmente precisa; algo que, embora não seja Amizade, é a matriz da Amizade.

Nas comunidades antigas, a cooperação dos homens como caçadores ou guerreiros era tão necessária quanto a procriação e a criação de filhos. Uma tribo que desse preferência a uma coisa e rejeitasse a outra desapareceria, e vice-versa. Muito antes de a história começar, nós, homens, nos reuníamos separado das mulheres e fazíamos coisas. Era necessário. E gostar de fazer aquilo que precisa ser feito é uma característica que tem a virtude da sobrevivência. E não apenas tínhamos que fazer as coisas, precisávamos conversar sobre elas. Tínhamos de planejar a caçada e a batalha. Quando essas coisas terminavam, tínhamos de fazer um *post mortem* (uma autópsia) e tirar conclusões para usar no futuro. Gostávamos disso ainda mais. Ridicularizávamos e puníamos os covardes e os trapalhões, mas elogiávamos os melhores guerreiros ou os caçadores. Deleitávamo-nos nos detalhes técnicos (“Ele devia saber que nunca chegaria perto daquele bruto, não com o vento vindo daquele lado... Veja, eu tinha uma flecha com a ponta mais leve; foi isso que deu certo... É o que sempre digo, bloqueia ele desse jeito, viu? Do jeito em que estou segurando este pedaço de pau...”). Na realidade, conversávamos sobre negócios. Gostávamos muito da companhia uns dos outros: nós, os guerreiros, nós, os caçadores, todos ligados por habilidades em comum, perigos e dificuldades compartilhados, piadas esotéricas — longe das mulheres e das crianças. Como um espertinho já disse, o homem paleolítico pode ter carregado ou não um bastão sobre seu ombro, mas ele certamente participava também de um clube de outro tipo, que não era simplesmente o “clube do bastão”. Era, provavelmente, um tipo de religião; como aquele clube sagrado de fumantes, onde os selvagens do livro *Typee*, de Melville, eram “famosamente ostensivos” todas as noites de suas vidas.

Nesse meio tempo, o que as mulheres faziam? Como poderia eu saber? Sou um homem e nunca espionei para desvendar os mistérios da deusa romana Bona Dea. Certamente, as mulheres tinham rituais dos quais os homens eram excluídos. Quando, por vezes, a agricultura estava em suas mãos, elas devem ter tido em comum, assim como os homens, habilidades, dificuldades e triunfos. No entanto, talvez seu mundo jamais tenha sido tão feminino na mesma proporção em que o de seus companheiros homens era masculino. As crianças ficavam com elas; talvez os homens velhos também. Mas estou somente conjecturando. Posso traçar a pré-história da Amizade apenas do lado masculino.

Essa satisfação na cooperação, em discutir negócios, em respeito mútuo e compreensão de homens que se veem uns aos outros diariamente testados, é de valor biológico. Se quiser, você poderá considerar isso tudo como produto do “instinto gregário”. Para mim, isso parece um caminho sinuoso para se chegar a algo que todos já entendemos muito melhor do que qualquer um que já tenha compreendido a palavra *instinto*. Alguma coisa acontece neste momento em dezenas de salas de oficiais da Marinha, bares, salas de convivência, refeitórios e clubes de golfe. Eu prefiro chamar isso de Companheirismo — ou “Panelinha” de clube.

Contudo, esse Companheirismo é apenas a matriz da Amizade. Frequentemente, ele é chamado de Amizade, e muitas pessoas, quando falam de “amigos”, querem dizer apenas seus companheiros. Mas isso não é “Amizade” no sentido que dou à palavra. Ao dizer isso, não é minha intenção menosprezar a relação da simples “panelinha”. Não menosprezamos a prata por distingui-la do ouro.

A Amizade brota do mero companheirismo quando dois ou mais dos companheiros descobrem ter em comum alguma perspectiva ou interesse, ou até gosto, que os outros não compartilham e que, até o momento, cada um acreditava ser seu próprio tesouro (ou fardo) singular. A expressão típica de começo de Amizade seria algo como: “O quê? Você também? Eu pensava que era o único!” Podemos imaginar que entre aqueles primeiros caçadores e guerreiros, alguns indivíduos — um em um século? Um em mil anos? — viu aquilo que os outros não viam. Notou que a corça era

bonita, além de comestível; que caçar era divertido, além de necessário; sonhou que seus deuses poderiam ser não apenas poderosos, mas também santos. No entanto, à medida que essas pessoas perceptivas morriam sem encontrar uma alma-gêmea, nada (suspeito eu) surgiria disso; a arte, o esporte, ou a religião espiritual não nasceriam. Isso só acontece quando duas dessas pessoas descobrem uma a outra. Quando, seja com imensas dificuldades e com conversa mal articulada, seja com aquilo que poderia parecer a nós uma velocidade impressionante ou elíptica de comunicação, eles compartilham sua visão — é, então, que a Amizade nasce. E, instantaneamente, eles estarão juntos numa imensa solidão.

Os amantes buscam privacidade. Os Amigos encontram essa solidão ao seu redor, essa barreira entre eles e o grupo, quer queiram, quer não. Contentar-se-iam em reduzir essa distância. Os dois primeiros ficariam contentes se encontrassem um terceiro.

Em nossos tempos, a Amizade surge da mesma maneira. Para nós, é claro, a atividade compartilhada e, portanto, o companheirismo no qual a Amizade sobrevém, não será frequentemente algo físico, como a caça ou a luta. Poderá ser uma religião em comum, estudos em comum, uma profissão em comum, até mesmo um hobby em comum. Todos que compartilham dessa coisa serão nossos companheiros; mas um ou dois ou três que compartilham algo a mais serão nossos Amigos. Nesse tipo de amor, como disse Emerson “*Você me ama?*”, significa “*Você percebe a mesma verdade?*” — ou, ao menos, “*Você se importa com a mesma verdade?*” Aquele que concorda conosco que alguma questão, pouco considerada por outros, é de grande importância, poderá ser nosso Amigo. Essa pessoa não precisa concordar conosco na resposta.

Observe que a Amizade, dessa forma, repete num nível mais individual, e menos necessário socialmente, o caráter do Companheirismo que foi sua matriz. O Companheirismo acontecia entre duas pessoas que faziam alguma coisa juntas — caçavam, estudavam, pintavam ou qualquer outra coisa. Os Amigos continuarão a fazer alguma coisa juntos, mas será algo mais intimista, menos partilhado e menos definível; continuarão

caçadores, mas de uma presa impalpável; ainda colaborarão entre si, mas em uma obra que o mundo não considera ou que ainda não considerou; continuarão companheiros de viagem, mas em um tipo diferente de jornada. Assim, imaginamos amantes com o rosto voltado um para o outro, mas Amigos estarão lado a lado; seus olhos voltados para a frente.

É por essa razão que aquelas pessoas patéticas que simplesmente “querem amigos” nunca farão amigos. A própria condição para ter Amigos é que deveríamos desejar algo mais do que Amigos. Se a resposta sincera à pergunta *Você enxerga a mesma verdade?* for “Não vejo nada e não me importo com a verdade; quero apenas um Amigo”, então, nenhuma Amizade poderá surgir, embora possa existir Afeição. Nada haveria como *ponto de convergência* para a Amizade; e ela precisa ser a respeito de alguma coisa, mesmo que seja apenas um entusiasmo pelo jogo de dominós ou por ratinhos brancos. Aqueles que nada têm, nada poderão repartir; aqueles que estão a caminho de “lugar nenhum” não poderão ter companheiros de viagem.

Quando duas pessoas então descobrem que estão no mesmo caminho secreto e são de sexos diferentes, a amizade que surge entre elas passará muito facilmente — e bem rapidamente — para o amor erótico. De fato, a não ser que sejam fisicamente repulsivos um ao outro ou que um deles ou ambos tenham compromisso de amor com outra pessoa, é quase certo que mais cedo ou mais tarde isso acontecerá. E o contrário também é possível: o amor erótico poderá levar à Amizade entre os amantes. Mas isso, em lugar de obliterar a distinção entre dois amores, põe as coisas às claras. Se alguém que era, primeiramente, seu Amigo num sentido profundo e pleno se revela subitamente seu amante também, você certamente não desejará compartilhar o amor erótico da Pessoa Amada com uma terceira pessoa. Contudo, não terá nenhum ciúme quanto a compartilhar sua Amizade. Nada poderá ser mais enriquecedor ao amor erótico do que a descoberta de que a Pessoa Amada pode entrar numa Amizade de forma profunda, verdadeira e espontânea, com os Amigos que você já possui; sentir que nós dois não estamos somente unidos pelo amor erótico, mas que nós três, ou quatro, ou

cinco somos todos viajantes com a mesma busca, temos todos a mesma visão.

A coexistência da Amizade com o Eros também pode ajudar algumas pessoas modernas a reconhecer que a Amizade é, na realidade, um amor até mesmo tão importante quanto o amor Eros. Suponhamos que você tem a felicidade de ter “se apaixonado por” e casado com um Amigo. E, agora, suponhamos a possibilidade de ser oferecida a vocês a escolha entre dois futuros: “*Ou* vocês dois deixarão de ser amantes, mas permanecerão para sempre como pessoas que buscam o mesmo Deus, a mesma beleza, a mesma verdade, *ou então*, perderão todas essas coisas, mas manterão pela vida toda o êxtase e o ardor, todas as maravilhas e os desejos selvagens do Eros. Escolham o que desejarem.” O que deveríamos escolher? Que escolha não produzirá remorso depois de ter sido feita?

Tenho destacado o caráter “desnecessário” da Amizade, e isso requer maior justificação do que tenho dado até aqui.

Poderia se argumentar que Amizades são de valor prático para a Comunidade. Cada religião civilizada começou num pequeno grupo de amigos. A matemática começou, efetivamente, quando um grupo de amigos gregos se reuniu para falar de números, linhas e ângulos. Aquilo que hoje é a Royal Society era originalmente um pequeno grupo de cavalheiros que se reunia em seu tempo livre para discutir coisas pelas quais eles (e não muitos outros) tinham interesse. O que agora denominamos “o Movimento Romântico” foi uma vez o Sr. Wordsworth e o Sr. Coleridge falando sem parar (ao menos o Sr. Coleridge fazia isso) acerca da visão secreta que tinham. O Comunismo, o Movimento dos Panfletos de Oxford, o Metodismo, o movimento contra a escravidão, a Reforma, a Renascença, todos esses movimentos podem, talvez, sem muito exagero, ter começado da mesma maneira.

Por certo, há alguma coisa aqui. Mas quase todos os leitores provavelmente entenderão que alguns desses movimentos são bons para a sociedade e outros, não. A lista toda, se aceita, tenderá a demonstrar que, na melhor das hipóteses, a Amizade é tanto um possível benfeitor e um possível perigo para a comunidade. E mesmo como benfeitor, ela teria nem tanto valor de sobrevivência,

mas aquilo que poderíamos chamar de “valor civilizatório”. Seria algo que (em palavreado aristotélico) ajuda a comunidade não a viver, mas a viver bem. Sobrevivência em algumas circunstâncias, mas nem sempre. De qualquer maneira, parece certo que quando a Amizade produz frutos que a comunidade pode usar, isso acontece de maneira acidental, como um subproduto. Religiões idealizadas para o propósito social, como a adoração romana do imperador, ou tentativas modernas de “vender” o cristianismo como meio de “salvar a civilização” não trazem muito resultado. Os pequenos grupos de Amigos que dão as costas ao “Mundo” são aqueles que realmente o transformam. As matemáticas egípcias e babilônicas eram práticas e sociais, buscadas a serviço da agricultura e da magia. Mas a matemática livre dos gregos, buscada por Amigos como ocupação de tempo livre, tem sido muito mais importante para nós.

Outros diriam, ainda, que a Amizade é extremamente útil para o indivíduo, talvez necessária para a sobrevivência. Até apresentam um grande número de justificativas: “todo homem está sem defesa a não ser que tenha um irmão/amigo”, e “existe amigo mais apegado do que um irmão”. Mas, quando falamos dessa maneira, usamos a palavra *amigo* com o significado “aliado”. No uso normal, *amigo* significa, ou deveria significar, mais que isso. Um Amigo, é claro, provará ser também um aliado quando uma aliança se torna necessária; emprestará ou dará quando estivermos em necessidade, cuidará de nós na doença, nos defenderá diante de nossos inimigos, fará o que puder por nossas viúvas e órfãos. Mas essas boas ações não são o conteúdo da Amizade. A ocasião para elas é quase uma interrupção. Por um lado, são relevantes para a Amizade, por outro, não. Relevantes, pois você seria um falso amigo se não as fizesse quando a necessidade aparecer; irrelevantes, pois o papel do benfeitor permanece sempre acidental, mesmo um tanto alienado, em relação ao do Amigo. É quase embaraçoso, pois a Amizade está completamente liberta da necessidade da Afeição de ser necessária. Lamentamos quando alguma doação, algum empréstimo ou o passar a noite em claro tenha sido necessário, mas, agora, poxa vida, deixemos de lado tudo isso e voltemos para as coisas que realmente queremos fazer ou conversar juntos. Até

mesmo a gratidão não é algo que enriquece esse amor. O estereotipado “Não há de quê!” expressa aquilo que de fato sentimos. A marca da Amizade verdadeira não é que a ajuda seja dada quando a necessidade surge (e ela virá), mas que, tendo sido dada, não fará nenhuma diferença. Foi somente uma distração, uma anomalia. Foi uma terrível perda de tempo, sempre muito escasso. Talvez tenhamos apenas umas poucas horas para conversar, que Deus nos ajude, e vinte minutos terão de ser dedicados a *assuntos particulares*.

É verdade, nós não desejamos saber nem um pouco dos *assuntos particulares* de nosso Amigo. Ao contrário do Eros, a Amizade não é curiosa. Você se torna amigo de alguém sem saber se é casado ou solteiro, ou como ganha a vida. O que todos esses “assuntos desinteressantes e realidades” tem a ver com a questão mais importante: *você enxerga a mesma verdade?* Num verdadeiro círculo de Amizade, cada pessoa é simplesmente aquilo que é: ela representa a si mesma e mais nada. Ninguém se importa nem um pouco a respeito da família da pessoa, sua profissão, classe social, renda, raça ou história. Claro que, com o tempo, você acabará conhecendo a maior parte dessas coisas. Isso, porém, acontecerá de forma casual. Essas coisas virão, parte por parte, para recheiar uma ilustração ou analogia, para servir como pontos de referência para uma história; nunca como informação independente. Essa é a sublimidade da Amizade. Encontramo-nos como príncipes soberanos de Estados independentes, fora do país, em terreno neutro, libertos de nossos contextos. Esse amor (essencialmente) ignora não apenas nossos corpos físicos, mas todo aquele corpo de informações como nossa família, emprego, passado e conexões. Em casa, além de ser Pedro ou Jane, também carregamos um caráter geral: marido ou mulher, irmão ou irmã, chefe, colega ou subordinado. Mas não entre nossos Amigos. É uma questão de mentes livres ou abertas. O Eros deseja corpos nus; a Amizade, personalidades despojadas.

Portanto, aqui está (se você não me compreender de forma errada) a refinada arbitrariedade e irresponsabilidade desse amor. Não tenho nenhum dever de me tornar Amigo de quem quer que seja; e ninguém no mundo tem o dever de ser meu Amigo. Não

existe obrigação, nenhuma sombra de necessidade. A Amizade é desnecessária, assim como a filosofia, a arte, o próprio Universo (pois Deus não tinha necessidade de criá-lo). Não tem nenhum valor para sobrevivência; entretanto, é uma dessas coisas que dão valor à sobrevivência.

Quando falei de Amigos que estão lado a lado, ombro a ombro, estava indicando o contraste necessário entre sua postura e a dos amantes, que apresentamos olhando nos olhos um do outro. Não quero estender essa imagem para além desse contraste. A busca ou visão em comum que une Amigos não os absorve de tal modo que permanecem ignorantes ou alheios um ao outro. Pelo contrário, ela é o próprio meio pelo qual o amor e o conhecimento mútuos existem. Ninguém conhece outra pessoa tão bem quanto o seu “colega”. Cada passo da jornada em comum é um teste de sua consistência; e os testes são do tipo que entendemos plenamente porque nós mesmos somos a eles submetidos. Assim, à medida que ele se prova verdadeiro a cada teste, nossa confiança, nosso respeito e nossa admiração florescem e se tornam um amor Apreciativo de um tipo singularmente robusto e bem informado. Mas se, desde o começo, tivéssemos dado mais atenção a ele e menos atenção àquilo que era o “centro” de nossa Amizade, não seria possível conhecê-lo ou amá-lo tão bem. Você não encontrará o guerreiro, o poeta, o filósofo ou o cristão ao olhar em seus olhos como se ele fosse sua amante. É bem melhor lutar, ler, discutir, orar com ele.

Numa Amizade perfeita, esse amor Apreciativo é, penso eu, frequentemente tão elevado e tão fundamentado que cada membro desse círculo se sente, no fundo do coração, humilhado diante dos outros. Às vezes, ele questionará o que faz entre aqueles que são melhores que ele. Ele tem muita sorte de estar na companhia deles, especialmente quando todo o grupo se reúne, cada um contribuindo com o seu melhor, com o que tem de mais sábio ou mais divertido. Essas são as melhores reuniões: quando quatro ou cinco de nós vamos até o nosso refúgio depois de um dia de muito trabalho. Quando colocamos nossos chinelos, nossos pés esticados em direção ao fogo da lareira e nossos drinques ao alcance de nossas mãos; quando o mundo inteiro, e algo além do mundo, se abre para

nossas mentes à medida que falamos. E ninguém reivindica ou tem qualquer responsabilidade com o outro, mas todos são pessoas livres e iguais, como se tivessem se encontrado há uma hora, ao mesmo tempo que uma Afeição enternecida pelos anos nos envolve. A vida — vida natural — não possui dádiva melhor que essa para dar. Quem poderia merecer isso?

A partir do que foi dito, ficará evidente que na maioria das sociedades, na maior parte do tempo, Amizades acontecem de homens com homens e de mulheres com mulheres. Os sexos terão se encontrado na Afeição e no Eros, mas não nesse amor, pois eles raramente terão o companheirismo das atividades em comum que é a matriz da Amizade. Quando os homens recebem educação e as mulheres não, quando um dos sexos trabalha e o outro não, ou quando ambos têm empregos completamente diferentes, nada terão que normalmente os aproximaria como Amigos. Mas podemos ver facilmente que é essa falta, mais do que qualquer outra coisa em suas naturezas, que exclui a Amizade, porque, quando puderem ser companheiros, poderão também se tornar Amigos. Assim, numa profissão (como a minha) em que homens e mulheres trabalham lado a lado, ou no campo missionário, ou entre autores e artistas, tal Amizade é comum. Na verdade, aquilo que, por um lado, é oferecido como Amizade poderá, por outro, ser confundido com Eros e terá resultados dolorosos e desastrosos. Ou, o que começa como Amizade em ambos pode se tornar também Eros. Entretanto, dizer que alguma coisa pode ser confundida com, ou tornar-se, algo diferente não é negar a diferença entre os dois tipos de amor. Na realidade, isso está implícito; de resto, não deveríamos falar de “tornar-se” ou de ser “confundido com.”

Em certo sentido, nossa sociedade está numa situação difícil. Um mundo em que homens e mulheres nunca têm trabalho ou uma educação em comum poderá se manter de forma tranquila. Nesse mundo, os homens se voltam uns aos outros, e apenas uns aos outros, em busca de Amizade, e acabam apreciando muito isso. Espero que as mulheres apreciem suas Amizades femininas do mesmo modo. Mais uma vez, um mundo onde todos os homens e mulheres tivessem suficiente espaço em comum para esse relacionamento, poderia também ser um mundo tranquilo. No

presente, porém, estamos entre dois extremos. O necessário espaço comum, a matriz, existe entre os sexos em alguns grupos, mas não em outros. Está, claramente, em falta em muitas periferias residenciais. Num bairro rico, onde os homens investiram toda sua vida no acúmulo de dinheiro, algumas mulheres pelo menos usam seu tempo para desenvolver uma vida intelectual: na música ou na literatura, por exemplo. Em tais lugares, os homens se parecem mais com bárbaros entre os civilizados no meio de suas mulheres. Em outros bairros, a situação é inversa. Ambos os sexos, de fato, “frequentaram a escola”, mas, desde então, os homens receberam uma educação mais séria; tornaram-se médicos, advogados, clérigos, arquitetos, engenheiros ou escritores. As mulheres são para eles o mesmo que são as crianças para os adultos. Em nenhum dos dois bairros a Amizade verdadeira entre os sexos será provável, mas isso, embora seja um empobrecimento, seria tolerável se fosse admitido ou aceito. O problema peculiar de nossos dias é que tanto homens como mulheres nessa situação se recusam a admitir isso. Estão assombrados por rumores e vislumbres de grupos mais felizes, onde não existem tais cismas entre os sexos e são atormentados pela ideia igualitária de que aquilo que é possível para alguns deve ser (e, portanto, é) possível para todos. Assim, temos, por um lado, a esposa como professora escolar, a mulher “de cultura” que está sempre tentando elevar o marido “até seu nível”. Ela arrasta o marido para concertos e quer que ele aprenda a “dança morris”⁶, também convida gente “de cultura” para visitar sua casa. O homem de meia-idade possui bastante resistência pacífica e (se ela tivesse alguma ideia) comiseração: “as mulheres têm suas maluquices”. Algo muito mais doloroso acontece quando os homens são “civilizados” e as mulheres não, e quando todas as mulheres, e os homens também, simplesmente se recusam a admitir o fato.

Quando isso acontece, temos um tipo benevolente, refinado, dedicado e deplorável de fingimento. As mulheres devem ser “consideradas” (como dizem os advogados) membros plenos do círculo masculino. O fato — que não é importante por si só — de agora fumarem e beberem como os homens parece uma prova disso para as pessoas simples. Festas de despedida de solteiro estão proibidas. Sempre que os homens se reunirem, as mulheres

precisam ir também. Os homens aprenderam a viver no meio de ideias. Sabem o que uma discussão, prova ou ilustração significa. Uma mulher que fez apenas o ensino fundamental não poderá entrar em tal círculo. Depois de casada, ela abandona os poucos traços de “cultura” aprendida, sua leitura é somente de revistas femininas e sua conversação geral é quase exclusivamente narrativa. Ela poderá até estar presente, no mesmo recinto, em termos locais e físicos. E então, o que acontece? Se os homens não tiverem consideração, ela ficará sentada, entediada e calada durante a conversa que nada significa para ela. Se forem mais educados, é claro, tentarão envolvê-la na conversa. Coisas lhe serão explicadas; as pessoas tentarão expressar suas observações irrelevantes de forma compreensível para ela. Mas esse esforço logo fracassa. Por causa das boas maneiras, aquilo que poderia ter sido um debate real é, deliberadamente, diluído e vai minguando até virar fofoca, histórias e piadas. Assim, sua presença destruiu a própria coisa de que ela veio compartilhar. Ela jamais poderia entrar no grupo porque o grupo deixaria de existir como tal se ela entrasse — da mesma forma que o horizonte deixa de ser horizonte quando você chega a ele. Ao aprender a fumar e a beber e, talvez, a contar histórias picantes, ela não chegou nem mesmo um centímetro mais perto dos homens que sua própria avó. Mas sua avó era mais feliz e realista. Ela ficava em casa conversando com outras mulheres e, talvez, fazendo isso com grande charme, bom senso e até inteligência. Ela mesma poderia também ter feito isso. E poderia ser tão esperta quanto os homens cuja noite ela arruinou, ou até mais esperta do que eles. No entanto, ela não está, de fato, interessada nas mesmas coisas, nem domina os mesmos métodos (todos nós parecemos tolos quando fazemos de conta que estamos interessados em coisas nas quais não temos interesse nenhum).

A presença de tais mulheres, milhares em número, ajuda a explicar o moderno desprezo da Amizade. Frequentemente, elas são completamente vitoriosas. Baniram o companheirismo e, assim sendo, a Amizade masculina, de bairros inteiros. No único mundo que conhecem, uma alegre conversação interminável e sem nexos ocupa o lugar da troca de ideias. Todos os homens que elas

encontram conversam como mulheres quando as mulheres estão presentes.

Essa vitória sobre a Amizade é, muitas vezes, inconsciente. Existe, entretanto, um tipo de mulher militante que planeja isso. Já ouvir uma dizer: “Nunca deixe dois homens sentarem juntos ou eles irão conversar sobre algum *assunto* e não vai ter graça nenhuma”. A tese que ela defende não poderia ter sido feita de modo mais apropriado. Conversa, certamente! Quanto mais, melhor! Uma cascata incessante de vozes humanas; mas, por favor, nenhum assunto! A conversa não deve ser sobre coisa nenhuma.

Essa alegre senhora — animada, realizada, “charmosa”, insuportavelmente entediante — queria apenas a diversão de cada noite, fazendo o encontro “rolar”. Contudo, a guerra consciente contra a Amizade pode ser travada num nível mais profundo. Há mulheres que tratam a Amizade com ódio, ciúme e medo, como inimiga do Eros e, talvez até mais, como inimiga da Afeição. Uma mulher desse tipo possui centenas de artimanhas para acabar com as Amizades do marido. Ela mesma discutirá com os Amigos dele ou, pior ainda, com as esposas deles. Torcerá o nariz para eles, tentará obstruir a Amizade e mentirá. Ela nem mesmo percebe que o marido que ela consegue separar de seu próprio grupo não valerá a pena ter; ela o castrou. Ela mesma sentirá vergonha dele. Também não lembra o quanto da vida do marido alcança lugares em que ela não poderá vigiá-lo. Novas Amizades surgirão, mas desta vez em segredo. Com sorte para ela, com mais sorte do que merece, não haverá logo outros segredos também.

Todas essas mulheres, claro, são tolas. As sensatas que, se quisessem, certamente poderiam se qualificar para o mundo da discussão e das ideias, são precisamente aquelas que, se não forem qualificadas, jamais tentam entrar neste mundo ou destruí-lo, pois têm outros interesses. Numa festa mista, movem-se de um lado para o outro da sala e conversam sobre assuntos femininos com outras mulheres. Elas não nos querem com esse propósito mais do que nós queremos a elas. São apenas os sem-importância de cada sexo que desejam ficar incessantemente pendurados um ao outro. Viva e deixe viver. Elas riem muito de nós. É assim que tem de ser. Quando as pessoas de diferentes sexos não têm nenhuma atividade

em comum e, por isso, só conseguem se encontrar na Afeição e no Eros — não podem ser Amigos —, é saudável que cada uma tenha um senso apurado do absurdo do outro. De fato, isso é sempre saudável. Ninguém realmente aprecia o sexo oposto — assim como ninguém realmente aprecia crianças ou animais — sem às vezes sentir que é engraçado. Ambos os sexos são engraçados. A humanidade é tragicômica; mas a divisão em sexos capacita cada um a ver no outro a piada que frequentemente não percebe dentro de si — e a experiência do outro também.

Eu avisei que esse capítulo seria um trabalho de reabilitação. Espero que as páginas anteriores tenham deixado claro que, para mim ao menos, não há dúvida de que nossos antepassados consideraram a Amizade algo que nos eleva quase acima da humanidade. Esse amor, que é livre do instinto e do dever, exceto daquele que o amor livremente assumiu, e quase livre por inteiro do ciúme, sem necessidade de ser necessário, é eminentemente espiritual. É o tipo de amor que alguém pode imaginar acontecendo entre anjos. Será que encontramos aqui um amor natural, que é o Amor em si?

Antes de nos apressarmos em chegar a uma conclusão como essa, devemos estar alerta à ambiguidade da palavra *espiritual*. Existem muitos contextos no Novo Testamento em que ela significa “referente ao Espírito (Santo)”, e nesses contextos o espiritual é bom por definição. Mas quando *espiritual* é usado simplesmente como o oposto de corpóreo, ou instintivo, ou animal, isso não é verdade. Existe maldade espiritual tanto quanto bondade espiritual. Existem maus e bons anjos. Os piores pecados do ser humano são espirituais. Não devemos imaginar que ao descobrir que a Amizade é espiritual, descobrimos que é inerentemente santa e sem erro. Três fatos importantes restam ainda ser considerados.

O primeiro, já mencionado, é a tendência à desconfiança que têm de Amizades achegadas entre seus subordinados. Talvez isso seja injustificado; ou pode ser que exista base para isso.

Em segundo lugar, existe a atitude que a maioria das pessoas têm para com todos os círculos de bons Amigos. Cada nome dado para esses círculos é mais ou menos pejorativo. Na melhor das hipóteses é uma “armação”; será sorte se não for um “clube do Bolinha”, uma

“gangue”, um “pequeno concílio” ou a “sociedade da admiração mútua”. Aqueles que em suas próprias vidas conhecem somente a Afeição, o Companheirismo e o Eros suspeitam que Amigos sejam “chatos arrogantes que se acham bons demais”. Claro que isso é a voz da Inveja, mas a Inveja sempre traz a acusação mais verdadeira ou a mais próxima da verdade que ela é capaz de inventar; e dói mais. Portanto, essa acusação precisa ser considerada.

Por fim, devemos notar que a Amizade raramente é a imagem sob a qual as Escrituras representam o amor entre Deus e os Seres Humanos. Ela não é inteiramente negligenciada, porém, com mais frequência, ao procurar um símbolo para o amor mais elevado de todos, as Escrituras ignoram esse relacionamento que parece quase angelical e se lança nas profundezas do que é mais natural e instintivo. A Afeição é tomada como a imagem na qual Deus é representado como nosso Pai; e o Eros, na qual Cristo é representado como o Noivo da Igreja.

Começemos com as suspeitas daqueles em Autoridade. Entendo que haja fundamento para essa suspeita e que uma consideração desse fundamento trará à luz algo importante.

Já disse que a Amizade nasce no momento em que uma pessoa diz à outra: “O quê? Você também? Pensei que era só eu...” Mas o gosto comum, a visão, ou ponto de vista que é assim descoberto não é necessariamente bom. De um momento como esse podem, muito bem, surgir a arte, a filosofia ou algum avanço na religião ou na moral; mas por que não também a tortura, o canibalismo ou o sacrifício humano? Provavelmente, a maioria de nós experimenta a natureza ambivalente de tais momentos em nossa própria juventude. Foi maravilhoso encontrar pela primeira vez alguém que gostava do nosso poeta favorito. Aquilo que era entendido pela metade antes, agora tomou uma forma clara. Aquilo que nos deixava meio envergonhados é, agora, abertamente reconhecido. Contudo, não era menos prazeroso quando primeiro encontramos alguém que compartilhou conosco uma maldade secreta. Isso também se tornou mais palpável e explícito; e disso também deixamos de nos envergonhar. Mesmo agora, seja qual for nossa idade, conhecemos todo o charme arriscado de um ódio ou

ressentimento compartilhado (é difícil não chamar de Amigo a única outra pessoa que percebe as falhas do Subdiretor).

Sozinho entre companheiros não simpáticos, defendendo certos pontos de vista e padrões de forma tímida, meio envergonhado de admiti-los e meio na dúvida se, no final das contas, poderão estar certos. Ponha-me de volta entre meus Amigos e em meia hora — dez minutos, quem sabe — esses mesmos pontos de vista se tornam mais uma vez indisputáveis. A opinião desse pequeno grupo, enquanto eu estiver com ele, pesará mais do que a opinião de mil pessoas de fora. À medida que a Amizade se fortalece, fará isso também quando meus Amigos estiverem muito longe. Todos nós queremos ser julgados por pessoas de nosso grupo, pelas pessoas que têm “o mesmo sentimento que nós”. Somente elas de fato conhecem nossa maneira de pensar e somente elas julgam com as regras que reconhecemos inteiramente. Delas é o louvor que realmente desejamos e a acusação que nos deixa apavorados. Os pequenos grupos de primeiros cristãos sobreviveram por se importarem exclusivamente com o amor dos “irmãos” e por desconsiderarem a opinião da sociedade pagã que os cercava. Todavia, um círculo de criminosos, enganadores e perversos sobrevive da mesma maneira; não fazendo caso da opinião do mundo exterior, descontando isso como conversa sem importância de pessoas que “não entendem”, de pessoas “convencionais”, de burgueses, do *establishment*, dos arrogantes, dos puritanos e dos impostores.

Portanto, é fácil ver a razão por que as Autoridades desconfiam da Amizade. Cada Amizade verdadeira é uma espécie de separação, até mesmo uma rebelião. Talvez seja uma rebelião de pensadores sérios contra um comportamento social aceito, ou do pensamento da moda contra o bom senso na sociedade; de verdadeiros artistas contra a breguice, ou de charlatães contra o gosto civilizado; de homens bons contra a maldade da sociedade ou de homens maus contra sua bondade. Qualquer que seja, não será bem recebido pelas pessoas na parte de cima do poder. Em cada grupo de Amigos haverá um segmento de “opinião pública” que fortalece seus membros contra a opinião pública da comunidade em geral. Assim, cada um é repositório de resistência em potencial. Pessoas que

tenham amigos verdadeiros serão mais difíceis de manejar ou de serem abordadas; mais difíceis para as boas autoridades corrigirem e as más autoridades corromperem. Então, se nossos governantes tiverem, alguma vez, sucesso em produzir um mundo onde todos sejam Companheiros, mas ninguém seja Amigo, terão removido certos perigos, e também nos terão tirado aquilo que é quase a nossa maior salvaguarda contra a servidão completa. Farão isso por meio da força ou da propaganda a respeito do “Companheirismo” ou, discretamente, tornando impossível a nossa privacidade e o lazer não programado.

Mas os perigos são perfeitamente reais. Uma Amizade (como vista pelos antigos) pode ser um aprendizado da virtude; mas também (como não viram) um aprendizado de vícios. É ambivalente. Torna melhores os homens bons e piora os maus. Elaborar essa questão seria um desperdício de tempo. Aquilo que nos preocupa não é tirar a maldade das Amizades ruins, mas ter consciência do perigo potencial nas boas Amizades. Esse amor, tal qual os outros amores naturais, tem propensão congênita para um tipo específico de doença.

Ficará óbvio que o elemento de separação, de indiferença ou de surdez (pelo menos, para alguns assuntos) às vozes do mundo exterior é algo comum a todas as Amizades, quer boas, quer más, ou meramente inócuas. Mesmo que o denominador comum da Amizade seja nada mais importante que colecionar selos, o círculo ignora, correta e inevitavelmente, a opinião de milhões de pessoas que pensam que essa ocupação é tola e de milhares que meramente se entretêm com isso. Os fundadores da meteorologia inevitavelmente ignoraram as opiniões de milhões de pessoas que ainda atribuíam as tempestades à feitiçaria. Não há ofensa nisso. Assim como eu deveria ser uma pessoa “de fora” para o círculo de golfistas, matemáticos ou motoristas, também eu reivindico o mesmo direito de considerá-los “de fora” do meu próprio círculo. Pessoas que cansam umas às outras raramente deveriam se encontrar; pessoas que se interessam mutuamente deveriam se encontrar com frequência.

O problema é que essa indiferença parcial ou surdez à opinião externa, ainda que justificadas e necessárias, pode levar à

indiferença e surdez indiscriminadas. Os exemplos mais espetaculares disso podem ser vistos não no círculo de amigos, mas numa classe teocrática ou aristocrática. Sabemos o que os sacerdotes nos tempos de Nosso Senhor pensavam do povo comum. Os Cavaleiros nas crônicas de Froissart não tinham nem simpatia e nem misericórdia pelos “de fora”, os peões ou camponeses. Mas essa deplorável indiferença estava intimamente mesclada com uma boa qualidade. Tinham entre si realmente um altíssimo padrão de bravura, generosidade, cortesia e honra. O peão cauteloso e tacanho consideraria esses padrões simplesmente tolos. Ao mantê-los, os Cavaleiros eram e tinham de ser totalmente indiferentes a essa perspectiva. Eles não se importavam com o que o peão pensava. Se tivessem se importado, nosso próprio padrão hoje seria mais pobre e menos refinado. Mas o hábito de não se importar cresce entre as classes. Desprezar a voz do camponês onde realmente deveria ser desprezada torna mais fácil também desprezar sua voz quando ele clama por justiça ou misericórdia. A surdez parcial, que é nobre e necessária, encoraja a surdez indiscriminada, que é arrogante e desumana.

Um círculo de amigos não poderá, é claro, oprimir o mundo exterior da mesma forma que uma classe social poderosa é capaz de fazer, mas, guardadas as devidas proporções, estará sujeito ao mesmo perigo. Poderá chegar a tratar como “de fora” em geral (e de forma desrespeitosa) aqueles que eram externos a ela por uma razão específica. Desse modo, como se fosse uma aristocracia, poderá criar ao seu redor um vácuo intransponível a todas as vozes. O círculo literário ou artístico que começou por desprezar, talvez corretamente, as ideias do homem comum acerca da literatura ou da arte poderá desprezar, também, sua ideia de que os membros desses círculos deveriam pagar suas contas, cortar suas unhas e se comportar de modo civilizado. Quaisquer que sejam as falhas desses círculos — e não há círculo que não as tenha —, elas se tornam, assim, incuráveis. Mas isso não é tudo. A surdez parcial e defensável estava baseada em algum tipo de superioridade — mesmo que fosse apenas um conhecimento superior sobre selos. O senso de superioridade se prenderá, então, ao de surdez total. O grupo desdenhará, bem como ignorará, aqueles que estiverem fora

dele. Com efeito, terá se tornado em algo semelhante a uma classe. Um grupo de interesse é uma aristocracia autodesignada.

Eu já disse que, em uma boa Amizade, cada membro frequentemente sente humildade em relação ao restante. Ele os vê como pessoas admiráveis e se considera sortudo por estar entre eles. Infelizmente, porém, o *eles* e o *os* são também, de outro ponto de vista, o *nós* e o *nos*. Portanto, a transição da humildade individual para o orgulho corporativo é muito fácil.

Não estou pensando aqui naquilo que deveríamos chamar de soberba social ou esnobismo: um prazer em conhecer, e de ser conhecido por conhecer, pessoas de distinção. Isso é algo completamente diferente. O esnobe deseja se reunir a algum grupo porque esse grupo é considerado elite; amigos correm o risco de se considerarem elite por já estarem unidos ao grupo. Por causa delas próprias, buscamos pessoas que tenham o mesmo sentimento que nós e, então, ficamos surpreendidos, de forma alarmada ou prazerosa, por causa do sentimento de que nos tornamos uma aristocracia. Não que tenhamos denominado assim o grupo. Cada leitor que já conhece a Amizade provavelmente se sentirá inclinado a negar veementemente que alguma vez seu próprio círculo tenha sido culpado de um absurdo como esse. Compartilho o mesmo sentimento. No entanto, nesses assuntos, é melhor não começar por nós mesmos. Qualquer que seja nosso caso, penso que todos reconhecemos alguma tendência desse tipo nos círculos dos quais somos “de fora”.

Certa vez, eu participava de um tipo de conferência na qual dois clérigos, obviamente amigos achegados, começaram a falar sobre “energias incriadas” além de Deus. Perguntei como poderiam existir quaisquer coisas incriadas, exceto Deus, se o *Credo* estava correto em chamá-lo “criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis”. Sua resposta foi olhar um para o outro e rir. Não fiquei incomodado com o riso deles, mas eu queria uma resposta em palavras também. Não era nada como um riso de desdém ou desagradável. Manifestava aquilo que os americanos expressariam dizendo: “Ah, que bonitinho!” Era como o riso de adultos bem-humorados quando uma criança impertinente faz uma pergunta que não se deve. Você dificilmente veria como algo ofensivo, mas claramente notaria que o

riso transmitia a impressão de que estavam conscientes de viver habitualmente numa dimensão mais elevada que o resto, algo como Cavaleiros entre peões ou adultos entre crianças. É bem possível que tivessem uma resposta à minha pergunta, mas sabiam que eu era muito ignorante para compreendê-la. Se tivessem dito algo como “Receio que a explicação tomaria muito tempo”, eu não atribuiria a eles a soberba da Amizade. O olhar e a risada são a questão real — a materialização audível e visível de uma superioridade corporativa tida como dada e sem ocultação. A quase completa atitude inofensiva, a ausência de qualquer desejo aparente de ferir ou exultar (eram jovens adultos simpáticos) realmente sublinham a atitude Nobre. Aqui se expressava um sentimento de superioridade tão seguro que poderia até ser tolerante, civilizado e não enfático.

Esse senso de superioridade corporativa nem sempre é Nobre; isto é, tranquilo e tolerante. Poderá ser Titânico; impaciente, militante e ressentido. Numa outra ocasião, quando falei para uma associação de estudantes universitários e houve um debate (muito apropriado) depois da apresentação de minha palestra, um jovem com uma expressão facial tão tensa quanto a de um roedor me destratou de tal maneira que tive de dizer: “Senhor, nos últimos cinco minutos, sem usar a palavra, o senhor me chamou de mentiroso duas vezes. Se não puder discutir uma questão debatível sem esse tipo de atitude, devo interromper o debate”. Esperava dele uma de duas atitudes: ficar bravo e redobrar os insultos ou, então, ficar corado e pedir desculpas. O surpreendente é que ele não fez nenhuma delas. Não houve mais nenhuma perturbação adicionada à sua habitual expressão facial doentia. Ele não repetiu a acusação de mentira; mas, à exceção disso, continuou do jeito que se comportava antes. Alguém estava indo contra uma cortina de ferro. Ele estava precavido contra o risco de qualquer relação rigorosamente pessoal, quer amistosa, quer hostil, com uma pessoa como eu. Por trás disso, é quase certo, existe um círculo do tipo Titânico — de automeados cavaleiros templários, perpetuamente armados para defender seu ídolo, Baphomet. Nós, que somos *e/les* nesse caso, não existimos como pessoas de forma nenhuma. Somos amostras; amostras de vários grupos etários, tipos, opiniões

ou interesses a serem exterminadas. Sem poder usar um tipo de arma, usam outro de maneira completamente despojada. Não estão se encontrando conosco de modo algum no sentido humano normal; estão simplesmente fazendo o seu trabalho — fumar (ouvi alguém usando essa imagem) inseticida.

Meus dois simpáticos jovens clérigos e meu não tão simpático Roedor estavam numa dimensão intelectual elevada. Assim também estavam aqueles que nos tempos do rei Edward alcançaram a sublime estupidez de se autodenominarem “as Almas”. Entretanto, o mesmo sentimento de superioridade corporativa poderá possuir um grupo de amigos muito mais comum. Isso será ostensivamente publicado da maneira mais grosseira possível. Todos já vimos isso acontecer quando os “veteranos” da escola falam na presença de um novo estudante ou quando dois soldados regulares do exército conversam diante de um soldado “temporário” convocado para o serviço militar. Algumas vezes, dois amigos muito grosseiros falam bem alto para impressionar estranhos num bar ou num vagão de trem. Essas pessoas conversam de forma muito particular e esotérica com o propósito de serem ouvidos pelos outros. Todos que não fazem parte do círculo precisam saber que não estão nele. Na verdade, a Amizade poderá ser “sobre” quase nada, exceto o fato que ela exclui. Ao falar com os “de fora”, cada membro do grupo tem prazer em mencionar os outros pelos seus primeiros nomes ou apelidos; porque os “de fora” não saberiam de quem ele falava. Um homem que conheci certa vez era ainda mais sutil. Ele simplesmente se referia a seus amigos como se nós todos os conhecêssemos, certamente precisávamos conhecê-los. “Como Richard Button me disse certa vez...”, ele diria. Éramos todos muito jovens. Nunca ousávamos admitir que não tínhamos ouvido sobre Richard Button. Parecia tão óbvio julgar que o nome era conhecido por aqueles que tinham alguma reputação; “não o conhecer fazia de nós desconhecidos”. Somente muito tempo depois descobrimos que ninguém mais tinha ouvido falar dele. De fato, eu agora suspeito que alguns desses Richard Buttons, Hezekiah Cromwells e Eleanor Forsyths eram tão reais quanto o imaginário Sr. Harris. Mas, por mais ou menos um ano, estivemos completamente impressionados.

Dessa forma, podemos detectar o orgulho da Amizade em muitos círculos de Amigos — seja ela Nobre, Titânica ou meramente vulgar. Seria precipitado presumir que o nosso próprio grupo esteja isento desse perigo; pois, é claro, seria de se esperar que nós mesmos demorássemos a reconhecer o perigo. Na realidade, o perigo desse orgulho é quase inseparável do amor da Amizade. A Amizade precisa excluir. Mas, é um passo muito pequeno o que se percorre entre o inocente e necessário ato de excluir até o espírito de exclusividade; o que vem depois disso é o prazer degradante da exclusividade. Se isso for finalmente admitido, o caminho de volta da montanha que foi escalada será cada vez mais íngreme. Talvez nunca nos tornemos Nobres ou somente um grupo de malandros; poderíamos nos tornar “Almas”, o que de certa forma seria ainda pior. A visão comum que nos reuniu poderá simplesmente desvanecer. Seremos um clube exclusivo que existe apenas para ser um clube exclusivo; uma pequena aristocracia autodesignada (e, portanto, absurda), satisfazendo-nos com nossa própria autoaprovação coletiva.

Às vezes, um círculo nessa condição começa a brincar com o mundo prático. Ele criteriosamente se amplia, admitindo recrutas que compartilham apenas tangencialmente do interesse comum original, mas que são percebidos como (num sentido não definido) “pessoas de bem”, e, assim, o círculo se torna um poder regional. Tornar-se membro desse círculo começa a ter certa importância política, embora a política envolvida seja apenas aquela de um regimento militar, de uma faculdade ou de uma catedral fechada. A manipulação de comitês, a obtenção de empregos (para as pessoas de bem) e a frente unida contra os destituídos tornam-se, agora, sua principal atividade. E aqueles que antes se encontravam para conversar a respeito de Deus ou de poesia, agora se reúnem para falar de preleções ou estilos de vida. Observe a justiça de sua ruína. Deus disse a Adão: “Você é pó, e ao pó voltará”. Em um círculo que tenha encolhido até se tornar um bando de enganadores, a Amizade ficou reduzida ao Companheirismo prático que foi a sua matriz. Os membros do grupo formam agora o mesmo tipo de ajuntamento que a horda primitiva de caçadores. E caçadores é o que exatamente

são, de fato; e não caçadores do tipo que merecem o meu maior respeito.

A maioria das pessoas nunca está totalmente correta, tampouco totalmente errada, todavia, as pessoas estão completamente equivocadas ao pensar que todo grupo de Amigos tenha começado a existir por causa dos prazeres do segredo e da superioridade. Penso que estão erradas em sua crença de que cada amizade realmente se ocupa desses prazeres, mas estão corretas ao diagnosticar o orgulho como o perigo no qual as amizades naturalmente incorrem. Uma vez que a Amizade é o mais espiritual dos amores, o perigo que a ameaça é também espiritual. Amizade é até mesmo angelical, se preferir. Contudo, o ser humano precisa estar triplamente protegido pela humildade se quiser comer o pão dos anjos sem risco.

Talvez agora pudéssemos nos arriscar a sugerir a razão pela qual as Escrituras usam a Amizade de forma tão rara como imagem do mais alto amor. Ela é, de fato, muito espiritual para ser um bom símbolo para coisas espirituais. Aquilo que é superior não existe sem o que é inferior. Assim, Deus pode representar a si para nós de maneira segura como Pai e Noivo, pois somente um louco pensaria que ele é fisicamente nosso mestre ou que o seu casamento com a Igreja seja mais do que místico. Mas, se a amizade for usada para esse propósito, poderíamos confundir o símbolo com coisa simbolizada. O perigo inerente nisso seria bem grave. Poderíamos ser encorajados, ainda, a confundir aquela proximidade (por semelhança) com a vida celestial que a Amizade certamente apresenta com uma proximidade de abordagem.

Assim, a Amizade, como os outros amores naturais, é incapaz de salvar-se. Na realidade, por ser espiritual e, portanto, enfrentar um inimigo mais sutil, ela deve, com ainda maior intensidade do que eles, invocar a proteção divina caso espere se manter pura. Considere como é estreito o seu verdadeiro caminho. Não deveria se tornar aquilo que as pessoas chamam de uma “sociedade de admiração mútua”; no entanto, se não estiver plena de admiração mútua, de amor Apreciativo, não será de forma nenhuma Amizade. A menos que nossa vida deva ser tristemente empobrecida, a

admiração dentro da Amizade deveria ser para nós como era para Cristiana e seu grupo no livro *A peregrina*⁷:

*Parecia que cada uma infundia medo à outra,
porque não podia ver em si mesma a glória
que resplandecia na outra. Portanto, começavam
a considerar-se uma inferior a outra.
— Tu és mais formosa que eu — dizia uma.
— Tu é mais bela que eu — respondia a outra.*

De certa forma, no longo prazo existe somente um caminho no qual podemos provar essa sublime experiência com segurança. E Bunyan indicou isso na mesma passagem. Foi na Casa do Intérprete, depois de banhadas, e recém-vestidas com “trajes brancos” que as mulheres viram umas às outras nessa luz. Se lembrarmos do banho e do vestir, estaremos seguros. E, quanto mais elevado for o denominador comum da Amizade, a lembrança se tornará ainda mais necessária. Sobretudo, numa Amizade explicitamente religiosa, esquecer disso é fatal.

Pois parecerá a nós — os quatro ou cinco — que ascendemos acima do restante da humanidade por nossos poderes inerentes. Afinal, escolhemos uns aos outros, a perspicácia de um encontrando a beleza interior dos outros, a semelhança entre todos, uma fidalguia voluntária. Os outros amores não dão espaço à mesma ilusão. A Afeição obviamente exige uma afinidade ou, pelo menos, proximidades que jamais dependem de nossa escolha. E quanto ao Eros, a metade das canções de amor e dos poemas românticos no mundo lhe dirá que a Amada é seu destino inevitável, não mais uma escolha do que um relâmpago, pois “não está em seu poder amar ou odiar”. Está na flecha do Cupido, no DNA — em tudo menos em nós mesmos. Mas, na Amizade, que está livre de tudo isso, pensamos que escolhemos nossos camaradas. Na realidade, alguns anos de diferença na data de nossos nascimentos, uns poucos quilômetros a mais entre certas casas, a escolha de uma universidade em lugar de outra, ser mandado para outro quartel no serviço militar, o modo acidental em que um assunto foi ou não levantado na primeira reunião — qualquer uma dessas coisas fortuitas poderia ter-nos mantido distantes. Mas, para um cristão não existem coincidências. Um mestre de cerimônias secreto está a

trabalhar. Cristo, que disse a seus discípulos “Vocês não me escolheram, eu os escolhi”, pode verdadeiramente dizer a cada grupo de amigos cristãos “Vocês não escolheram uns aos outros, eu escolhi vocês uns para os outros”. A Amizade não é uma recompensa para nosso discernimento e bom gosto em achar um ao outro. É o instrumento pelo qual Deus revela a cada um as virtudes de todos os outros. Elas não são maiores que as virtudes de outras mil pessoas. Pela Amizade, Deus abre nossos olhos a elas. Como as demais virtudes, são derivadas de Deus e, então, numa boa Amizade, são por ele aumentadas, de modo que sejam seus instrumentos para criar tanto quanto para revelar. Nesse banquete, é ele quem põe a mesa e é ele que escolhe os convidados. E ousamos imaginar que é ele mesmo que algumas vezes preside (e que sempre deveria fazê-lo). Que sempre o tenhamos como nosso Convidado.

Não é que devamos sempre compartilhar isso de forma solene. Que o “Deus que criou o bom riso” não o permita. Reconhecer profundamente certas coisas como sérias e, ainda assim, ter a capacidade e a vontade de tratá-las como se fossem leves feito um jogo, essa é uma das sutilezas mais difíceis e agradáveis da vida. Mas haverá espaço para dizer mais sobre isso no próximo capítulo. Por ora, somente citarei o conselho de Dunbar, que é belamente equilibrado:

*Homem, agrada teu Criador e fica contente,
E não dá para este mundo nem uma semente.*

[6](#) Dança folclórica de grupo, característica da região de Cornualha, no sudoeste da Inglaterra. [N. T.]

[7](#) O livro, também do escritor e pregador puritano John Bunyan (1628–1688), é a continuação do clássico *O peregrino*, uma das alegorias cristãs mais influente de todos os tempos. [N. E.]

eros

Ao falar de *Eros* quero dizer, é claro, aquele estado emocional que chamamos de “estar apaixonado” ou, se preferir, “estar amando”. Alguns leitores podem ter ficado surpresos quando, num capítulo anterior, descrevi a Afeição como o amor em que nossa experiência chega mais perto da experiência dos animais. Com certeza, pode-se perguntar: nossas funções sexuais nos aproximam igualmente dos animais? Isso é bem verdade no que diz respeito à sexualidade humana em geral, mas não me preocuparei com ela em si. A sexualidade faz parte do assunto somente quando se tratar de um ingrediente no estado complexo de “estar amando”. Essa experiência sexual pode ocorrer sem o Eros, sem que se esteja “apaixonado”, e tenho certeza que esse Eros inclui outras coisas além da atividade sexual. Se preferir colocar dessa maneira, estou pesquisando não a sexualidade que temos com os animais ou até com todas as pessoas, mas olhando para uma variação unicamente humana que se desenvolve dentro do “amor” — aquilo que denomino Eros. Ao carnal ou ao elemento sexual animal dentro do Eros, pretendo (seguindo a maneira antiga) denominar Vênus. Quero dizer por Vênus aquilo que é sexual não num sentido críptico ou mais complexo — como algo profundo que um psicólogo pudesse investigar —, mas no sentido perfeitamente óbvio; o que é conhecido como sexual por aqueles que o experimentam; aquilo que poderia se provar sexual pela simples observação.

A sexualidade pode funcionar sem o Eros ou como parte do Eros. Apresso-me a acrescentar que faço a distinção somente para limitar nossa pesquisa e sem qualquer implicação moral. De modo algum apoio a ideia popular de que a ausência ou a presença do Eros torne o ato sexual “impuro” ou “puro”, degradado ou bom, legal ou

ilegal. Se todos os que dormem juntos fossem abomináveis por não estarem num estado de Eros, todos nós seríamos de procedência impura. Os momentos e os lugares em que o casamento depende do Eros constituem uma minoria insignificante. A maioria de nossos antepassados se casaram muito jovens, com noivos escolhidos por seus pais, com base em critérios que nada tem a ver com o Eros. Eles prosseguiram para o ato conjugal com nenhum outro “impulso” além do desejo básico e animal. Eles fizeram a coisa certa; honestos maridos e mulheres cristãos, obedecendo seus pais e suas mães, cumprindo um para com o outro a “obrigação do casamento” e criando famílias no temor ao Senhor. Do contrário, se esse ato for feito sob a influência de um Eros elevado e brilhante, que reduz a função dos sentidos para uma pequena consideração, talvez sendo até adultério, poderá envolver o coração partido de uma esposa, enganar um marido, trair um amigo, contaminar a hospitalidade e abandonar seus filhos. Não agrada a Deus que a distinção entre o pecado e um dever desperte os sentimentos mais nobres. Esse ato, como qualquer outro, é justificado (ou não) por critérios muito mais prosaicos e definidos; por manter ou quebrar promessas, por justiça ou injustiça, por caridade ou egoísmo, por obediência ou desobediência. Minha abordagem elimina a mera sexualidade — a sexualidade sem o Eros — com bases que nada têm a ver com a moralidade; porque isso é irrelevante para os nossos propósitos.

Para o evolucionista, o Eros (a variante humana) será algo que brota de Vênus, uma recente complicação e desenvolvimento do impulso biológico imemorial. No entanto, não devemos presumir que isso é, necessariamente, o que acontece dentro do consciente do indivíduo. Talvez existam aqueles que primeiro sentiram mero apetite sexual por uma mulher e só depois passaram para a fase do “apaixonar-se por ela”. Duvido, porém, que isso seja muito comum. Muito frequentemente, o que vem primeiro é uma agradável preocupação com a Amada — uma preocupação geral, não específica, com ela em sua totalidade. O homem nesse estado realmente não tem tempo livre para pensar em sexo. Ele está ocupado demais pensando numa pessoa. O fato de ela ser uma mulher é muito menos importante do que o fato de ser ela mesma.

Ele está cheio de desejo, mas o desejo pode não ser satisfeito de forma sexual. Se você perguntar o que ele quer, a resposta verdadeira muitas vezes seria “Continuar a pensar nela”. Ele contempla o amor. E mais adiante, quando um elemento explicitamente sexual despertar, ele não sentirá (a não ser que teorias científicas o estejam influenciado) que isso tem sido, todo tempo, a raiz de toda questão. É mais provável que ele sinta que a forte maré do Eros, depois de demolir muitos castelos de areia e ter feito muitas pedras tornarem-se ilhas, finalmente, com a triunfante sétima onda, tenha inundado essa parte de sua natureza também — o pequeno poço de sexualidade normal que estava lá em sua praia antes de a maré o inundar. O Eros o assalta como invasor, tomando conta e reorganizando, uma a uma, as instituições de um país conquistado. Pode ter conquistado muitos outros antes de chegar ao sexo nele; vai reorganizar isso também.

Ninguém indicou a natureza dessa reorganização de forma mais resumida e certa que George Orwell, que não gostava disso e preferia a sexualidade em sua forma nativa, não contaminada pelo Eros. Em *1984*, seu herói deplorável (menos humano que os heróis de quatro patas de seu excelente *A revolução dos bichos*), antes de punir a heroína, exige reafirmação: “Você gosta de fazer isso?”, pergunta; “Não quero dizer só a mim, mas a coisa em si”. Ele não fica satisfeito até receber a resposta: “Eu adoro isso”. Esse pequeno diálogo define a reorganização. Desejo sexual sem Eros quer *isso, a coisa em si*; o Eros quer a pessoa Amada.

A *coisa* é um prazer dos sentidos; ou seja, um evento que ocorre dentro do próprio corpo. Usamos uma expressão infeliz quando dizemos, sobre o homem cheio de desejo andando pelas ruas, que ele “quer uma mulher”. Na verdade, uma mulher é exatamente o que ele não quer. Ele quer um prazer para o qual uma mulher é apenas uma peça necessária do equipamento. O quanto ele se importa com uma mulher pode ser medido por sua atitude para com ela cinco minutos depois de o ato terminar (ninguém guarda o maço depois de fumar seu último cigarro). Por outro lado, o Eros faz um homem realmente desejar, não uma mulher, mas uma mulher em particular. De uma maneira misteriosa, mais indiscutível, o amante deseja a mulher Amada, ela mesma, não o prazer que ela pode dar. Nenhum

amante do mundo já procurou os abraços de uma mulher que ama de forma calculada, mesmo que inconscientemente, imaginando que seriam mais prazerosos do que os de outra mulher. Claro que se o perguntassem, sem dúvida ele responderia que assim o espera. Mas levantar a pergunta seria dar um passo totalmente para fora do mundo do Eros. O único homem que sei que levantou essa pergunta foi Lucrécio, e ele certamente não estava apaixonado quando a fez. É interessante prestar atenção em sua resposta. Aquele sujeito voluptuoso e austero deu sua opinião de que o amor impede o prazer sexual. A emoção era uma distração. Estragava a receptividade de seu paladar, que era frio e lógico (um grande poeta; mas, “Senhor, que animais eram esses romanos!”).

O leitor vai perceber que esse Eros, dessa forma, transforma maravilhosamente aquilo que por excelência é um prazer-Necessidade no mais Apreciativo de todos os prazeres. É a natureza do prazer-Necessidade nos mostrar o objeto somente em relação à nossa necessidade, mesmo que esta seja momentânea. Mas no Eros, a necessidade, no seu ponto mais intenso, vê o objeto como algo admirável em si, muito mais importante que sua relação com a necessidade do amante.

Se já não tivéssemos todos experimentado isso, se fôssemos somente lógicos, poderíamos nos chocar com o conceito de desejar um ser humano como algo diferente de desejar qualquer prazer, conforto ou serviço que um ser humano pode dar. Certamente, isso é difícil de explicar. Os próprios amantes tentam expressar uma parte disso (não muito) quando dizem que gostariam de “devorar” um ao outro. Milton expressa isso melhor quando imagina criaturas angelicais com corpos feitos de luz que conseguem se interpenetrar totalmente em lugar de nossos meros abraços. Charles Williams disse algo parecido com as palavras: “Amar você? Eu *sou* você”.

Sem o Eros, o desejo sexual, como qualquer outro desejo, é um fato sobre nós mesmos. Dentro do Eros é muito mais sobre a pessoa Amada. Torna-se quase um modo de percepção, inteiramente um modo de expressão. Isso parece objetivo; algo fora de nós, no mundo real. Por isso, embora o Eros seja o rei dos prazeres, sempre (em seu ponto mais alto) dá a impressão de considerar o prazer como um subproduto. Pensar nisso nos faria

mergulhar em nós mesmos, em nosso próprio sistema nervoso. Mataria o Eros, assim como você pode “matar” a perspectiva da montanha mais bela ao localizá-la em sua própria retina e em seu nervo óptico. De qualquer modo, para quem foi um prazer? Porque uma das primeiras coisas que o Eros faz é obliterar a distinção entre dar e receber.

Até aqui, tentei somente descrever como as coisas são, e não avaliar; mas certas questões morais são agora inevitáveis, e não posso esconder minha opinião sobre elas. Ofereço minha opinião, não a imponho, e estou aberto à correção de pessoas, amantes e cristãos melhores que eu.

No passado, acreditava-se, e talvez ainda hoje muitas pessoas incultas acreditem, que o perigo espiritual do Eros surge quase inteiramente do elemento carnal dentro dele; que o Eros é “mais nobre” ou “mais puro” quando Vênus é reduzida ao mínimo. Os teólogos morais mais antigos certamente pareciam pensar que o maior perigo do qual tínhamos de nos precaver no casamento era uma entrega aos sentidos que destruía a alma. É preciso notar, porém, que essa não é a abordagem das Escrituras. Ao dissuadir seus convertidos quanto ao casamento, o apóstolo Paulo nada disse sobre o assunto, exceto desencorajar a abstinência prolongada de Vênus (1Coríntios 7:5). O que ele teme é a preocupação, a constante necessidade de satisfazer — isto é, considerar — o seu par, as distrações múltiplas da vida doméstica. É o próprio casamento, não a cama do casal, que nos impedirá de servir a Deus sem interrupções. Será que Paulo está certo? Se posso confiar em minha própria experiência, a grande distração é (tanto dentro como fora do casamento) ocupar-se com os problemas práticos e cuidados preventivos deste mundo, até o menor e mais prosaico deles. Como se fosse uma nuvem de mosquitos, pequenas ansiedades e decisões sobre o que vai acontecer na próxima hora já interferiram nas minhas orações muito mais vezes do que qualquer paixão ou apetite. A grande e permanente tentação do casamento não é a questão da sensualidade, mas (falando francamente) a ganância. Com todo o respeito devido aos guias medievais, não posso esquecer de que eram todos celibatários e que provavelmente não sabiam o que o Eros faz à nossa sexualidade.

Como, longe de agravar, ele reduz o caráter incômodo e viciante do apetite em si. E não simplesmente quando o satisfaz. Mesmo não diminuindo o desejo, o Eros torna a abstinência mais fácil. Não há dúvida, ele tende à uma preocupação com a pessoa Amada que pode ser, de fato, um obstáculo para a vida espiritual; mas não primariamente uma preocupação sensual.

O real perigo espiritual no Eros como um todo está, creio eu, em outro lugar. Voltarei a essa questão. Por ora, quero falar sobre o perigo que atualmente, em minha opinião, assombra especialmente o ato do amor. Esse é um assunto do qual discordo, não da raça humana (longe disso), mas de muitos de seus principais interlocutores. Creio que estamos sendo encorajados a levar Vênus muito a sério, pelo menos com o tipo errado de seriedade. Durante toda minha vida tem havido uma solenização ridícula e espantosa do sexo.

Um autor nos diz que Vênus deve acontecer na vida de casamento num “ritmo solene e sacramental”. Um jovem rapaz, para quem apontei um romance que ele muito admirava como “pornográfico”, respondeu genuinamente confuso: “Pornográfico? Mas como pode ser? Ele trata a coisa toda de forma tão séria” — como se um rosto triste fosse uma espécie de desinfetante moral. Nossos amigos que abrigam deuses tenebrosos, a escola de pensamento do “ pilar de sangue”, tentam seriamente restaurar algo como uma religião fálica. De maneira mais sexy, as propagandas mostram todo o assunto em termos cativantes, intensos e devotos; raramente com um pouco de alegria. E os psicólogos nos confundem tanto com a importância infinita de um ajuste sexual completo e a quase impossibilidade de alcançar isso que acredito que alguns jovens casais agora fazem isso com a coleção completa de Freud, Kraft-Ebbing, Havelock Ellis e o Dr. Stopes espalhados nas mesas de cabeceira em volta deles. O bom, alegre e velho Ovídio, que nunca ignorou um pequeno problema, mas não transformou em montanha um problema pequeno, seria muito mais claro a esse respeito. Chegamos a uma fase em que nada é mais urgente do que uma boa gargalhada.

No entanto, as pessoas dirão que a coisa é séria. É verdade, e pode ser vista em quatro pontos. Primeiro, teologicamente, porque

essa é a parte do corpo no casamento que, pela escolha de Deus, oferece a imagem mais mística da união entre Deus e o ser humano. Segundo, com aquilo que me arriscaria chamar de subcristão, ou pagão, ou de sacramento natural, a nossa participação humana e exposição de forças naturais da vida e fertilidade — o casamento do Pai-Céu e da Mãe-Terra. Terceiro, no nível moral em vista das obrigações envolvidas e da grandeza incalculável de ser pai e ancestral. E, por fim, tem (às vezes, nem sempre) uma grande seriedade emocional na mente dos participantes.

Mas comer também é coisa séria; teologicamente, como veículo do Santo Sacramento; eticamente, em razão de nosso dever de alimentar os famintos; socialmente, porque a mesa é, desde tempos imemoriais, um lugar de conversa; clinicamente, como todas as pessoas com distúrbios gástricos sabem. Mesmo assim, não trazemos manuais para a mesa nem nos comportamos como se estivéssemos na igreja. E são os apreciadores de comida, não os santos, que chegam mais perto de fazer isso. Os animais são sempre sérios com relação à comida.

Não devemos ser totalmente sérios com relação à Vênus. De fato, não podemos ser totalmente sérios sem cometer alguma violência à nossa humanidade. Não é à toa que toda linguagem e literatura no mundo estão cheias de piadas sobre sexo. Muitas delas podem não ter graça nenhuma ou ser até nojentas, e quase todas são antigas. Mas devemos insistir que elas incorporaram uma atitude com relação à Vênus que, em última análise, põe em perigo a vida cristã em muito menor medida do que uma seriedade reverente. Não deveríamos tentar encontrar na carne um absoluto. Se banir a brincadeira e a risada da cama de amor, você pode acabar deixando entrar uma falsa deusa. Ela será ainda mais falsa que a Afrodite dos gregos; pois eles, mesmo quando a adoravam, sabiam que ela gostava do riso. A maioria das pessoas está completamente certa em sua convicção de que Vênus é parcialmente um espírito alegre. De modo algum temos a obrigação de cantar todos os duetos de amor da maneira tocante, interminável, de partir o coração como Tristão e Isolda na ópera de Wagner; em vez disso, deveríamos

cantar frequentemente como o Papagueno e a Papaguena na ópera de Mozart.

A própria Vênus se vingará de modo terrível se tomarmos sua (ocasional) seriedade de forma absoluta, e isso de duas maneiras. Uma é ilustrada de forma muito cômica, embora sem intenção, por Sir Thomas Browne. Ele diz que seu serviço (de Vênus) é “o ato mais tolo que um homem sábio comete em toda sua vida, nem existe nada que deprimirá sua mente mais do que quando ele pensar na estranha e imprestável bobeira que cometeu”. Mas se, em primeiro lugar, tivesse feito isso com menos solenidade, não teria ficado deprimido. Se sua imaginação não tivesse sido mal-empregada, não teria ficado com todo esse nojo. Mas Vênus tem uma vingança pior ainda.

Ela própria é um espírito brincalhão, mais parecido com uma fada do que uma divindade, e “tira sarro” de nós. Quando todas as circunstâncias externas são apropriadas para seu serviço, ela deixará um ou os dois amantes totalmente indispostos. Quando cada ato claro for impossível, e até mesmo olhares não puderem ser trocados — no metrô, em lojas ou em festas intermináveis —, ela os atacará com toda sua força. Uma hora mais tarde, quando o momento e o lugar forem propícios, ela terá se retirado misteriosamente; talvez, somente de um deles. Que problema isso gera — quanto ressentimento, autocomiseração, suspeitas, vaidade ferida e toda essa conversa sobre “frustração” — para aqueles que a adoram! Mas amantes sensatos riem disso. Tudo faz parte do jogo; um jogo de pega-pega, de escapadas, cambalhotas e cabeçadas que deve ser tratado como brincadeira.

Eu não consigo deixar de enxergar isso como uma das piadas de Deus, que a paixão tão elevada, tão transcendente como um Eros, seja, assim, ligada em simbiose inesperada com um apetite corporal que, como qualquer apetite, revela sem cerimônia suas conexões com fatores tão mundanos, como o clima, a saúde, a dieta, a circulação e a digestão. Em Eros, às vezes, parece que estamos voando; Vênus, então, nos puxa de repente e nos lembra que somos como balões presos por fios. Isso é uma demonstração constante da verdade e de que somos criaturas compostas, animais racionais, por um lado, semelhantes aos anjos, e, por outro, como

gatos brigões. Trata-se de algo muito ruim não poder levar na brincadeira. Pior ainda é não aceitar uma piada divina; claro que, feita à nossa custa, mas também (quem pode duvidar) para o nosso benefício sem fim.

O ser humano tem defendido três perspectivas sobre o seu corpo. Primeiro, aquela dos pagãos acéticos que chamam o corpo de prisão ou “túmulo” da alma. Segundo a de cristãos como Fisher, para quem o corpo era um “um saco de estrume”, comida para os vermes, sujo, vergonhoso, uma fonte que produz nada além de tentação aos homens maus e humilhação aos bons. Há os neopagãos (que raramente conhecem grego), os nudistas, os que sofrem com os deuses tenebrosos, para quem o corpo é glorioso. Mas, em terceiro, temos a perspectiva de São Francisco, que chamou seu corpo de “Irmão Burro”. Todas as três perspectivas poderiam, quem sabe, ser defendidas; mas eu aposto meu dinheiro em São Francisco.

“Irmão Burro” é maravilhosamente adequado, pois ninguém com bom senso engrandece ou odia um jumento. É um animal útil, forte, preguiçoso, obstinado, paciente, amável e capaz de deixar qualquer um furioso. Merece, por vezes, a vara e, por outras, uma cenoura; é tanto patético como absurdamente belo. Assim também é o corpo. Não é possível o convívio pacífico com ele até reconhecermos que uma de suas funções em nossa vida é fazer o papel de palhaço. Mesmo que alguma teoria os tenha deixado sofisticados, todo homem, mulher e criança no mundo sabem disso. O fato de termos um corpo é a mais antiga piada que existe. O Eros (assim como a morte, o desenho de figuras e o estudo da medicina) pode, às vezes, nos fazer levar o corpo totalmente a sério. O erro consiste em concluir que o Eros sempre deva fazer isso e abolir a piada de forma permanente. Mas não é isso que acontece. Os próprios rostos de amantes felizes que conhecemos deixa isso claro. A não ser que seu amor seja de pouca duração, as pessoas que estão amando sentem, vez após vez, um elemento não apenas cômico, não somente de brincadeira, mas até de palhaçada na expressão do corpo do Eros. E, se assim não fosse, o corpo nos deixaria frustrados. Seria um instrumento desajeitado demais para tocar a música do amor, a não ser que a própria maneira desajeitada do

corpo fosse considerada um acréscimo à experiência total de seu próprio charme grotesco — um enredo oculto ou pantomima com sua própria forma de brincadeira bruta que a alma apresenta de modo mais elegante (assim, nas comédias antigas, os amores líricos do herói e da heroína foram parodiados e corroborados por algum caso muito mais “pé no chão” entre um Touchstone e uma Audrey ou um criado e uma camareira). O superior não existe sem o inferior. Em certos momentos, de fato existe uma poesia de alto nível na própria carne; mas também, se me permite, um elemento irreduzível de “não poesia” absurda e obstinada. Se não for percebido numa ocasião, será aparente em outra. É muito melhor enquadrá-lo no drama do Eros para alívio cômico do que fingir não tê-lo visto.

Realmente, precisamos desse alívio. A poesia está presente tanto quanto a “não poesia”; a seriedade de Vênus tanto quanto sua leveza, o *gravis ardor* ou o peso ardente do desejo. Quando levado ao extremo, o prazer nos deixa estraçalhados como a dor o faz. O desejo por uma união que somente a carne pode mediar poderá ter a grandeza de uma busca metafísica, ao passo que a carne, nossos corpos mutuamente excluídos, faz com que isso esteja fora do alcance para sempre. O amor profundo, tanto quanto a dor, pode trazer lágrimas aos olhos. Mas Vênus nem sempre chega “com seus olhos totalmente fixados em sua caça”, e o fato de que às vezes ela o faça é a própria razão para se manter sempre um ar de brincadeira em nossa atitude com relação a ela. Quando as coisas naturais se parecem quase divinas, o demônio estará logo ali, virando a esquina.

Essa recusa de ficar totalmente imerso — essa lembrança da inconstância, mesmo quando, no momento, só a seriedade é demonstrada — é especialmente relevante para certa atitude que Vênus, em sua intensidade, evoca da maioria dos casais de amantes (creio que não de todos). Embora de curta duração, esse ato pode levar o homem à extrema dominância, de um conquistador ou captor; e a mulher a uma correspondente abjeção e entrega. Daí a grosseria e até a rudeza de alguns jogos eróticos; o “beliscão do amante, que dói e é desejado”. Como um casal são pode pensar isso? Ou como um casal cristão pode permitir isso?

Penso que é seguro e saudável sob uma condição. Precisamos reconhecer que estamos lidando com aquilo que chamo de “o sacramento pagão” no sexo. Na amizade, como vimos, cada participante representa a si mesmo — ou o indivíduo contingente que é —, mas no ato do amor não somos meramente nós mesmos. Somos também representantes. Não há nenhum demérito em estar consciente de que forças mais antigas e menos pessoais operam por meio de nós. Em nós, toda a masculinidade e a feminilidade do mundo, tudo que é agressivo e responsivo, está momentaneamente em foco. O homem faz o papel de Pai-Céu e a mulher, de Mãe-Terra; ele faz o papel da Forma e ela, da Matéria. Mas devemos dar total valor à expressão *faz o papel*. Claro que nenhum deles faz o papel no sentido de ser hipócrita, mas cada um cumpre uma função ou um papel em algo comparável a uma peça teatral de mistério ou a um ritual (num extremo) e a um baile à fantasia ou mesmo a uma charada (no outro).

Uma mulher que aceitasse para si essa extrema autoentrega seria uma idólatra, oferecendo a um homem aquilo que pertence somente a Deus, e um homem seria um tolo vaidoso, acima de todos os tolos vaidosos, e até um blasfemo, se ele, como simples pessoa que é, se autoconferisse o tipo de soberania que Vênus, por um momento, lhe dá como exaltação. No entanto, o que não pode ser legalmente entregue ou reivindicado, pode ser legalmente representado. Fora desse ritual ou drama, ele e ela são duas almas imortais, dois adultos livres, dois cidadãos. Deveríamos estar muito errados, supondo que os casamentos nos quais essa dominância é mais afirmada e reconhecida, no ato de Vênus, seriam aqueles em que o marido é mais provavelmente dominante na vida conjugal como um todo; o reverso é talvez mais provável, mas, dentro do ritual ou drama, eles se tornam um deus e uma deusa entre os quais não há igualdade — cujos relacionamentos são assimétricos.

Algumas pessoas estranharão que eu consiga encontrar um elemento de ritual ou baile de fantasia em uma ação que é, frequentemente, percebida como a mais real, sem máscara e genuinamente transparente. Não somos nós mais verdadeiros quando estamos nus? Em determinado sentido, não. A palavra *nu* era originalmente um particípio perfeito; o homem nu era aquele que

havia passado pelo processo de *ser desnudado*, isto é, de ter suas roupas removidas ou de “ser descascado” (o verbo é usado para nozes e frutas). Desde o começo dos tempos, o homem nu parecia aos nossos ancestrais não ser o homem natural, mas o homem anormal; não o homem que decidiu não se vestir, mas o homem que, por alguma razão, foi despido. E é um fato simples — qualquer um pode observar isso num vestiário masculino — que a nudez enfatiza a humanidade comum e abafa o que é individual. Dessa maneira, somos mais nós mesmos quando estamos vestidos. Com a nudez, os amantes deixam de ser João e Maria; o universal Ele e Ela é enfatizado. Seria quase possível dizer que eles *vestem* a nudez como um traje cerimonial — ou como uma fantasia para um baile de máscaras. Aqui é preciso ter cuidado para não ser sérios da maneira errada. E esse cuidado não deve ser maior do que aquele que tomamos com sacramento Pagão em nossas passagens de amor. O Pai-Céu é somente um sonho Pagão de Alguém muito maior que Zeus e muito mais masculino que o homem. Um homem mortal não é nem mesmo o Pai--Céu, não pode de fato usar sua coroa. É somente uma cópia, feita de papel laminado. Não o chamo assim por desprezo. Eu gosto de rituais; gosto de peças de teatro específicas; eu até gosto de fantasias. Coroas feitas de papel têm seu uso legítimo e apropriado (no contexto certo). No fim das contas, elas não são mais frágeis (“se a imaginação pudesse consertá-las”) do que todas as outras nobrezas terrenas.

Não me atrevo, porém, a mencionar esse sacramento Pagão sem tomar o devido cuidado de me precaver contra o perigo de confundilo com um mistério incomparavelmente mais elevado. Como a coroa natural do homem naquele breve ato, assim também a lei cristã o coroou no relacionamento permanente do casamento, conferindo--lhe — ou deveria dizer, impondo-lhe? — certa “liderança”. Essa é uma coroação muito diferente, e como podemos facilmente considerar sério demais o mistério natural, assim também poderemos não considerar o mistério cristão sério o suficiente. Autores cristãos (especialmente Milton) falaram às vezes da liderança do marido com uma complacência que dá arrepios. Precisamos voltar à Bíblia. O marido é o cabeça da esposa quando ele é para ela o que Cristo é para a Igreja. Ele deve amá-la como

Cristo amou a Igreja — e o texto prossegue — e *entregou-se por ela* (Efésios 5:25). Essa liderança, então, é mais completamente incorporada não no marido que todos nós desejamos ser, mas naquele cujo casamento é mais semelhante a uma crucificação; cuja esposa recebe mais e dá menos, e de forma nenhuma é merecedora dele, e é — por sua mera natureza — menos digna de amor. Pois a Igreja não tem qualquer beleza a não ser aquela que o Noivo lhe dá, e ele não a encontra bela, mas a faz ficar assim. A confirmação dessa terrível coroação deverá ser aparente, não nas alegrias do casamento de algum homem, mas nas suas tristezas, na doença e no sofrimento de uma boa esposa ou nas falhas de uma esposa ruim, em seu cuidado que nunca se desgasta (e jamais é exibido) ou seu perdão inesgotável; perdão, não concordância. Assim como Cristo vê na Igreja falível, orgulhosa, fanática ou morna na terra aquela Noiva que um dia não terá nenhuma mancha ou ruga, e que trabalha para produzir essa última situação de modo que seu marido, cuja liderança é semelhante à de Cristo (e ele não pode fazer diferente), nunca entra em desespero. Ele é o rei Cophetua (da peça de Shakespeare) que, depois de vinte anos, ainda tem esperança que a moça mendiga um dia aprenderá a falar a verdade e lavar atrás das orelhas.

Dizer isso não é a mesma coisa que reconhecer que existe alguma virtude ou sabedoria em entrar num casamento que traz tanto sofrimento. Não existe sabedoria ou virtude em procurar o martírio desnecessário ou em deliberadamente procurar a perseguição; ainda assim, é no cristão perseguido e martirizado que o plano do Mestre é realizado de forma menos ambígua. Portanto, nesses terríveis casamentos, uma vez que acontecem, a “liderança” do marido, se apenas pudesse mantê-la, é mais como a de Cristo.

A feminista mais convicta não precisa se ressentir por causa do meu sexo (masculino), pela coroa oferecida, seja no mistério Pagão, seja no Cristão, pois uma é de papel e a outra, de espinhos. O perigo real não é que os maridos possam se apegar à primeira muito rapidamente; mas que vão permitir ou forçar as esposas a usurpá-la.

De Vênus, o ingrediente carnal dentro do Eros, eu agora me volto para o Eros como um todo. Aqui, veremos o mesmo padrão se

repetindo. Como Vênus dentro do Eros não tem como alvo o prazer, então o Eros não mira na felicidade. Talvez pensemos que ele mire, mas quando posto à prova, ele se mostra de outra maneira. Todos sabem que é inútil tentar separar amantes, provando que seu casamento será infeliz. Não é simplesmente o caso de eles não acreditarem em você — em dúvida, eles geralmente não acreditarão mesmo. Mas, mesmo que acreditassem, não seriam dissuadidos. Pois a própria marca do Eros é que quando ele está em nós, preferimos compartilhar tristezas com a pessoa Amada mais que sermos felizes de qualquer outra maneira. Mesmo se os dois amantes forem pessoas maduras e experimentadas, que sabem que um coração partido seria curado com o tempo e pudessem prever claramente que, se eles uma vez se fortalecessem para passar pela agonia de se separar no presente, certamente estariam mais felizes em dez anos do que o casamento seria capaz de fazer — mesmo assim, não se separariam. Para o Eros, todos esses cálculos são irrelevantes — do mesmo modo que o julgamento brutal de Lucrecio é irrelevante para Vênus. Ainda que seja claro que, além de qualquer argumento, o casamento com a pessoa Amada possivelmente não levará à felicidade — quando não puder inclusive afirmar que oferece outro tipo de vida, a não ser aquela em que cuida de uma pessoa inválida e incurável, de pobreza definitiva, de exílio ou de desgraça — o Eros jamais hesitará em dizer “Melhor assim do que separados. É melhor sofrer com ela do que ser feliz sem ela. Deixe que nossos corações sejam quebrados, desde que sejam quebrados juntos”. Se uma voz no nosso íntimo não disser isso, ela não será a voz do Eros.

Essa é a grandeza e o terror do amor. Mas, como antes, observe que lado a lado com a grandeza vem o ar de brincadeira. Tanto quanto Vênus, o Eros é objeto de inúmeras piadas. E mesmo quando as circunstâncias dos amantes forem tão trágicas que nem mesmo quem estiver assistindo for capaz de conter as lágrimas, eles próprios — na necessidade, em quartos de hospital, nos dias de visita na prisão — às vezes serão surpreendidos pela risada que acomete um observador (mas não a eles mesmos) como patética e impossível de suportar. Nada é mais falso do que a ideia que a

gozação é necessariamente hostil. Até terem um bebê que os faça rir, amantes sempre estarão rindo um do outro.

É na grandeza do Eros que as sementes do perigo estão escondidas. Ele fala como um deus. Seu total compromisso, seu total desapego da felicidade, seu total desprendimento consigo mesmo, tudo isso parece a mensagem de um mundo eterno.

Contudo, da maneira que está, não poderá ser a voz do próprio Deus. Pois o Eros, falando com aquela grandeza e demonstrando sua transcendência própria, poderá encorajar tanto a fazer o mal quanto a fazer o bem. Nada é mais raso que acreditar que um amor que leva ao pecado seja sempre qualitativamente mais inferior — mais animal ou mais trivial — que um amor que leva a um casamento cristão, fiel e frutífero. O amor que leva a uniões cruéis e falsas, até a pactos de suicídio e assassinato, não parece luxúria repentina ou sentimento momentâneo. Pode bem ser o Eros em todo seu esplendor; com sinceridade, do fundo do coração; disposto a qualquer sacrifício, exceto a renúncia.

Já apareceram escolas de pensamento que aceitaram a voz do Eros como algo realmente transcendente e tentaram justificar a forma absoluta de suas ordens. Platão acreditava que o “apaixonar-se” era o reconhecimento mútuo de almas terrenas que haviam sido separadas uma da outra numa existência anterior e celestial. Encontrar a pessoa Amada é perceber que “Nós nos amamos antes mesmo de nascer”. Isso pode ser admirável como mito para explicar o que os amantes sentem. Mas se isso fosse aceito literalmente seria necessário enfrentar uma consequência embaraçosa. Teríamos de concluir que os casos celestiais e as vidas passadas não foram mais bem gerenciados do que por aqui, pois o Eros poderá unir os mais improváveis “parceiros de jugo”; muitos dos casamentos infelizes e dos previsivelmente infelizes foram “feitos no céu”.

Uma teoria com maior probabilidade de aceitação em nossos dias é a que pode ser denominada Romantismo Shaviano — o próprio George Bernard Shaw poderia ter dito “metabiológica”. Segundo esse Romantismo Shaviano, a voz do Eros é a voz do *élan vital* ou da Força da Vida, do “apetite evolutivo”. Quando se apossa de um casal em particular, ela estará buscando pais (ou ancestrais) para o

super-homem. Está alheia tanto no que diz respeito à felicidade pessoal do casal como com relação as regras de moralidade, pois tem como objetivo algo que Shaw considera muito mais importante: a perfeição futura de nossa espécie. Entretanto, se tudo isso fosse verdade, não fica claro se — e se for, por que — deveríamos obedecer. Todos os retratos do super-homem oferecidos até agora são tão pouco atraentes que seria melhor fazer logo o voto de celibato para evitar o risco de concebê-lo. E, em segundo lugar, essa teoria certamente leva à conclusão de que a Força da Vida não compreende muito bem seu (dele ou dela) próprio negócio. Até onde é possível enxergar, a existência ou intensidade do Eros entre duas pessoas não garante que seus filhos serão especialmente aceitáveis, tampouco que eles terão filhos. Dois bons representantes da “raça” (no jargão dos criadores de gado), e não dois bons amantes, essa é a receita para se ter excelentes filhos. E o que, afinal, a Força da Vida fazia por meio de todas aquelas gerações sem-fim, quando conceber filhos dependia muito pouco do Eros mútuo e muito mais de casamentos arranjados, escravidão e estupro? Somente agora pensou nessa ideia brilhante para a melhoria da espécie?

Nem o tipo platônico nem o Shaviano de transcendentalismo erótico podem ajudar um cristão. Não somos adoradores da Força da Vida e nada sabemos sobre existências anteriores. Não devemos prestar obediência incondicional à voz do Eros quando ele fala como se fosse um deus, nem deveríamos ignorar ou tentar negar sua qualidade divina. Esse amor é real e verdadeiramente como o próprio Amor de Deus. Nele existe uma afinidade real com Deus (por semelhança); mas não, como decorrência de ou necessariamente, uma proximidade de Abordagem. Quando o Eros é horado, tanto quanto o amor de Deus e caridade ao nosso semelhante permitirem, poderá se tornar para nós um modo de Abordagem. Seu compromisso total é um paradigma ou exemplo, formado no interior de nossas naturezas, do amor que devemos exercitar para com Deus e o ser humano. Como natureza, para O amante da natureza, dá conteúdo a palavra *glória*, assim, isso dá um conteúdo a palavra *caridade*. É como se Cristo dissesse a nós por meio do Eros: “ assim — bem desse jeito — com essa

prodigalidade — não contando o custo — você vai me amar e também amar os menores dos meus irmãos”. Nossa honra condicional ao Eros vai variar, é claro, conforme as nossas circunstâncias. De algumas se requer renúncia total (mas não desprezo). Outros, com o Eros como seu combustível e também seu modelo, poderão embarcar na vida conjugal. No interior dessa vida, o próprio Eros nunca será suficiente — somente sobreviverá enquanto for disciplinado e corroborado por princípios mais elevados.

Mas, se o Eros for honrado sem reservas e for obedecido incondicionalmente, se tornará um demônio. E é dessa maneira que ele deseja ser honrado e obedecido. Divinamente indiferente ao nosso egoísmo, ele também se rebelará de modo demoníaco a toda reivindicação de Deus ou do ser humano que se opõe a ele. Por isso, como diz o poeta John Masefield:

*Os apaixonados não são comovidos pela gentileza,
E a oposição os faz sentir como mártires.*

Mártires é corretíssimo. Há muitos anos, quando eu escrevi sobre a poesia romântica medieval e descrevi sua estranha e meio que faz de conta “religião do amor”, estava suficientemente cego para tratar disso como um fenômeno quase puramente literário. Agora, estou mais bem informado. Por sua natureza, o Eros convida a isso. De todos os amores, ele é, em sua forma mais elevada, o mais divino; portanto, é o mais propenso a exigir nossa adoração. De si mesmo, ele sempre tenderá a fazer do “estar amando” um tipo de religião.

Os teólogos habitualmente temem o perigo da idolatria nesse amor, e imagino que com isso eles querem dizer que os amantes poderão idolatrar um ao outro. Mas isso não me parece um perigo real; certamente, não no casamento. A prosa deliciosamente simples e a camaradagem do tipo negociação na vida conjugal tornam isso um absurdo. Assim também a Afeição na qual o Eros está quase que invariavelmente coberto. Até mesmo no namoro, eu questiono se alguém que tenha sentido sede pelo Incrriado, ou que até tenha sonhado sentir isso, alguma vez imaginou que a pessoa Amada poderia satisfazer essa aspiração. A pessoa Amada poderá ser relevante de forma gloriosa e auxiliar, como um peregrino,

parceiro de viagem, atormentado pelo mesmo desejo. Mas, acho eu (não quero ser rude), seria ridículo como objeto disso. O perigo real não me parece ser que os amantes vão idolatrar um ao outro, mas sim que idolatrarão o próprio Eros.

Claro que não quero dizer com isso que eles construirão altares ou que farão orações ao Eros. A idolatria da qual eu falo pode ser percebida na interpretação popular das palavras de Nosso Senhor: “Os muitos pecados dela lhe foram perdoados; pois ela amou muito” (Lucas 7:47). A partir do contexto, especialmente da parábola anterior sobre os devedores, fica claro que isso tem de significar: “A grandeza do seu amor por mim evidencia, pois, a grandeza dos pecados que dela perdoei” (o *pois* na passagem é como o *pois* em “Ele não pode ter saído, *pois* seu chapéu ainda está pendurado na parede”; a presença do chapéu não é a causa de ele estar na casa, mas uma evidência provável disso). Mas milhares de pessoas leem o texto de maneira totalmente diferente. Primeiro, presumem sem evidência nenhuma que os pecados dela eram de natureza sexual, embora, por tudo aquilo que sabemos, poderiam ter sido a usura, negociações desonestas ou crueldade contra crianças. Assim, interpretam Nosso Senhor dizendo: “Eu perdoo sua imoralidade por que ela estava muito apaixonada”. A implicação disso é que um grande Eros abranda — quase sanciona ou santifica — quaisquer ações por ele conduzidas.

Quando amantes afirmam a respeito de algum ato pelo qual possam ser culpados “O amor nos forçou a fazer isso”, observe o tom da voz. Uma pessoa que diz “Eu fiz isso porque estava com medo” ou “Eu fiz isso porque estava com raiva” fala de maneira bem diferente. A pessoa está apresentando uma justificativa para aquilo que percebe necessitar de uma desculpa. Mas os amantes dificilmente fazem exatamente isso. Note como pronunciam a palavra *amor*, de forma trêmula, quase exprimindo devoção; não estão recorrendo a uma circunstância atenuante, muito mais a uma autoridade. A confissão pode ser quase uma expressão de soberba, e pode haver alguma sombra de desafio nela. Eles “se sentem como mártires”. Em casos extremos, suas palavras realmente expressam de forma recatada uma aliança inabalável com o deus do amor.

“Essas razões na lei do amor já não valem mais”, diz a Dalila do escritor Milton. Essa é toda a questão: *na lei do amor*. “No amor”, temos a nossa própria “lei”, nossa própria religião, nosso próprio deus. Quando o verdadeiro Eros está presente, resistência às suas ordens são percebidas como apostasia, e as coisas que são realmente tentações (pelo padrão cristão) falam com a voz dos deveres: são deveres quase religiosos, atos de zelo piedoso ao amor. Ele constrói sua própria religião ao redor dos amantes. Benjamin Constant percebeu como ele cria para eles, em poucas semanas ou meses, um passado conjunto que parece imemorial. Recorrem a ele continuamente, com admiração e reverência, como os salmistas recorriam à história de Israel. Isto é, de fato, o Antigo Testamento da religião do amor; o registro dos julgamentos e das misericórdias do amor para com seu par escolhido desde o momento em que se perceberam como amantes. Depois disso, começa o seu Novo Testamento. Estão agora sob uma nova lei, sob aquilo que corresponde (em sua religião) à Graça. São novas criaturas. O “espírito” do Eros ultrapassa todas as leis e eles não devem “entristecê-lo”.

Isso parece sancionar todo tipo de ações que eles não teriam coragem de praticar em outra situação. Não quero dizer somente, ou principalmente, atos que violam a castidade. Podem ser, também, atos de injustiça ou de falta de caridade contra o mundo exterior. O casal pode dizer um ao outro, num espírito quase sacrificial: “Foi por causa do amor que eu negligenciei meus pais, deixei meus filhos, traí minha companheira e falhei com meu amigo em sua hora de maior necessidade”. Essas razões na lei do amor já tiveram o prazo de validade vencido. Os crédulos do amor podem até sentir certo mérito em tais sacrifícios; que oferta mais custosa poderia ser colocada sobre o altar do amor do que a própria consciência?

E todo tempo, a piada sem graça é que esse Eros, cuja voz parece vir de um reino eterno, não é ele próprio necessariamente infinito. Nitidamente, ele é o mais mortal de nossos amores, e o mundo ecoa as queixas de sua inconstância. O que surpreende nisso tudo é a combinação dessa inconstância com suas declarações de permanência. Estar amando é tanto desejar como

prometer fidelidade para toda a vida. O amor faz votos não solicitados, e não pode ser impedido de fazê-los. “Eu sempre serei fiel” são quase sempre as primeiras palavras que pronuncia. Não de forma hipócrita, mas sincera, e nenhuma experiência vai curá-lo desse engano. Todos nós conhecemos pessoas que voltam a amar a cada poucos anos. Todas as vezes estão sinceramente convencidas de que “desta vez tudo vai dar certo”, de que suas andanças terminaram, de que encontraram o verdadeiro amor e de que serão fiéis até a morte.

Ainda assim, em certo sentido o Eros está correto em fazer essa promessa. Apaixonar-se é tão natural que estaremos certos ao rejeitar como intolerável a ideia de que seria transitório. Em seu melhor momento, saltou sobre a imensa muralha de nosso egoísmo; tornou o próprio apetite em algo altruísta, deixou de lado a felicidade pessoal como se fosse trivial e plantou os interesses de outra pessoa no centro de seu ser. Espontaneamente e sem esforço nenhum, cumprimos a lei (com relação a uma pessoa) ao amar nosso próximo como a nós mesmos. Uma imagem, uma antecipação daquilo que devemos ser para todas as pessoas se o Amor de Deus nos governa sem um rival. Até mesmo é (se bem usada) uma preparação para isso. Simplesmente retroceder, meramente “desapaixonar-se” de novo, seria uma espécie de *desredenção* — se pudesse criar essa horrível palavra. Eros é levado a prometer o que ele próprio é incapaz de fazer.

Podemos estar nesse estado de libertação do egoísmo por toda vida? Isso dificilmente seria possível por uma semana. Entre os melhores amantes, essa condição elevada é intermitente. O velho “eu” se mostra menos morto do que fingia estar — como depois de uma experiência religiosa. Em ambas ele pode estar momentaneamente desmaiado; ele logo estará em pé de novo; se não ereto, ao menos engatinhando; se não rugindo, pelo menos de volta à sua reclamação mal-humorada ou ao seu gemido de pedinte. E Vênus muitas vezes voltará a ser mera sexualidade.

Mas esses lapsos não destruirão o casamento entre duas pessoas “decentes e sensatas”. Um casal cujo casamento certamente estará a perigo por causa deles, possivelmente arruinado, é daqueles que idolatraram o Eros. Pensaram que ele tivesse o poder e a

veracidade de um deus. Esperavam que mera emoção faria por eles, permanentemente, tudo que fosse necessário. Quando essa expectativa é frustrada, eles põem a culpa no Eros ou, mais comumente, em seus parceiros. Na realidade, porém, depois de fazer sua promessa gigantesca e mostrar a você, em vislumbres, o que seu desempenho poderia ser, o Eros “cumpriu seu papel”. Como um padrinho, ele fez seus votos; mas somos nós que devemos cumpri-los. Somos nós que precisamos trabalhar para aproximar nossa vida diária de uma concordância maior com os vislumbres que nos foram revelados. Precisamos fazer o trabalho do Eros quando ele não está presente. Bons amantes sabem disso, embora aqueles que não sejam reflexivos ou articulados só consigam expressá-lo em poucas frases convencionais como “saiba que toda rosa tem espinhos”, não tenha “muitas expectativas”, tenha “bom senso” e coisas do gênero. E todos os bons amantes cristãos sabem que esse trabalho, ainda que modesto, não será realizado a não ser com humildade, caridade e graça divina; isto é, de fato, toda a vida cristã vista de uma perspectiva particular.

Como os outros amores, mais marcantemente por causa de sua força, doçura, terror e porto seguro, o Eros revela seu verdadeiro status. Entretanto, sozinho, ele não pode ser aquilo que deveria, se quiser continuar como Eros. Ele precisa de ajuda; portanto, precisa ser governado. O deus morre ou se torna um demônio, a não ser que obedeça a Deus. Nesse caso, sempre seria melhor morrer, mas ele poderá se manter vivo, algemando juntas, sem misericórdia, duas pessoas que se atormentam, cada discussão sempre com o veneno do ódio-no-amor, cada um ávido por receber e implacável em sua recusa de conceder, ciumento, suspeitando, ressentido, brigando para sempre ter razão, determinado a ser livre e não conceder liberdade nenhuma, vivendo nos “dramas”. Leia *Anna Karenina* e não imagine que essas coisas só acontecem na Rússia. A velha hipérbole dos amantes “devorando” um ao outro poderá vir a ser algo horrivelmente próximo da verdade.

caridade

William Morris escreveu um poema chamado *Love is Enough* [O amor é o suficiente], e dizem que alguém fez uma breve resenha do poema com as palavras “Não é não”. E esse é o foco deste livro. Os amores naturais em si não são suficientes. Se deve ser mantido puro, algo mais precisa vir em socorro do mero sentimento, algo descrito vagamente, de início, como “decência e bom-senso”, mas que depois aparece como bondade e, por fim, como a totalidade da vida cristã numa relação específica.

Dizer isso não significa menosprezar os amores naturais, mas indicar onde está sua real glória. Não é nenhuma ofensa ao jardim dizer que ele próprio não vai colocar uma cerca ao seu redor nem arrancar as ervas daninhas, podar as suas árvores frutíferas, cortar sua grama. Um jardim é uma coisa boa, mas a virtude que tem não é desse tipo. Ele só continuará como jardim, diferentemente de um matagal, se alguém fizer todas essas coisas para ele. Sua real glória é de uma espécie diferente. O simples fato de necessitar constante limpeza e poda testifica essa glória. O jardim está repleto de vida. Brilha com cores e exala perfumes celestes, e apresenta belezas a cada hora num dia de verão as quais o ser humano nunca poderia ter criado nem imaginado a partir de seus próprios recursos. Se quiser ver a diferença entre sua contribuição e a do jardineiro, coloque a planta mais comum que ele produz lado a lado com enxadas, rastelos, tesouras e pacotes de veneno para ervas daninhas; você terá colocado beleza, energia e fecundidade ao lado da morte e coisas estéreis. Da mesma maneira, a nossa “decência e nosso bom senso” se mostram pálidas e sem vida ao lado da genialidade do amor. E quando o jardim está em sua glória total, as contribuições do jardineiro para essa glória ainda terão sido

escassas, em certo sentido, se comparadas às da natureza. Sem a vida brotando da terra, sem chuva, luz e calor descendo do céu, ele nada poderia fazer. Quando ele tiver feito tudo, terá apenas encorajado algo aqui, e desencorajado algo ali, poderes e belezas que têm diferentes fontes. Mas, ainda que pequena, sua participação é indispensável e laboriosa. Quando Deus plantou um jardim, ele colocou um ser humano sobre ele e colocou o ser humano debaixo de Si. Quando Deus plantou o jardim da nossa natureza humana, fez com que florescesse e frutificassem amores que nele crescessem, e também configurou nossa vontade para “vestir” esses amores. Comparado com eles, o jardim é seco e frio. E a não ser que a graça de Deus venha de cima, como a chuva e os raios do sol, usaremos essa ferramenta para um propósito muito limitado. Mas seus serviços laboriosos — em grande parte negativos — são indispensáveis. Se eles foram necessários quando o jardim ainda era um paraíso, quanto mais agora quando o solo se tornou amargo e as piores ervas daninhas são as plantas que melhor crescem nele? Contudo, que nunca nos seja permitido trabalhar com um espírito arrogante e estoico. Enquanto capinamos e cortamos, sabemos muito bem que aquilo que estamos arrancando e cortando está cheio de um esplendor e vitalidade que nossa vontade racional jamais poderia suprir de si mesma. Liberar esse esplendor, deixar que seja plenamente o que está tentando ser, ter árvores altas em lugar de arbustos retorcidos e maçãs doces em vez de frutas azedas é parte de nosso propósito.

Mas apenas uma parte, pois agora precisamos tratar de um assunto que eu tenho adiado há muito tempo. Até aqui, muito pouco tem sido dito neste livro acerca de nossos amores naturais como rivais do amor de Deus. Agora, essa questão não pode mais ser evitada. Há duas razões para esse adiamento.

Uma das razões já foi indicada. Essa questão não é o lugar a partir do qual a maioria de nós precisa começar. Em seu estágio inicial, ela dificilmente está “voltada à nossa condição”. Para a maioria de nós, a verdadeira rivalidade é entre o eu e o Outro humano, não ainda entre o Outro humano e Deus. É perigoso impor sobre uma pessoa o dever de ir além do amor terreno quando sua real dificuldade está em chegar até aqui. Não há dúvida de que é

mais fácil amar menos nosso parceiro-criatura e imaginar que isso acontece porque estamos aprendendo a amar mais a Deus quando a razão real pode ser muito diferente. Podemos estar apenas “confundindo os estragos da natureza pelo aumento da graça”. Muitas pessoas não acham muito difícil odiar (amar menos) suas esposas ou mães. M. Mauriac, numa bela cena, apresenta os outros discípulos chocados e perplexos por esse mandamento estranho, mas não Judas. Ele o absorve facilmente.

Contudo, ter destacado a rivalidade mais cedo neste livro teria sido prematuro também de outra maneira. A reivindicação de divindade que nossos amores tão facilmente fazem pode ser refutada sem entrar nesse assunto. Os amores demonstram que são indignos de tomar o lugar de Deus pelo fato de não poderem até mesmo permanecer o que são e fazer aquilo que prometem fazer sem a ajuda de Deus. Por que teria de se provar que um príncipezinho qualquer não é o Imperador legítimo quando, sem o apoio do Imperador, ele é incapaz até mesmo de manter seu trono subordinado, e a paz em sua pequena província, por meio ano? Até por causa deles mesmos, os amores devem admitir ser coisas secundárias se quiserem se manter como aquilo que desejam ser. Nesse jugo está sua verdadeira liberdade; são “mais altos quando se ajoelham”, pois quando Deus governa um coração humano, ainda que às vezes tenha de remover completamente certas autoridades nativas, Ele frequentemente faz com que outras continuem em seus ofícios. E, ao sujeitar suas autoridades à dele, lhes confere pela primeira vez uma base firme. Emerson já disse “Quando os semideuses partem, os deuses chegam”. Essa é uma máxima muito duvidosa. Seria melhor dizer “Quando Deus chega (e só então) os semideuses podem permanecer”. Deixados a si mesmos, eles desaparecem ou se tornam demônios. Somente em Seu nome poderão “portar seus pequenos tridentes” com imponência e segurança. O lema dos rebeldes, “Tudo pelo amor”, é, na realidade, a sentença de morte para o amor (por ora, a data da execução está em branco).

No entanto, a questão da Rivalidade, longamente adiada por essas razões, deve ser abordada agora. Com exceção do século XIX, em qualquer período anterior o tema teria aparecido bastante

ao longo de um livro. Se os vitorianos precisavam de algum aviso de que o amor não é o suficiente, os velhos teólogos estavam sempre dizendo, em alto e bom som, que o amor (natural) era provavelmente destacado em demasia. O perigo de amar muito pouco nossos próximos-criaturas estava menos presente em seu pensamento que a ideia de os amar de forma idólatra. Viram a possibilidade de um rival para Deus em cada esposa, mãe, filho e amigo. Assim, claro, faz Nosso Senhor (Lucas 14:26).

Existe um método para nos dissuadir do amor desordenado do próximo-criatura que me vejo forçado a rejeitar desde o princípio. Faço isso com tremor, pois o método foi encontrado nas páginas de um grande santo e um grande pensador para quem meus próprios débitos de bom grado são incalculáveis.

Em palavras que ainda trazem lágrimas aos meus olhos, Santo Agostinho descreve a desolação em que a morte de seu amigo Nebridius o lançou (*Confissões* IV, 10). Então ele deriva disso uma lição. É o que acontece, diz ele, quando se dá o coração a qualquer outra coisa que não seja Deus. Todas as pessoas morrem. Não deixe sua felicidade depender de alguma coisa que você poderá perder. Se o amor é para ser uma bênção, e não uma tristeza, ele deve ser dedicado à única pessoa Amada que nunca morrerá.

É claro que isso faz muito sentido. Não ponha sua água numa caneca furada, e não gaste muito numa casa da qual você poderá ser desalojado. E não existe qualquer pessoa viva que responda mais naturalmente que eu a esses ditados espertos. Sou uma pessoa que põe a segurança em primeiro lugar. De todos os argumentos contra o amor, nenhum tem um apelo mais forte à minha natureza do que “Cuidado! Isso pode te fazer sofrer”.

Sim, a minha natureza, meu temperamento; não a minha consciência. Quando respondo a um apelo, pareço estar a mil quilômetros de distância de Cristo. Se estou certo de alguma coisa, estou certo de que o ensino de Jesus nunca teve a intenção de confirmar minha preferência inata por investimentos seguros e pouco risco. Duvido que haja alguma coisa em mim que lhe agrade tão pouco. E quem poderia conceber começar a amar a Deus firmado num fundamento tão prudente — porque a segurança (por assim dizer) é melhor? Quem poderia até mesmo incluir isso nas

bases do amor? Nesse espírito, você até poderia escolher uma esposa ou um Amigo — mas, com essas bases, você escolheria um cachorro? Para que alguém consiga fazer esse tipo de cálculo, seria necessário estar do lado de fora do mundo do amor, de todos os amores. Eros, o Eros sem lei, preferindo a pessoa Amada à felicidade, está muito mais perto do amor de Deus do que isso.

Acredito que essa passagem nas *Confissões* é menos uma parte da cristandade de Santo Agostinho do que uma ressaca das filosofias pagãs de mente elevada nas quais ele cresceu. Está muito mais próximo da apatia estoica ou do misticismo platônico que da caridade. Seguimos Aquele que chorou sobre Jerusalém e no sepulcro de Lázaro, e que, tendo amado a todos, ainda assim tinha um discípulo a quem ele “amava” num sentido especial. O apóstolo Paulo tem mais autoridade conosco que Santo Agostinho. É Paulo que não mostra nenhum sinal de que não teria sofrido como ser humano e que não haveria qualquer emoção que não pudesse experimentar em sofrimento se Epafrodito tivesse morrido (Filipenses 2:27).

Mesmo que admitíssemos que as garantias contra o coração partido são nossa maior sabedoria, teria sido Deus mesmo quem as ofereceu? Aparentemente, não. Pois Cristo veio para dizer por último: “Por que me abandonaste?”

Não existe saída seguindo as linhas sugeridas por Santo Agostinho, nem por qualquer outra linha. Não existe investimento seguro. O simples fato de se amar é uma vulnerabilidade. Ame alguma coisa e seu coração certamente ficará apertado e possivelmente partido. Se quiser ter certeza de que seu coração ficará intacto, não deve oferecê-lo a ninguém, nem mesmo a um animal. Use passatempos e pequenos luxos para envolvê-lo cuidadosamente; evite todas as complicações; tranque-o de forma segura no caixão ou ataúde de seu egoísmo. No caixão — seguro, escuro, inerte, sem ar — ele mudará. Não será mais quebrado; se tornará inquebrável, impenetrável e irredimível. A alternativa para tragédia, ou pelo menos para o risco de tragédia, é a condenação. O único lugar fora do céu onde você pode ficar perfeitamente seguro de todos os problemas e perturbações do amor é o inferno.

Acredito que a maioria dos amores excessivos e sem lei são menos contrários à vontade de Deus do que uma vida sem amor, que se autoconvida e se autoprotege. É como esconder um talento num guardanapo e pela mesma razão dizer: “Eu sabia que o senhor é um homem severo”. Cristo não ensinou e sofreu para que nos tornássemos mais cautelosos quanto à nossa própria felicidade — e isso até nos amores naturais. Se uma pessoa não é espontânea com seus queridos deste mundo a quem ele vê, é bem mais provável que também não o seja com relação a Deus, a quem ele não vê. Iremos nos aproximar mais de Deus, não ao tentar evitar os sofrimentos inerentes a todos os amores, mas ao aceitá-los e oferecê-los a Ele; lançando fora toda armadura defensiva. Se nossos corações precisam ser quebrados e ele escolher isso como a maneira pela qual deverão ser quebrados, que seja assim.

Certamente é verdade que todos os amores naturais podem ser excessivos. *Excessivo* não significa “insuficientemente cauteloso”. Também não quer dizer “muito grande”. Não é um termo quantitativo. Creio ser impossível amar algum ser humano simplesmente “demais”. Poderíamos amar essa pessoa demais *em proporção* ao nosso amor por Deus; mas é a pequenez do nosso amor por Deus, e não a grandeza de nosso amor pelo ser humano, que constitui esse excesso. Mas mesmo isso precisa ser trabalhado. Se não for, causaremos problemas para alguns que estão claramente no caminho certo, mas alarmados porque não conseguem sentir por a Deus uma emoção tão quente como sentem pela pessoa amada neste mundo. Deve-se desejar — ao menos eu penso assim — que todos nós, em todos os tempos, possamos sentir isso. Precisamos orar pedindo que essa dádiva nos seja concedida. Contudo, no que diz respeito ao nosso dever cristão, se amamos “mais” a Deus ou a pessoa amada deste mundo, a questão não se trata da intensidade comparativa de dois sentimentos. A verdadeira pergunta é: a quem (quando a opção chega) você serve, ou escolhe, ou põe em primeiro lugar? A qual exigência sua vontade, no fim das contas, se submete?

Como acontece muitas vezes, as próprias palavras de Nosso Senhor são ao mesmo tempo muito mais duras e toleráveis que as palavras dos teólogos. Ele nada diz sobre termos cuidado com os

amores terrenos por causa do medo de sermos feridos; Ele diz algo que corta como um chicote sobre pisoteá-los debaixo dos pés no momento em que nos impedirem de seguir a Ele. “Se alguém vier a mim e não aborrecer [odiar]⁸ a seu pai, e mãe, e mulher... e sua própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14.26 ARC).

Mas como devemos compreender a palavra odiar? Seria quase uma contradição de termos se o Amor de Deus ordenasse aqui o que normalmente entendemos por “odiar” — nos mandando acolher o ressentimento, zombar da tristeza da outra pessoa, ter prazer em ferir o outro. Acredito que Nosso Senhor, no sentido aqui pretendido, “odiou” a Pedro quando disse “Retira-te de diante de mim”. Odiar é rejeitar, enfrentar, não fazer concessões à pessoa Amada, quando essa pessoa pronuncia, mesmo que de maneira doce e lastimosa, as sugestões do Diabo. Jesus diz que um homem que tentar servir dois senhores, irá “odiar” a um e “amar” o outro. Certamente, não é um mero sentimento de aversão ou apreciação que está em questão aqui. Ele vai aderir a, consentir com e trabalhar para um e não o outro. Considere de novo, “Amei a Jacó. E *odie* a Esaú” (Malaquias 1:2-3 ACF). Como aquilo que Deus chama de “ódio” a Esaú é apresentada na história em si? Nem um pouco como esperaríamos. Não há nenhum fundamento, é claro, para presumir que Esaú tenha tido um fim ruim e que foi uma alma perdida. O Antigo Testamento, tanto aqui como em outros lugares, nada tem a dizer sobre esses assuntos. E, a partir de tudo que nos é narrado, a vida terrena de Esaú era, num sentido bem normal, muito mais abençoada que a de Jacó. É Jacó que enfrenta todos os despontamentos, as humilhações, os terrores e as tristezas. Mas ele tem algo que Esaú não possui. Ele é um patriarca. É ele quem passa adiante a tradição hebraica, transmite a vocação e a bênção, torna-se um dos antepassados de Nosso Senhor. O “amar” a Jacó parece significar a aceitação de Jacó para uma vocação superior (e dolorida); o “odiar” a Esaú, sua rejeição. Ele é “rejeitado”, não conseguiu “a nota de corte”, é considerado inútil para o propósito. Assim, em última análise, devemos rejeitar ou desqualificar nossos mais próximos e queridos quando eles estiverem entre nós e nossa obediência ao Senhor. Deus sabe, poderá parecer a eles que é mesmo ódio. Não

devemos agir a partir da pena que sentimos; devemos ser cegos em relação às lágrimas e surdos em relação aos apelos.

Não direi que esse dever é difícil; alguns acham que é muito fácil; alguns, difícil demais, insuportável. O que é difícil para todos é saber quando a ocasião para esse “odiar” surgiu. Nosso temperamento nos engana. Os mansos e tenros — maridos dominados, mulheres submissas, pais que mimam, filhos certinhos — não acreditarão facilmente que a ocasião tenha chegado. Pessoas autoconfiantes, com uma pitada de agressividade, pensarão que chegou muito cedo. Por isso, é de extrema importância que organizemos nossos amores de modo que seja improvável que a ocasião se apresente alguma vez.

Podemos ver como isso pode surgir num nível muito mais inferior quando o poeta galante diz à sua amante antes de ir para a guerra:

*Eu não poderia amar-te tanto, querida
Amado eu não honro mais*

Existem mulheres para as quais o apelo seria sem sentido. *Honra* seria uma dessas coisas tolas a respeito das quais os homens conversam; uma desculpa verbal, portanto, um agravamento, uma ofensa contra a “lei do amor” que o poeta está a ponto de cometer. Lovelace (o autor) pode usar isso com convicção porque sua dama já admite, como ele, as exigências da Honra. Ele não precisa “odiar” para ir contra ela, pois ambos reconhecem a mesma lei. Eles se entenderam e concordaram sobre a questão há muito tempo. A tarefa de convertê-la à crença na Honra não é para ser cumprida agora — quando a decisão sobrevém a eles. É essa concordância prévia que é tão necessária quando uma exigência muito maior que Honra está em jogo. Será muito tarde, quando a crise chegar, começar a dizer para uma esposa, marido, ou mãe, ou amigo, que seu amor tinha o tempo todo uma condição secreta — “sob Deus” ou “desde que um amor superior permita”. Eles deveriam ter sido avisados; não, é claro, explicitamente, mas pelas implicações de mil conversas, pelo princípio revelado em cem decisões acerca de assuntos menores. De fato, uma discordância sobre essa questão deveria ter se manifestado cedo o bastante para impedir que um casamento ou uma Amizade simplesmente existisse. O melhor dos

amores de qualquer tipo nunca é cego. Oliver Elton, ao falar sobre Carlyle e Mill, disse que eles tinham diferenças sobre a justiça e que tal diferença era naturalmente fatal “para toda a amizade digna do nome”. Se “Tudo” — muito seriamente tudo — “por amor” estiver implícito na atitude da pessoa Amada, o amor dele ou dela não será digno de ter, pois não estará relacionado, de maneira correta, ao amor de Deus.

E isso me traz ao pé do último íngreme monte que este livro deve tentar subir. Devemos tentar relacionar as atividades humanas denominadas “amor” ao Amor que é Deus de forma um pouco mais precisa do que temos feito até aqui. Claro que a precisão poderá ser somente aquela de um modelo ou um símbolo, que fatalmente nos frustrará no longo prazo e, mesmo quando o usamos, demandará correção de outros modelos. O mais humilde de nós, num estado da Graça, poderá obter algum “conhecimento-por--familiaridade” (*connaître*), algum “gostinho”, do Amor de Deus; mas até mesmo em sua mais alta santidade e inteligência o ser humano não possui “conhecimento” (*savoir*) direto sobre o Ser definitivo — apenas analogias. Não podemos enxergar a luz, apesar de vermos as coisas com a luz. Afirmações sobre Deus são extrapolações do conhecimento de outras coisas que a iluminação divina nos capacita conhecer. Estendo-me nessas considerações negativas porque, no que vem a seguir, meus esforços para ser claro (e não excessivamente prolongado) podem sugerir uma convicção que, com certeza, não sinto. Estaria louco se tivesse. Tome isso como o devaneio de um homem, quase o mito dele. Se alguma coisa nisso lhe for útil, use; se algo não for, nem pense nisso de novo.

Deus é amor. De novo: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou” (1João 4:10). Não devemos começar com o misticismo, com o amor da criatura por Deus ou com os maravilhosos antegostos da satisfação que Deus concede a alguns em sua vida neste mundo. Começamos no real início, com o amor como a energia divina. Esse amor original é amor-Dádiva. Em Deus não existe fome que necessite ser saciada, somente fartura que deseja se dar. A doutrina que diz que Deus não tinha necessidade de criar não é mera especulação escolástica. É essencial, e sem ele dificilmente poderíamos evitar a concepção

daquilo que posso apenas chamar de um Deus “gerencial”; um Ser cuja função ou natureza é “gerir” o universo, que está para ele como um diretor está para uma escola ou um hoteleiro está para um hotel. Mas ser o soberano do Universo não é grande coisa para Deus. Nele mesmo, em casa na “terra da Trindade”, ele é Soberano de um reino muito maior. Devemos ter sempre em mente aquela visão de Lady Julian na qual Deus carregava em Sua mão um pequeno objeto como uma noz, e aquela noz era “tudo que foi feito”. Deus, que de nada necessita, traz amorosamente à existência criaturas completamente supérfluas com a finalidade de amá-las e aperfeiçoá-las. Ele cria o Universo, já antevendo — ou deveria dizer “vendo”? Não existem tempos verbais em Deus — a barulhenta nuvem de moscas ao redor da cruz, as costas esmigalhadas comprimidas contra a estaca disforme, os pregos fincados nos nervos das mãos, o sufocamento incipiente que se repete à medida que o corpo se inclina, a tortura repetida das costas e braços à medida que, momento após momento, tenta se erguer para conseguir respirar. Se puder me atrever a apresentar a imagem biológica, Deus é um “hospedeiro” que deliberadamente cria seus próprios parasitas; faz de nós aqueles que poderão explorar e “tirar vantagem” dele. Nisso está o amor. Esse é o paradigma do Amor de Deus, o inventor de todos os amores.

Como Criador da natureza, Deus implanta em nós tanto amores-Dádiva como amores-Necessidade. Os amores-Dádiva são imagens naturais de si; aproximações dele pela semelhança, que não são necessariamente proximidades de abordagem em todas as pessoas. A mãe devotada, o governante benfeitor ou o professor podem dar e dar, exibindo continuamente a semelhança sem fazer a abordagem. Os amores-Necessidade, tanto quanto pude ver, não têm semelhança com o Amor que Deus é. São muito mais correlativos, opostos; não como o mal é o oposto do bem, é claro, mas como a forma do pudim *blancmange* é um oposto à forma de um molde.

Todavia, além desses amores naturais, Deus pode conceder uma dádiva muito melhor; ou, ainda, uma vez que nossas mentes precisam dividir e colocar tudo em escaninhos, duas dádivas.

Ele comunica ao ser humano uma parcela de Seu próprio amor-Dádiva. Isso é distinto dos amores-Dádiva que ele implantou em sua natureza. Esses amores nunca buscam simplesmente o bem do objeto amado em si. Eles são parciais em favor dos bens que eles próprios podem conceder ou daqueles que eles mesmos preferem, ou, ainda, daqueles que se encaixam melhor com um retrato pré-concebido da vida que desejam que o objeto viva. Contudo, o amor-Dádiva divino — o amor de Deus agindo num ser humano — é inteiramente desinteressado e deseja aquilo que simplesmente for melhor para a pessoa Amada. Mais uma vez, o amor-Dádiva natural é sempre dirigido aos objetos que a pessoa que ama considera, de algum modo, intrinsecamente capazes de serem amados — objetos aos quais a Afeição ou o Eros, ou ainda um ponto de vista compartilhado atrai ou, falhando isso, aos agradecidos e aos merecedores ou, talvez, àqueles cuja situação de abandono seja algo do tipo vitorioso ou apelativo. No entanto, o amor-Dádiva divino no ser humano o habilita a amar aquilo que não é naturalmente amável: os leprosos, os criminosos, os inimigos, os tolos, os retraídos, os superiores e os arrogantes. Finalmente, num paradoxo superior, Deus capacita o ser humano a ter um amor-Dádiva em relação ao próprio Deus. Existe, claro, uma percepção de que ninguém pode dar a Deus alguma coisa que ele já não possua; e se já é dele, o quê, então, você teria dado a ele? Entretanto, uma vez que é mais que óbvio que podemos nos privar de Deus, em nossas vontades e em nossos corações, nesse sentido podemos também dar a ele alguma coisa. Aquilo que é dele por direito e não existiria por um momento se deixasse de ser seu (assim como a canção pertence ao cantor), ainda assim, ele fez que fosse nosso de uma maneira em que podemos oferecê-lo livremente de volta a ele. “Nossas vontades são nossas para fazer com que sejam dele”. E como todo cristão sabe, há outra maneira de dar a Deus; todo estranho que alimentamos ou vestimos é Cristo. E isso é, aparentemente, amor-Dádiva a Deus, quer saibamos disso, quer não. O Amor de Deus pode operar naqueles que nada sabem a seu respeito. As “ovelhas” da parábola não têm a menor ideia do Deus oculto no prisioneiro a quem visitaram ou do Deus oculto em si quando fazem a visita (interpreto toda a parábola como sendo a

respeito do julgamento dos pagãos, pois ela inicia dizendo no grego que o Senhor reunirá todas “as nações” diante dele — presumivelmente, os gentios, os *goyim*).

Todos concordam que esse tipo de amor-Dádiva vem pela Graça e deveria ser chamado Caridade, mas quero acrescentar algo que não será, talvez, tão prontamente admitido. Parece-me que Deus confere duas outras dádivas: um sobrenatural amor-Necessidade de Deus e um sobrenatural amor-Necessidade de um ao outro. Com o primeiro, não quero dizer o próprio amor Apreciação de Deus, a dádiva da adoração. O pouco que tenho a dizer sobre esse assunto tão elevado — o mais elevado — virá mais tarde. Quero dizer um amor que não sonha com uma atitude de desinteresse, uma indignância sem fim. Como um rio cavando seu próprio canal, como um vinho mágico que, ao ser servido, simultaneamente cria o cálice que vai contê-lo, Deus torna nossa necessidade dele em amor--Necessidade dele. O que é ainda mais estranho é que ele cria em nós uma receptividade mais do que natural da Caridade de nossos semelhantes. A Necessidade está tão próxima da ganância e já somos tão gananciosos que isso parece ser uma graça estranha, mas não consigo tirar da cabeça que é isso mesmo que acontece.

Consideremos, em primeiro lugar, esse sobrenatural amor-Necessidade de Deus, que é concedido pela Graça. É claro que a Graça não cria a necessidade, pois esta já está presente; é “dada” (como dizem os matemáticos) pelo simples fato de sermos criaturas e é aumentada de forma incalculável por sermos criaturas afetadas pela Queda. O que a Graça concede é o reconhecimento pleno, uma consciência sensata, a aceitação completa — dessa Necessidade, pois, sem a Graça, nossos desejos e nossas necessidades estarão em conflito.

Todas aquelas expressões de indignidade, que a prática cristã coloca nos lábios dos que creem, parecem para o mundo exterior como a maneira obsequiosa, degradada e não sincera de um adulator diante de um tirano; ou, na melhor das hipóteses, seria um *façon de parler* [modo de falar], como a autodepreciação de um cavalheiro chinês quando se denomina “essa pessoa rude e analfabeta”. Na realidade, porém, elas expressam a continuamente necessária tentativa renovada de negar o conceito errado de nós

mesmos e de nossa relação com Deus, que a natureza está sempre recomendando a nós, até quando oramos. Assim que cremos que Deus nos ama, haverá um impulso para crer que ele o faz não porque é Amor, mas porque somos intrinsecamente amáveis. Os pagãos obedeciam a esse impulso descaradamente; um bom homem era “querido pelos deuses” porque era bom. Como somos mais bem ensinados, recorreremos a um subterfúgio. Longe de nós pensarmos que temos virtudes pelas quais Deus pudesse nos amar. Mas, então, como nos arrependemos de modo magnífico! Como Bunyan diz, ao descrever sua primeira e ilusória conversão: “Pensei que não houvesse na Inglaterra ninguém que agradasse a Deus mais do que eu”. Já livres disso, a seguir oferecemos a nossa própria humildade para a admiração de Deus. Claro que ele gostará *disso*? Ou, se não isso, nosso nítido e humilde reconhecimento de que ainda precisamos humildade. Assim, camada por camada e sutileza por sutileza, ainda resta uma ideia persistente de nossa própria, muito própria, atratividade. É fácil reconhecer que somos espelhos cujo brilho, se somos brilhantes, é totalmente derivado do sol que brilha sobre nós. Mas é quase impossível manter essa atitude por muito tempo. Será que não temos um pouco — mesmo que seja um pouco — de luminosidade natural? É difícil acreditar que somos *apenas* criaturas?

A Graça substitui essa absurda e retorcida Necessidade, mesmo que seja um amor-Necessidade, que jamais reconhece sua própria pobreza, por uma aceitação de nossa Necessidade que é plena, infantil e encantadora, uma felicidade em dependência total. Tornamo-nos “mendigos do contentamento”. O homem bom lamenta pelos pecados que aumentaram sua Necessidade e não está inteiramente triste pela nova Necessidade que produziram. E ele não está triste, de modo nenhum, pela Necessidade inocente que é inerente à sua condição de criatura. Pois o tempo todo, essa ilusão à qual a natureza se apegava como seu último tesouro, esse fingimento de que temos alguma coisa de nós mesmos ou que poderíamos, por uma hora, reter com nossa própria força alguma bondade que Deus fez com que caísse sobre nós, tem nos privado de ser felizes. Somos como aqueles banhistas que desejam manter seus pés — ou um pé, ou um dedo — no fundo, mas quando perder

de vista aquele apoio entregaria-se a uma gloriosa cambalhota na água. As conseqüências de separar-se de nossa última afirmação de liberdade intrínseca, poder, ou valor são a liberdade real, o poder e o valor que são realmente nossos porque Deus nos dá e porque sabemos (em outro sentido) que não são “nossos”. Anodos livrou-se de sua sombra.

Mas Deus também transforma nosso amor-Necessidade de um para com o outro e isso requer igual transformação. Na realidade, de vez em quando todos nós precisamos — alguns de nós na maior parte do tempo — daquela Caridade dos outros que, sendo o Amor de Deus neles, é capaz de amar os não amáveis. Mas esse, apesar de ser um tipo de amor de que precisamos, não é do tipo que queremos. Desejamos ser amados por nossa inteligência, beleza, generosidade, justiça, utilidade. O primeiro indício de que alguém nos oferece o amor mais elevado de todos é um choque terrível. Isso é tão bem reconhecido que pessoas maldosas fingirão nos amar com Caridade precisamente porque sabem que isso vai nos ferir. Dizer para uma pessoa que espera uma restauração da Afeição, da Amizade ou do Eros, “Eu perdoo você como cristão” é meramente um meio de continuar com a briga. Aqueles que dizem isso estão mentindo, é claro, mas a coisa não seria dita de maneira dissimulada a não ser que, se fosse verdade, pudesse ferir.

A dificuldade de receber, e de continuar recebendo, de outros um amor que não depende de nossa própria atratividade pode ser percebida num caso extremo. Imagine um homem acometido, logo após o casamento, por uma doença incurável que não irá matá-lo por muitos anos; inútil, impotente, feio, nojento; dependente do salário de sua esposa; afetado até mesmo no intelecto e sacudido por momentos de fúria incontrolável, cheio de exigências inevitáveis. Suponha que o cuidado e a pena de sua esposa sejam inesgotáveis. O homem que puder lidar com isso de maneira serena, que é capaz de receber tudo e não dar nada sem ressentimento, que é capaz de se abster até mesmo daquelas cansativas expressões de autodepreciação, que são realmente apenas um pedido por carinho e encorajamento, está fazendo alguma coisa que no amor--Necessidade em sua condição meramente natural não poderia alcançar (não há dúvida de que uma

esposa como essa também está fazendo alguma coisa que ultrapassa o alcance do amor-Dádiva natural; mas não é disso que falamos agora). Em um caso como esse, receber é mais difícil e talvez mais abençoado que dar, mas aquilo que esse exemplo extremo mostra é universal. Nós todos recebemos caridade. Existe algo em cada um de nós que não pode ser Amado de forma natural. Não é um problema dos outros o fato de não amarem isso. Apenas os amáveis podem ser amados de forma natural. Você poderia até pedir que as pessoas gostem do sabor de pão amanhecido ou do som de uma furadeira. Apesar disso, podemos ser perdoados, ser objeto de misericórdia e sermos amados com Caridade; nunca de outro modo. Todos aqueles que têm bons pais, boas esposas, bons maridos ou bons filhos podem estar certos de que algumas vezes — e talvez o tempo todo no que diz respeito a alguma característica ou hábito particular — estão recebendo Caridade, e não são amados porque são amáveis, mas porque o Amor de Deus está naqueles que os amam.

Dessa forma, uma vez que Deus entra no coração humano, ele transforma não apenas o amor-Dádiva, mas também o amor-Necessidade; não somente nosso amor--Necessidade de Deus, mas nosso amor-Necessidade do outro. É claro que essa não é a única coisa que pode acontecer. Ele poderá vir naquilo que nos parece uma missão horrível e exigir que um amor natural seja totalmente renunciado. Um chamado superior e terrível, como o de Abraão, poderá levar uma pessoa a virar as costas para seu próprio povo e sua família paterna. O Eros canalizado para um objeto proibido pode ter de ser sacrificado. Em casos assim, o processo, embora difícil de suportar, é fácil de entender. O que poderíamos mais facilmente negligenciar é a necessidade de uma transformação mesmo quando o amor natural tiver permissão de continuar.

Em casos como esse, o Amor Divino não substitui o amor natural — como se tivéssemos de jogar fora nossa prata para dar lugar ao ouro. Os amores naturais são convocados para se tornar modelos de Caridade enquanto ainda permanecem como amores naturais que são.

É possível enxergar aqui uma espécie de eco, ou rima, ou corolário da própria Encarnação. Isso não deveria nos pegar de

surpresa, pois o Autor de ambos é o mesmo. Assim como Cristo é Deus perfeito e Homem perfeito, os amores naturais são chamados para ser a Caridade e também amores naturais perfeitos. Como Deus se fez Homem “Não pela conversão da Divindade em carne, mas ao tomar a Humanidade em Deus”, o mesmo ocorre aqui; a Caridade não desaparece no mero amor natural, mas o amor natural é tomado por ela, feito instrumento afinado e obediente do Amor de Deus.

A maioria dos cristãos sabe como isso acontece. Todas as atividades (exceto o pecado) dos amores naturais podem, em hora favorável, tornar-se obras do alegre, extrovertido e grato amor-Necessidade ou do altruísta e modesto amor-Dádiva, que são ambos Caridade. Nada é nem muito trivial nem muito animal para ser transformado. Um jogo, uma piada, um drinque juntos, conversa fiada, uma caminhada, o ato de Vênus — todas essas coisas poderão ser modos pelos quais perdoamos ou recebemos perdão, em que consolamos ou somos reconciliados, nos quais “não buscamos o que é nosso”. Portanto, em nossos próprios instintos, em nossos apetites e em nossas recreações, o Amor preparou “um corpo” para si.

Mas eu disse “em hora favorável”. As horas logo passam. A transformação total e segura de um amor natural para um de Caridade é um trabalho tão difícil que talvez nenhum ser humano, depois da Queda, tenha chegado a avistar a possibilidade de fazer isso de maneira perfeita. No entanto, acredito que a lei de que amores precisam ser transformados seja inexorável.

Uma dificuldade é que, como normalmente acontece, podemos tomar o caminho errado. Depois de ter entendido esse princípio, uma família cristã ou um grupo bem expressivo e vocal poderá alardear, por meio do comportamento expansivo, mas sobretudo pelas palavras, que alcançou a Caridade — fazendo um show elaborado, espalhafatoso, embaraçoso e insuportável. Essas pessoas fazem de qualquer detalhe um tema de explícita importância espiritual — falando entre si em alto e bom som (para Deus, de joelhos, a portas fechadas, seria algo bem diferente). Estão sempre desnecessariamente pedindo ou insuportavelmente oferecendo perdão. Quem não preferiria viver com aquelas pessoas

comuns que resolvem suas discussões (e nossas) de maneira não enfática, permitindo que uma refeição, uma noite de descanso ou uma piada resolvam tudo? De todas as nossas obras, a mais real deve ser a mais secreta. O quanto for possível, segredo para nós mesmos. Nossa mão direita não deve saber o que a esquerda está fazendo. Não teríamos avançado o suficiente se brincássemos de jogar cartas com crianças “meramente” para distraí-las ou mostrar que foram perdoados. Se isso é o melhor que podemos fazer, então estamos corretos em fazê-lo. Mas seria melhor se a Caridade tivesse atingido níveis mais profundos e menos consciente da mente, tornando a diversão com as crianças algo que gostássemos de fazer naquele momento.

Estamos, porém, muito assessorados nesse trabalho necessário por aquela mesma característica da qual mais reclamamos. O convite para transformar nossos amores naturais em Caridade nunca falta; ele é oferecido pelos atritos e pelas frustrações encontrados em todos eles; evidência inequívoca de que o amor (natural) não será “suficiente” — inequívoca, a não ser que estejamos cegos por nosso egoísmo. Quando egoístas, usamos esses amores de forma absurda. “Se eu tivesse tido mais sorte com meus filhos (aquele menino se parece cada dia mais com o pai), poderia tê-los amado perfeitamente”. Mas toda criança é irritante às vezes; a maioria das crianças pode até ser odiosa. “Se meu marido fosse mais atencioso, menos preguiçoso, menos extravagante... Se minha mulher tivesse menos oscilação de humor e mais bom senso, e fosse menos extravagante... Ah, se meu pai não fosse tão conversador e ‘pão duro’.” Mas em cada um, claro que em nós mesmos, existe aquilo que requer paciência, tolerância e perdão. A necessidade de praticar essas virtudes coloca--nos, força-nos, na posição de tentar transformar — mais corretamente falando, deixar Deus transformar — nosso amor em Caridade. Esses tormentos e atritos são benéficos. Pode até ser que, onde houver poucos deles, a conversão do amor natural será mais difícil. Quando forem muitos, a necessidade de superá-lo será evidente. Superar o amor natural, quando este estiver plenamente satisfeito e tão desimpedido quanto às condições terrenas permitam — para ver que precisamos superar quando tudo parece tão bem — pode demandar uma conversão

mais sutil e uma percepção mais delicada. Dessa maneira, também poderá ser difícil ao “rico” entrar no Reino.

Ainda assim, creio que a necessidade da conversão é inexorável; pelo menos se nossos amores naturais tiverem de entrar na vida celestial. Que eles podem entrar é a convicção da maioria de nós. Podemos esperar que a ressurreição do corpo signifique também a ressurreição daquilo que pode ser chamado de nosso “corpo maior”; o tecido geral de nossa vida terrena, com suas afeições e relacionamentos. Mas somente com uma condição; não uma condição arbitrariamente posta por Deus, mas é necessariamente inerente ao caráter do Céu: nada pode entrar ali que não possa tornar-se celestial. “Carne e sangue”, mera natureza, não podem herdar esse Reino. O ser humano pode ascender ao Céu somente porque Cristo, que morreu e acendeu ao Céu, é “nele formado”. Não deveríamos pensar que a mesma coisa seja verdadeira no que diz respeito aos amores humanos? Apenas aqueles nos quais o Amor de Deus entrou vão ascender ao Amor de Deus, e estes poderão ser ressuscitados com ele somente se tiverem compartilhado de sua morte em algum grau e de alguma forma, ou seja, se o elemento natural neles se submeteu à transmutação — ano a ano, ou em alguma agonia repentina. Aquilo que é próprio desse mundo passará. O próprio nome da natureza implica transitoriedade. Os amores naturais podem ter esperança para a eternidade, somente na proporção em que permitirem a si ser tomados pela eternidade da Caridade, tendo pelo menos permitido que o processo começasse aqui no mundo, antes que venha a noite quando ninguém trabalha. E o processo envolverá sempre um tipo de morte. Não há saída. Em meu amor pela esposa ou pelo amigo o único elemento eterno é a presença transformadora do Amor de Deus. A partir dessa presença, se for real, os outros elementos poderão ter esperança, assim como os nossos corpos físicos têm esperança de ser ressuscitados dos mortos, pois isso somente é santo neles, isso somente é o Senhor.

Teólogos perguntam, às vezes, se nós “reconheceremos um ao outro” no Céu e se os relacionamentos de amor específicos desenvolvidos no mundo continuariam tendo alguma significância. Parece razoável responder: “Isso dependerá do tipo de amor em

que se transformou, ou estava se transformando, na terra”. Certamente, encontrar no mundo eterno alguém por quem seu amor neste mundo, por mais forte que tenha sido, não foi mais do que natural, não seria (nesse sentido) nem mesmo interessante. Não seria como encontrar, na vida adulta, alguém que parece ter sido um grande amigo durante o ensino médio unicamente por causa de interesses e ocupações comuns? Se não houvesse nada mais, se ele não fosse um “amigo do peito”, ele agora seria um perfeito estranho. Nenhum de vocês joga queimada agora. Você não precisa mais trocar a ajuda com a lição de francês pela ajuda com aritmética. No Céu, eu desconfio, um amor que nunca tenha incorporado o Amor de Deus seria igualmente irrelevante, pois a Natureza terminou. Tudo que não é eterno está eternamente ultrapassado.

Mas não quero encerrar nessa nota, nem me arrisco a fazê-lo — e não menos porque minhas próprias ânsias e meus terrores me levam a isso. Não desejo deixar nenhum leitor enlutado ou desolado confirmar a ilusão, amplamente conhecida, de que a reunião com seus entes queridos que já morreram seria o alvo da vida cristã. A negação disso pode parecer muito dura e irreal para os ouvidos dos que têm seu coração partido, mas isso precisa ser negado.

“Nos criaste para ti”, disse Santo Agostinho, “e o nosso coração não tem sossego enquanto não repousar em ti”. Apesar de ser tão fácil de acreditar nisso por um breve momento diante do altar ou, talvez, quando se está meio orando, meio meditando numa floresta no início da primavera, isso soaria como zombaria ao lado de um leito de morte. Mas estaríamos numa situação muito mais risível ainda se, lançando isso fora, colocássemos nosso conforto na esperança — quem sabe até com o auxílio de uma sessão espírita e da necromancia — de algum dia, dessa vez para sempre, encontrarmos nossa pessoa Amada de novo e nada mais. É difícil não imaginar que esse prolongamento sem fim da felicidade terrena seria completamente satisfatório.

No entanto, se eu puder confiar em minha própria experiência, temos aqui imediatamente uma séria advertência de que alguma coisa está errada. No momento em que tentamos usar nossa fé no outro mundo para esse propósito, essa fé enfraquece. Nos

momentos na minha vida em que ela esteve realmente forte foram aqueles em que o próprio Deus era central em meus pensamentos. Credo nele, eu poderia crer então no Céu como uma consequência, mas o processo invertido não funcionará: acreditar primeiro na reunião com a pessoa Amada e, depois, por causa dessa reunião, crer no Céu e, por fim, por causa do Céu, crer em Deus. As pessoas podem, é claro, imaginar coisas. Contudo, uma pessoa com autocrítica logo terá a percepção de que a imaginação ativa é a sua e saberá que está tecendo uma fantasia. E as pessoas mais simples notarão que os fantasmas dos quais tentam se alimentar estão vazios de qualquer conforto ou nutrição, sendo somente estimulados à alguma semelhança de realidade por esforços patéticos de auto-hipnotismo e, talvez, pelo auxílio de quadros bizarros, hinos e (o que é pior) de feiticeiros.

Vemos, assim, pela experiência que não existe benefício nenhum em buscar no Céu conforto terreno. O Céu pode dar conforto celestial; nenhum de outro tipo. E a terra também não pode dar conforto terreno. No longo prazo, não existe nenhum conforto terreno.

O sonho de encontrar nosso destino, aquilo para que fomos feitos, num Céu de amor puramente humano não pode estar correto a não ser que toda a nossa Fé esteja errada. Fomos feitos para Deus. Somente sendo de alguma forma como ele, apenas sendo uma manifestação de sua beleza, misericórdia, sabedoria ou bondade terá qualquer pessoa Amada neste mundo despertado nosso amor. Não é o caso de termos amado as pessoas demais, mas de não entender perfeitamente o que estávamos amando. Também não é o caso de deixar aquilo que nos é tão familiar para estar com um Estranho. Quando virmos a face de Deus, saberemos que sempre o conhecemos. Ele também participa, faz, sustenta e se move momento a momento no interior de todas as nossas experiências do amor inocente. Tudo de verdadeiro amor nessas experiências era, mesmo no mundo, muito mais dele que nosso, e era nosso somente por ser dele. No Céu não haverá angústia nem dever de abrir mão de nossos Amados deste mundo. Primeiro porque já o fizemos; dos retratos para o Original, dos riachos para a Fonte, das criaturas que ele tornou amáveis ao próprio Amor de Deus. Mas, em segundo

lugar, porque iremos achá-los todos nele. Ao amá-lo mais do que a eles, nós os amaremos mais do que o fazemos agora.

Tudo isso, porém, está muito distante na “terra da Trindade”, não aqui no exílio, no vale de lágrimas. Aqui embaixo, tudo é perda e renúncia. O propósito específico do luto (do modo como nos afeta) pode ter sido para nos conscientizar disso. Estamos, portanto, compelidos a tentar crer no que ainda não podemos sentir, ou seja, que Deus é a nossa verdadeira pessoa Amada. É por isso que o luto é de certa forma mais fácil para os descrentes que para nós. Ele pode se agitar e ficar furioso, praguejar contra o Universo, e (se for um gênio) escrever poemas como os de Housman ou Hardy. Mas nós, do ponto mais baixo de nossa depressão, quando o menor dos esforços parecer demasiado para nós, devemos começar a tentar aquilo que a nosso ver são impossibilidades.

“É fácil amar a Deus?”, pergunta um velho autor. “É fácil,” responde ele, “para aqueles que fazem isso”. Incluí duas Graças sob a palavra Caridade, mas Deus pode dar uma terceira — ele pode despertar no ser humano um sobrenatural amor Apreciativo por ele. De todas as dádivas, essa deveria ser a mais desejada. Aqui, não em nossos amores naturais, nem mesmo na ética, está o verdadeiro centro de toda vida humana e angelical. Com ele, todas as coisas são possíveis.

E com isso, onde um livro melhor começaria, o meu deve terminar. Não ousa prosseguir. Deus sabe, não eu, se alguma vez experimentei esse amor. Talvez eu tenha somente imaginado o sabor. Aqueles como eu, cuja imaginação vai muito além de sua obediência, estão sujeitos a uma justa penalidade; imaginamos com muita facilidade condições muito mais elevadas do que qualquer uma que realmente já alcançamos. Se descrevermos o que imaginamos, podemos fazer com que outros além de nós mesmos, creiam que já estivemos lá. E se eu tiver apenas imaginado isso, será outro engano pensar que até o imaginar tenha feito, em alguns momentos, com que todos os outros objetos de desejo — sim, mesmo a paz ou o não ter mais temores — se pareçam com brinquedos quebrados e flores murchas? Talvez. Talvez, para muitos de nós, toda experiência meramente define, por assim dizer, a forma daquela lacuna onde nosso amor a Deus deveria estar. Não é o

bastante, mas é alguma coisa. Se não podemos “praticar a presença de Deus”, então a ausência dele será algo a se praticar, ter sempre aumentada a nossa percepção de nossa não percepção, até nos sentirmos como homens que estão ao lado de uma grande cachoeira e não ouvem nenhum barulho, ou como um homem numa história que olha no espelho e não vê nenhum rosto, ou, ainda, um homem no meio de um sonho que estende a mão para objetos visíveis e não tem nenhuma sensação de tato. Saber que se está sonhando é não estar mais em perfeito sono. Todavia, para novidades do mundo completamente desperto, você deve procurar quem é melhor do que eu.

[8](#) No grego, *miseō*, isto é, odiar, detestar, amar menos. [N. E.]

Os quatro *amores*

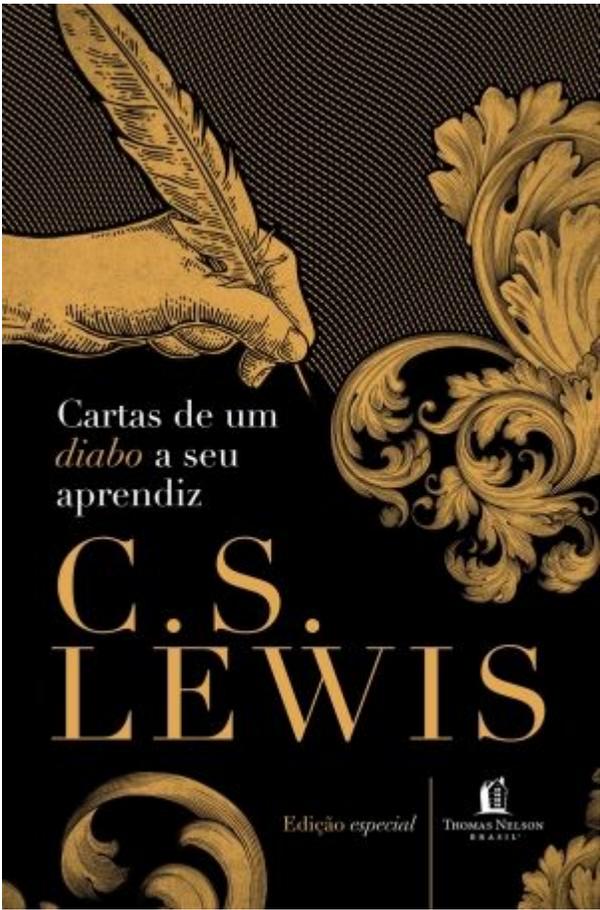
Outros livros de C. S. Lewis pela
THOMAS NELSON BRASIL

Cristianismo puro e simples

O peso da glória

Cartas de um diabo a seu aprendiz

A abolição do homem



Cartas de um
diabo a seu
aprendiz

C.S.
LEWIS

Edição especial


THOMAS NELSON
BRASILEIRA

Cartas de um diabo a seu aprendiz

Lewis, C. S.

9788578607265

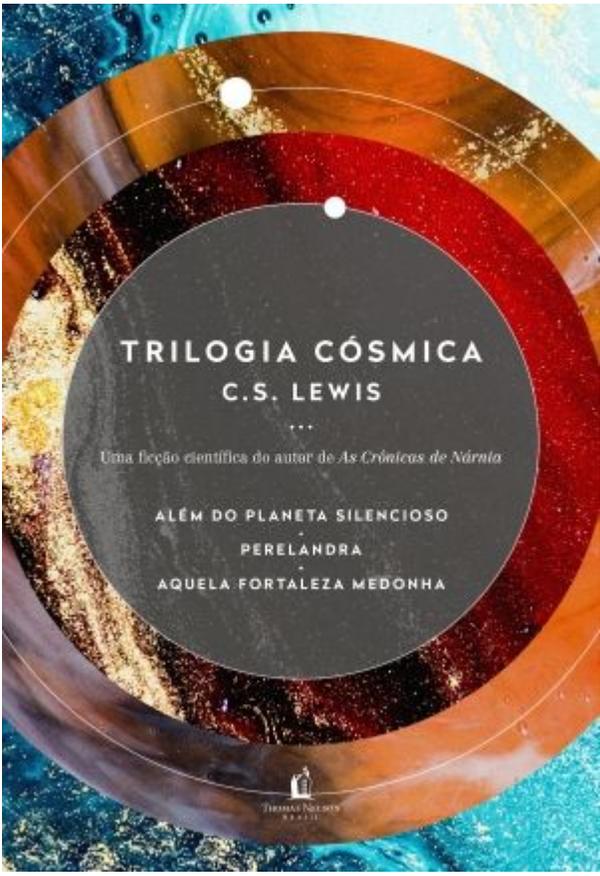
224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Irônica, astuta, irreverente. Assim pode ser descrita esta obra-prima de C.S. Lewis, dedicada a seu amigo J.R.R. Tolkien. Um clássico da literatura cristã, este retrato satírico da vida humana, feito pelo ponto de vista do diabo, tem divertido milhões de leitores desde sua primeira publicação, na década de 1940; agora com novo projeto gráfico e tradução atual.

Cartas de um diabo a seu aprendiz é a correspondência ao mesmo tempo cômica, séria e original entre um diabo e seu sobrinho aprendiz. Revelando uma personalidade mais espirituosa, Lewis apresenta nesta obra a mais envolvente narrativa já escrita sobre tentações — e a superação delas.

[Compre agora e leia](#)



TRILOGIA CÓSMICA
C.S. LEWIS

Uma ficção científica do autor de *As Crônicas de Nárnia*

ALÉM DO PLANETA SILENCIOSO
PERELANDRA
AQUELA FORTALEZA MEDONHA

THOMAS NELSON
BRASIL

Kit Trilogia Cósmica

Lewis, C. S.

9788571670426

1088 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Trilogia Cósmica criada por Lewis é resultado de uma aposta entre ele e seu grande amigo J.R.R. Tolkien. Segundo relatos, os temas foram decididos no cara ou coroa; Lewis ficou com viagem no espaço, e Tolkien com viagem no tempo.

A famosa amizade entre os dois foi eternizada pela criação do personagem principal, Elwin Ransom, professor e filólogo, assim como Tolkien. Nessas aventuras de Dr. Ransom pelo espaço, encontramos criaturas mágicas, um mundo de encantos, batalhas épicas e revelações de verdades transcendentais.

Além do planeta silencioso, primeiro livro da série, inicia as aventuras do Dr. Ransom. Sequestrado por Dr. Weston, um físico megalomaníaco e seu cúmplice, ele é levado em uma espaçonave ao planeta vermelho de Malacandra. Mas, quando chegam ao destino, Ransom escapa e se depara com outras formas de vida, enquanto pouco a pouco descobre que tem um papel central em uma trama cósmica. A sua importância fica ainda mais evidente na continuação, Perelandra, chegando a uma conclusão épica na batalha final de Aquela fortaleza medonha.

[Compre agora e leia](#)



Squire Rushnell e Louise DuArt

O PODER
DOS CASAIS
que **oram**
JUNTOS


THOMAS NELSON
BRASIL

O poder dos casais que oram juntos

Rushnell, Squire

9788578606046

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Cuidado: a leitura deste livro irá mudar seu casamento! - *Como posso melhorar meu casamento?*

- *Existe alguma dica que realmente funcione?*

- *Se tiver, isso vai dar muito trabalho?* Squire Rushnell e Louise

DuArt respondem a essas e a outras dúvidas que tantas vezes

passam pela cabeça de vários casais, não importa há quanto tempo

estejam juntos. Para os autores, cinco minutos é tempo suficiente

para revigorar o compromisso por meio da intimidade da oração.

Encontrar a melhor maneira de orar junto com o parceiro é

altamente gratificante e eficaz para renovar ou, milagrosamente,

salvar um casamento, trazendo Deus para dentro de seu lar. Em *O*

poder dos casais que oram juntos, Rushnell e DuArt usam a própria

experiência e as pesquisas realizadas pela Baylor University a fim

de comprovar a eficácia da oração para aprofundar a união e a

intimidade entre os cônjuges. Você vai conhecer também o dia a dia

de oração de casais famosos como o ator Denzel Washington e sua

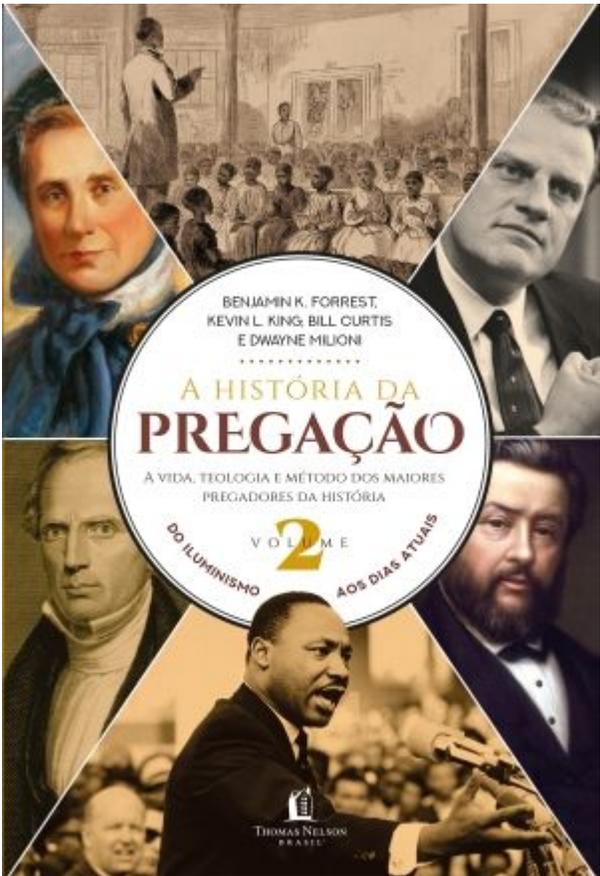
esposa Pauletta, e a cantora Donna Summer e Bruce Sudano, em

testemunhos emocionantes e reais. Divertido, esclarecedor e

poderoso, este livro irá ajudar marido e mulher a se beneficiarem de

alguns minutos diários para estar junto de seu parceiro e de Deus.

[Compre agora e leia](#)



BENJAMIN K. FORREST,
KEVIN L. KING, BILL CURTIS
E DWAYNE MILIONI

A HISTÓRIA DA
PREGAÇÃO

A VIDA, TEOLOGIA E MÉTODO DOS MAIORES
PREGADORES DA HISTÓRIA

DO ILUMINISMO
VOLUME **2**
AOS DIAS ATUAIS

THOMAS NELSON
BRASIL

A história da pregação (volume 2)

Forrest, Benjamin K.

9788571671546

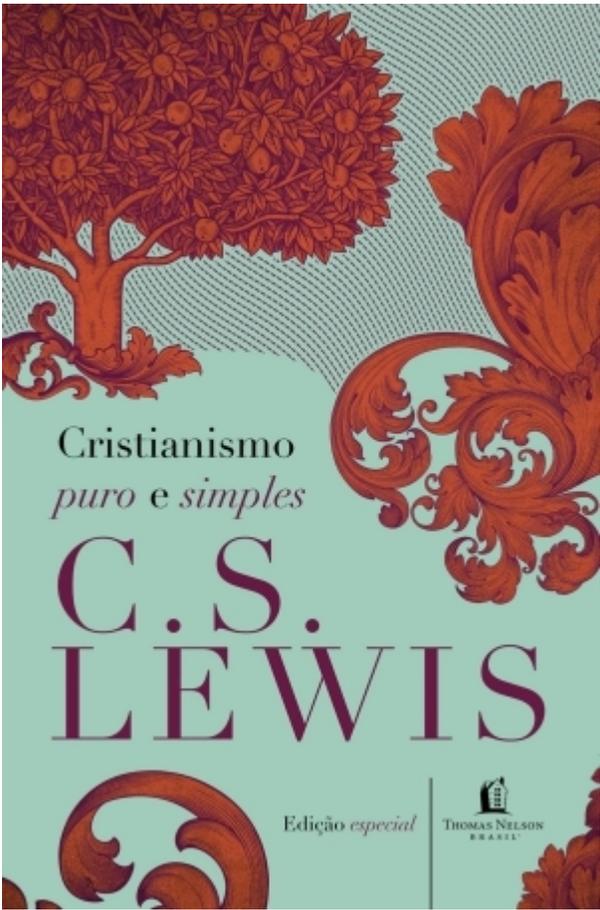
688 páginas

[Compre agora e leia](#)

Anunciar o Evangelho é uma missão. Pregar a Palavra é uma arte. Como dar atualidade à Palavra de Deus e alcançar a mente e o coração das pessoas num mundo em constante movimento? Este que sempre foi um grande desafio para os pregadores aprofundou-se a partir do período turbulento do Iluminismo. Eles tiveram de desenvolver habilidades e recursos próprios para trazer à luz a verdade das Escrituras, encontrando inspiração frequentemente na rica tradição que remete aos primeiros apóstolos. Os dois volumes da História da pregação registram o legado desses mestres a partir da vida e da teologia de diversos especialistas na divulgação do Evangelho. Cada capítulo introduz o leitor a uma figura essencial da tradição homilética, apresentando o contexto de suas reflexões e indicando suas contribuições históricas fundamentais. Por sua abordagem individual, os textos expõem os problemas específicos e as soluções abrangentes de cada pregador, contando ainda com excertos exemplares de seus sermões. Leitura indispensável para pastores, evangelistas, missionários e seminaristas. Este segundo volume percorre a história da pregação a partir do período do Iluminismo até a atualidade, examinando figuras memoráveis como Charles Simeon, Catherine Booth, Charles Spurgeon, Rodney

"Gipsy" Smith, John Jasper, Dietrich Bonhoeffer, Billy Graham, Martin Luther King Jr., entre outros. Verdadeiros clarões de espiritualidade, cuja luz ainda se faz perceber nos dias de hoje.

[Compre agora e leia](#)



Cristianismo
puro e simples

C.S.
LEWIS

Edição especial



THOMAS NELSON
WORLD

Cristianismo puro e simples

Lewis, C. S.

9788578601577

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em um dos períodos mais sombrios da humanidade, a Segunda Guerra Mundial, C.S. Lewis foi convidado pela BBC a fazer uma série de palestras pelo rádio com o intuito de explicar a fé cristã de forma simples e clara. Mais tarde, ajustado pelo próprio Lewis, esse material daria origem a *Cristianismo puro e simples*, um grande clássico da literatura.

Na obra mais popular e acessível de seu legado, Lewis apresenta os principais elementos da cosmovisão cristã, gradativamente conduzindo o leitor a temas mais profundos e complexos, provocando reflexão e debate. Nesta edição especial e com tradução de uma das maiores especialistas em Lewis do Brasil, você vai encontrar as palavras que encorajaram e fortaleceram milhares de ouvintes em tempos de guerra — e ainda reverberam mais de 70 anos depois.

[Compre agora e leia](#)